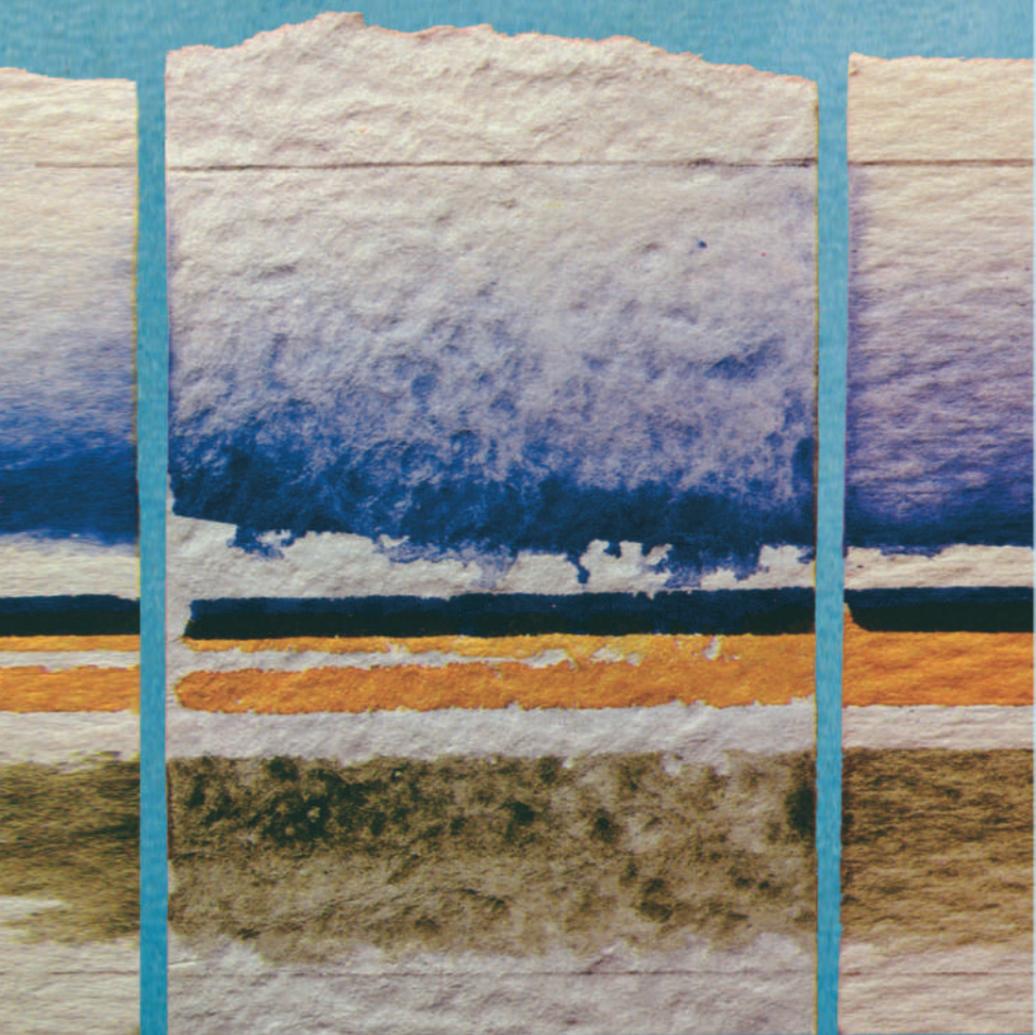


*Prisioneiros  
do  
Vento Sul*



*Adelice da Silveira Barros*

*Prisioneiros*  
*do*  
*Vento Sul*

*Contos*



*Adelice da Silveira Barros*

*Prisioneiros*  
*do*  
*Vento Sul*

*Contos*

*Goiânia*  
2002

Catálogo na Fonte  
Departamento Nacional do Livro

---

B277p

Barros, Adelice da Silveira

Prisioneiros do vento sul: contos / Adelice da Silveira Barros.

– Goiânia : Cànone Editorial, 2002.

160 p. ; 21,5 cm.

ISBN 85-87635-10-7

1. Contos brasileiros. I. Título.

CDD: B869.3

---

Copyright © 2002 Adelice da Silveira Barros

Capa: Soraia Kalil Guimarães

Arte final de capa: Marcus Lisita Rotoli

Cànone Editorial  
Rua J-2, n. 60, Setor Jaó  
CEP: 74673-140 - Goiânia-GO - Brasil  
Telefone/Fax: 0xx(62)204 1549  
E-mail: canone@ih.com.br

Impresso no Brasil  
Printed in Brazil

Para  
Lucas e Daniel: pontinhos de luz  
que justificam nosso existir.  
E para  
Célia d'Arc: amiga em qualquer  
circunstância.



## SUMÁRIO

PREFÁCIO: “Em sintonia com nosso tempo” .....	9
ALGUÉM NA MULTIDÃO .....	21
ANIVERSÁRIO DE CASAMENTO .....	29
AS DUAS PONTAS DA HISTÓRIA .....	33
DESENCONTRO. ENCONTRO .....	37
DESPOTISMO .....	43
DE VOLTA ÀS CEREJAS .....	49
ELA, A ETIQUETA .....	59
ERÓTICO NEURÓTICO .....	63
FOI COMO FOI .....	69
LIMBO .....	75
LUCIDEZ TARDIA .....	79
MULHER LIBERADA .....	83
NEM TUDO SÃO LUZES .....	89
O CANTO DO GALO .....	95
O GRITO .....	103
O TRABALHO DANIFICA O HOMEM .....	107
O VISITANTE NOTURNO .....	111

PERDIDOS NO ESPAÇO .....	117
PRIMEIRO MUNDO, <i>PERO NO MUCHO</i> .....	121
PRISIONEIRO DO VENTO SUL .....	125
ROSA ROSALINDA .....	133
SÓ PORQUE ERA SEXTA-FEIRA TREZE .....	137
TERRA NUA .....	141
TRANSMUTAÇÃO .....	145
VINGANÇA, JUSTIÇA DIVINA OU CONSPIRAÇÃO DO DIABO? .....	151
O vício de escrever .....	157

## PREFÁCIO

### EM SINTONIA COM NOSSO TEMPO

*Testemunhar seu tempo – respondi a um jovem que me perguntou qual é a função do escritor. Volto para minha máquina de escrever e peço a Deus que me ajude.*

Lygia Fagundes Telles

*P*risioneiros do vento sul é o novo livro de contos da escritora Adelice da Silveira Barros, goiana de Caçu. Nos últimos anos, sua trajetória de ficcionista vem-se consolidando num ritmo constante. Contudo, sua obra não decorre de ímpeto, de assomo juvenil. Antes, é fruto de árvore adulta, amadurecido devagar. Adelice da Silveira Barros primeiramente recolheu experiências de vida e de conhecimento, enriquecendo sua bagagem cultural em um longo período de latência para, só então, transformar sua leitura de mundo em narrativas ficcionais. Como acontece com os bons vinhos, o tempo de recolhimento apurou o sabor do produto que a autora oferece agora a seus leitores.

Nessa fase de preparação para a escrita, Adelice da Silveira Barros graduou-se em Pedagogia, na Universidade Federal de Goiás, criou sua família e consolidou sua trajetória de leitora. Iniciou-se como contista em 1997, submetendo seus textos a diversos concursos, obtendo premiações e menções honrosas dentro e fora de Goiás. O conto que dá nome a esta coletânea é um dos muitos premiados em concurso de âmbito nacional.

Em 1999 lança seu primeiro volume de contos, *Salada de capitães*. Por ter saído em edição do autor, o livro teve

repercussão discreta, mas, mesmo assim, chamou a atenção de especialistas goianos, como Darcy França Denófrío e Miguel Jorge. São 22 narrativas onde já se percebe a mão segura de uma ficcionista que domina o seu ofício e é capaz de prender a atenção do leitor nas malhas narrativas.

Um ano depois, Adeline experimenta a ficção mais estendida e lança o romance *Um jeito torto de vir ao mundo*, sem dúvida um dos momentos mais sensíveis que a Literatura Goiana já produziu nessa modalidade. Em prefácio ao livro, afirma Miguel Jorge:

Não se conta neste texto com as facilidades que, quase sempre, marcam romances de estreado no gênero. Nem mesmo com concessões de conveniência com o todo da narrativa, pois o romance é produto desse húmus brasileiro projetado para a modernidade, na certa, incorporado pelas benéficas influências de familiaridade com a leitura de bons escritores. E vem das raízes de nossa melhor cultura a essência que dá corpo e vida à prosa de Adeline da Silveira Barros.

Passado pouco mais de um ano, a autora brinda seus leitores com mais uma obra, desta vez retomando a ficção curta. *Prisioneiros do vento sul* apresenta um conjunto de 25 contos, alinhados pela ordem alfabética dos títulos. Quatro desses contos – “O canto do galo”, “De volta às cerejas”, “Ela, a etiqueta” e “Perdidos no espaço” – foram retirados do livro de estréia da autora, *Salada de capitães*.

O estilo de Adeline da Silveira Barros poderia ser descrito como enxuto, ágil e, mesmo, às vezes, sincopado. As descrições são uma constante em suas narrativas, mas, longe de retardarem o andamento das ações, impulsionam-nas, porque são descrições rápidas, que reduzem aos traços essenciais o objeto descrito, eliminando as adjetivações excessivas. Como as pinceladas curtas e nervosas dos impressionistas, limitam-se ao essencial. O seu ritmo dinâmico, aliás, exige um leitor atento, que vá completando mentalmente as cenas apenas esboçadas. Miguel Jorge já assinalara essa feição estilística

da autora ao comentar *Um jeito torto de vir ao mundo*, quando afirmava:

A autora utiliza-se de procedimentos poéticos para trabalhar a linguagem com agilidade e precisão, numa sucessão de momentos e de movimentos que englobam presente e passado, como um horizonte de possibilidades e expectativas.

Com respeito a esse seu traço estilístico, o texto que abre o volume, “Alguém na multidão”, é exemplar. Simultaneamente descritivo e dinâmico, mostra, com impressões visuais, o interesse de um jovem motorista por alguém que ele vê na rua, em meio à multidão de pedestres. A economia das descrições sugere o ritmo do trânsito e a apreensão fragmentada que o protagonista tem da moça, dividindo sua atenção entre o fluxo dos veículos e o objeto de seu desejo:

Saia justa, na altura dos joelhos. Blusa de malha, gola alta, discreta. Sapatos de salto alto. Bolsa molenga de couro marrom. Cabelos castanhos, lisos, cortados na altura dos ombros. Há no conjunto uma harmonia, digamos assim, displicente. O casaco de veludo vermelho vivo, negligentemente amarrado nos quadris, o único detalhe destoante.

No que diz respeito à construção dos textos e ao conjunto das narrativas, observa-se que o livro não cansa o leitor, porque apresenta um ritmo diversificado que vai trabalhando um grupo reduzido de temas sob diversas nuances (como um tema e variações, na música) e sob diversos tratamentos técnicos. Assim, a autora vai alternando a extensão (de breve a média), o foco narrativo (de primeira ou terceira pessoa), a perspectiva narrativa (ora feminina, ora masculina), o tom (do lírico ao lúdico, do factual ao alegórico), o cenário (definido ou impreciso) e o tempo (contemporâneo, passado ou futuro ou, até mesmo, o entrecruzar de dois desses tempos).

Engana-se quem pensa ser a leitura um ato solitário. Ela é, antes, um jogo de que tomam parte autor e leitor, cada

qual munido de seu conhecimento prévio, armado com a bagagem que acumulou durante a vida. Nas imagens recorrentes, nas alusões disseminadas, nos intertextos escondidos – em outras palavras, nas entrelinhas do texto narrativo – se processa um jogo de dissimulação e de desvelamento praticados, respectivamente, pelo autor e seu leitor. Essa feição particular do texto literário constitui seu maior desafio e seu maior fascínio. Da mesma forma que fez a esfinge do mito, também *Prisioneiros do vento sul* afronta o leitor com o desafio: “Decifra-me ou devoro-te!” Como todo texto literário que mereça esse nome, o volume de contos de Adeline da Silveira Barros requer uma atitude ativa, exige a parceria do leitor para o prosseguimento do jogo narrativo. Vejamos algumas das situações em que é preciso responder a esse chamamento do texto.

“Alguém na multidão” e “Limbo” são dois contos que se apresentam estruturados em narrativas menores, articuladas entre si. Cabe ao leitor compará-las e, da comparação, extrair um sentido, num procedimento mental semelhante ao da montagem cinematográfica (o “terceiro termo”, de Eisenstein). No primeiro conto, as duas narrativas, aparentemente desvinculadas, guardam uma relação de causa e efeito, bem como uma relação temporal de passado e presente, que só se desvendam quando o protagonista, a sós no seu quarto, desnuda corpo e alma diante do leitor, revelando-lhe a devastação feita pela AIDS. “Limbo”, por sua vez, apresenta uma narradora perplexa, que relata três fatos e um sonho sobre aborto. O contraste entre o primeiro e o segundo relato dá ao texto uma viva e amarga ironia, que causa profunda impressão no leitor, convocado a também refletir e posicionar-se diante desse tema polêmico.

A mesma atitude ativa, de comparar e tirar conclusões, é exigida na leitura das narrativas “De volta às cerejas”, “O canto do galo” e “Prisioneiros do vento sul”. Esses contos dialogam, respectivamente, com textos antológicos de Lygia Fagundes Telles, Machado de Assis e Clarice Lispector, recebendo, cada um deles, um tratamento diverso.

O primeiro reescreve “As cerejas” (do livro *O jardim selvagem*), à semelhança do que se vê na série *Outras palavras*, da Editora Atual. A autora retoma a história original, situando a ação quinze ou vinte anos mais tarde, e descreve o retorno da protagonista – agora batizada de Lígia, numa homenagem à escritora – à chácara de sua meninice onde reencontra Madrinha e a velha empregada. O retraimento da protagonista de Lygia e a contrastante autonomia da de Adelice acham sua configuração num artifício técnico, que é a hesitação do narrador de terceira pessoa, ora afastando-se numa visão mais isenta, ora se aproximando, aderido à consciência de um ou outro personagem (até mesmo de um tímido lagarto), num interessante efeito estilístico.

Por sua vez, “Missa do galo” (de *Páginas recolhidas*), pequena obra prima de Machado de Assis, passa por um processo de atualização. A ação, que Machado datara como sendo “pelos anos de 1861 ou 1862”, salta mais de um século e transfere-se para 1973. Os principais elementos, contudo, são mantidos, inclusive a memória do narrador, agora adulto, presa a um episódio aparentemente banal de sua adolescência numa república de estudantes. O leitor familiarizado com Machado tem o prazer de ir confrontando, passo a passo, o desenrolar da conversa ambígua, cheia de subentendidos, mantida na véspera de Natal, entre o jovem estudante e a mulher carente de afeto. Como se vê no volume *Missa do galo: variações sobre o mesmo tema*, este é mais um exercício criativo que homenageia nosso ficcionista maior.

“Prisioneiros do vento sul” retoma *A paixão segundo GH*, num preito a Clarice Lispector. O perfil dos personagens dessa grande escritora, sempre enclausurados em suas dúvidas existenciais, ganha um contraponto à *la lettre* no enclausuramento físico do protagonista de Adelice, um jovem caseiro, confinado no interior de uma casa de praia, por força do gélido vento sul. Ao espanar os livros da estante, defronta-se com o volume de Clarice e, logo após, com uma barata. A reação do rapaz à leitura do romance evidencia o que Poe afirmava: durante a leitura, a alma do leitor está à mercê do

escritor. A força da palavra literária, aliada aos uivos do vento, ao céu de chumbo e à solidão, cria uma atmosfera propícia para que a vida imite a arte. É quando o jovem surfista, sem saber como ou por quê (no outro dia pensará ter sonhado), reprisa o ato da protagonista de *A paixão segundo GH*, comendo as vísceras esmagadas da barata.

Muitas narrativas de *Prisioneiros do vento sul* seguram a atenção do leitor muito além do desfecho, uma vez que o convocam a decidir-se pelo final, que fica ambíguo, em aberto ou apenas esboçado. É o caso, por exemplo, do já mencionado “Alguém na multidão”, em que se tem a impressão – mas não a certeza – de que o protagonista irá cometer o suicídio. Procedimento análogo, de delegar ao leitor o poder de fechar a narrativa, também se vê em “Erótico neurótico” e em “Foi como foi”. Neste último, o título parece apontar para um desfecho feliz, sugerindo que a protagonista está contando ao leitor como foi que conheceu seu amado. Contudo, o texto não avança além da sugestão, cabendo ao leitor o último lance do xadrez que rege a vida dos personagens de Adalice.

Outros textos há em que o leitor é desafiado não a determinar o rumo das ações implícitas, mas a definir o sentido das ações explícitas. É o caso de diversos contos que transitam nas fronteiras às vezes bastante imprecisas que limitam o maravilhoso, o estranho, o fantástico e o alegórico. “Mulher liberada” é um conto que se detém no limite entre a liberação e a libertinagem. O narcisismo e a exacerbação dos sentidos movem a protagonista, uma jovem universitária. A ação é toda marcada no espaço urbano de Goiânia: Madá deixa o campus da universidade, segue pela Avenida Independência, entra na Marginal Botafogo, toma a direção do Shopping Flamboyant, mas decide parar o carro e expor-se ao sol no estacionamento do Estádio Serradourada. A erotização da protagonista, o ambiente em que se move e o assalto ou seqüestro de que é vítima vão dando ao leitor a mesma impressão de familiaridade e de previsibilidade das páginas do jornal. Súbito, a ação dá uma guinada e ganha contornos de um auto-de-fé medieval. O leitor, então, oscila entre uma explicação racional (seria

uma farsa?) e uma sobrenatural (a jovem, transportada para outra época, passou de liberada a pecadora?), sem conseguir decidir-se por nenhuma das duas. É nessa brecha que se instaura o clima fantástico.

O mesmo fenômeno de trânsito insensível do presente ao passado reaparece em “Transmutação”, porém com uma atmosfera de mais leveza e frivolidade, condizente com o cenário de Versalhes, onde uma turista se perde do grupo de visitantes e mergulha na corte francesa do século XVII. Os trajes da época e as maneiras cavalheirescas de seu guia apontam para o passado, mas o cartão de crédito e o passaporte na bolsa são um penhor do presente, e é com inquietação que o leitor se pergunta, junto com a protagonista: “Mas o tempo, essa coisa inexplicável, iria passar... ou não?”

Contos há em que o acontecimento insólito aproxima-se mais da metáfora ou da alegoria. “As duas pontas da história” é um desses textos. Traça o percurso milenar da mulher, convertida em imagem exemplar do gênero. Narrado em primeira pessoa, revela uma perspectiva não apenas feminina, mas abertamente feminista. Como um filme que fosse rodado em câmara acelerada, mostra a trajetória da mulher ao longo dos séculos e milênios, computando sucessivos lucros e perdas, e concluindo, numa alusão a Pandora, a primeira mulher, segundo os gregos: “Bendita seja a mulher que sabe esvaziar sua caixa sem abdicar da esperança”.

Por outro lado, “Lucidez tardia” é o avesso da metáfora, ou melhor, é a metáfora tomada ao pé da letra. Neste conto, a expressão figurada “boi de piranha”, aplicada popularmente aos que são punidos para que outros saiam ilesos, é tomada literalmente. A narrativa, feita em primeira pessoa pelo protagonista, é muito convincente. Envolvido em rendosa negociata, um homem descobre haver-se transformado em touro, escolhido para ser lançado às piranhas para que a boiada possa passar em segurança. Somente aos poucos ele se dá conta de sua metamorfose e de seu destino funesto. O conto se fecha com o início da carnificina e o último pensamento da vítima: “Enquanto me devoram, sou mais lúcido do que nunca. Sei.

Sou boi, boi de piranha. O nojo que sinto de tudo, de mim principalmente, esse é humano”.

A metamorfose em animal reaparece, com tintas menos carregadas, no último conto do volume, “Vingança, justiça divina ou conspiração do diabo?”, um dos textos que trabalham lembranças do colégio. O antagonismo entre a narradora e sua gorda e invejosa colega de classe lembra a situação do conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector. Se no conto de Clarice o objeto de desejo da narradora era um livro de Lobato e o tom era melancólico, no de Adalice o pivô da disputa é um simpático garoto, e o desfecho – em que a metamorfose ocorre – tem um tom anedótico.

Quando se considera a temática dos contos de *Prisioneiros do vento sul*, conclui-se que a autora testemunha seu tempo. Seus temas vão do trivial, beirando a crônica, como em “Primeiro mundo, pero no mucho”, ao insólito, como em “Transmutação”. Pela via introspectiva, a autora move-se na memória dos personagens, viajando no tempo: ora são reminiscências do passado, o que inclui um recuo à infância, como em “Rosa Rosalinda”, ou ao tempo de escola, como se pode constatar em “O canto do galo”, “O grito” e “Vingança, justiça divina ou conspiração do diabo?” Mais do que uma mirada nostálgica, trata-se de um olhar crítico sobre o passado. Novamente, do contraste entre dois tempos, o leitor é desafiado a comparar, avaliar e tirar conclusões.

“Nada fácil testemunhar este mundo com tudo o que tem de bom. De ruim”, diria Lygia Fagundes Telles. É principalmente nos temas abordados por essas narrativas que se pode vislumbrar com maior clareza o olhar avaliativo com que Adalice analisa a sociedade de hoje, com seus vícios e desvios, seus descasos e seus abusos. Na avaliação que faz, deixa entrever também a escala de valores que lhe serve de parâmetro e medida. Entre os temas recorrentes na ficção da autora, citam-se, entre outros, os desencontros amorosos, a corrupção, o afrouxamento da moralidade, o consumismo.

As relações amorosas, com seus encontros e desencontros, é tema central em diversas narrativas. Quando a ciência

registra vinte anos do surgimento da AIDS, é emblemático que essa doença constitua o nó do conflito da primeira história do livro, “Alguém na multidão”. Depois da peste negra medieval, dos surtos de cólera, poliomielite, sífilis e tuberculose de séculos mais recentes, a AIDS se instalou na esteira da liberação sexual do final do século XX, como um estigma e um desafio.

O protagonista do conto divide sua vida em dois tempos: antes e depois da descoberta da doença, e a própria narrativa assim também se estrutura, dividida em duas partes distintas, separadas por duplo espaçamento. O jovem vigoroso e inseqüente, cometendo loucuras na sua busca desenfreada pelos prazeres do sexo não é reconhecido pelo leitor no homem magro e alquebrado, precocemente envelhecido, que bate à porta da casa paterna. Adeline, sem dúvida, testemunha seu tempo.

Em “Alguém na multidão”, o conflito se instala com a descoberta da AIDS. O primeiro sinal da doença, uma mancha vermelha sob o seio da moça, é inicialmente entendido como um atrativo extra, uma face nova e sedutora da amante. Logo, porém, revela seu real significado ao repetir-se no peito do rapaz. Essa ambigüidade recebe um tratamento simbólico no contraponto que a autora vai fazendo ao longo do texto com os frutos maduros da cerejeira do jardim da casa do pai, de cor idêntica à das lesões que traz no corpo:

Enrolado como um caracol apodrecido, um fedor de fossa que nem ele suporta mais, toca de leve a pureza do macio fruto da cerejeira: maduro, viçoso, vermelho escuro, sangue bom, descontaminado. Sangue de vida sadia.

O aproveitamento das potencialidades simbólicas das palavras e imagens é bastante freqüente nas ficções de Adeline, conferindo-lhes um aprofundamento maior. Esse procedimento alcança, às vezes, o próprio nome dos personagens, conforme se pode observar em pelo menos dois contos, “Nem tudo são luzes” e “Rosa Rosalinda”.

*Nomen est omen*, diziam os romanos. Lucimar, a protagonista de “Nem tudo são luzes”, traz em seu nome a idiossincrasia de seu comportamento: só se sente bem em ambientes iluminados. A luz fica sempre acesa em seu quarto, somente dorme depois de o sol nascido. “Ignora completamente a linha divisória que separa o dia da noite” e teme que, com as trevas, corra o risco de enfrentar a Morte. Se o nome desse personagem atua como um reforço a seu perfil psicológico, no outro conto mencionado o nome relaciona-se por oposição à sua dona, atuando, pois, como uma ironia. De fato, Rosa Rosalinda é pobre, feia e retardada, nada tem da flor ou da beleza anunciadas pelo nome. O texto trabalha o tema dos limites entre a normalidade e a aberração, entre a identidade e o anonimato, com grande sensibilidade.

Nem todos os contos estruturam-se em tons tão dramáticos quanto “Alguém na multidão”, ou em nuances simbólicas como esses. Outros há que registram o início, o fim ou o lento desgaste das relações amorosas através de situações mais prosaicas, com tons que vão do irônico, ou caricatural, ao jocoso. “Foi como foi”, “Só porque era sexta-feira treze”, “Desencontro. Encontro” e “Aniversário de casamento” exemplificam essa gama variada de situações.

O confronto entre a honestidade e a corrupção, outra das muitas marcas de nosso tempo, recebe tratamento diverso em dois contos: “Lucidez tardia” e “O trabalho danifica o homem”. A ânsia pelo lucro fácil por meio de negócios escusos, conforme vimos, levou o protagonista desse primeiro conto a converter-se, literalmente, em boi de piranha, sendo, pois, punido (pelo menos alegoricamente) pela sua desonestidade.

O segundo conto, muito breve, estrutura-se predominantemente em ações internas, com eventuais intromissões de ações externas. O leitor acompanha o fluxo da consciência do protagonista, um pedreiro que viaja de pé num ônibus lotado. Seu pensamento dá voltas e mais voltas em torno de duas imagens, a de seu amigo Vado, um sujeito que trabalha pouco e ganha muito; e uma frase, que obsessivamente tenta lembrar com precisão: *O trabalho danifica* (ou seria: *dignifica*?)

*o homem*. Compara mentalmente a vida mansa do amigo e a sua, árdua, a inveja falando alto, e a conclusão: O trabalho danifica o homem, é claro. Uma brecada diante do corpo ensanguentado de um traficante, abatido pela polícia, faz o protagonista corrigir a frase: O trabalho dignifica o homem. O corpo era de Vado.

O afrouxamento da moralidade e da ética, valores que perderam suas fronteiras nítidas nas últimas décadas, dando lugar à hipocrisia, transparece em alguns contos, como “Erótico neurótico”, “Primeiro mundo, pero no mucho” e “Mulher liberada”. Outra face da sociedade de hoje a merecer o registro da autora é o consumismo, que leva o cidadão a querer sempre mais e a conformar seus desejos ao prestígio e ao preço que os produtos têm no mercado. O olho crítico de Adelice analisa esse viés em pelo menos duas narrativas: “Ela, a etiqueta” e “Perdidos no espaço”.

Estes dois contos, originalmente publicados em *Salada de capitães*, têm foco narrativo semelhante, sendo narrados em terceira pessoa, a partir de uma perspectiva masculina. O primeiro deles ambienta-se claramente em Goiânia, defronte a um dos *shopping centers* da cidade, às dezoito horas, “hora do *rush* e do *cooper*”. A determinação do horário através de duas palavras inglesas já vai antecipando o clima de padronização do gosto a que os jovens de hoje se entregam, numa espécie de colonização voluntária. O protagonista reencontra uma ex-colega de classe, que o trata com familiaridade, embora ele não consiga localizá-la em seus arquivos de memória. Enquanto conversam amenidades, ele vai analisando-a, em busca de um índice qualquer que a identifique. Desfilam a seus olhos marcas famosas: Vuarnet, Forum, Zoomp, M. Officer, Victor Hugo, Chanel, Reebok. Uma garota igual a milhares de outras. Só na despedida, quando ela, afinal, tira os óculos de sol, ele a reconhece, mas é tarde demais, a Honda já vai longe. É um texto interessante, que satiriza sutilmente a onda de consumismo de nosso tempo.

“Perdidos no espaço” é outro conto de muito originalidade. O tema parece banal: a dificuldade de o protagonista

acostumar-se ao recém-inaugurado apartamento, imenso, comparado ao anterior. A autora consegue captar muito bem o estranhamento ao novo, a sensação de perda por deixar para trás o espaço conhecido e a sensação de desamparo que acomete o personagem.

Nos dois contos, além da crítica ao consumismo, que força o homem de hoje a criar novas necessidades, sempre insatisfeito com o que possui, desponta a busca pela humanidade perdida. O jovem, mergulhando, ainda que fugazmente, no olhar desnudo de sua antiga paixão; o homem maduro, procurando o aconchego da esposa e dos livros no pequeno espaço de seu amplo apartamento, que é seu escritório. Também o leitor pode encontrar, no aconchego das páginas de *Prisioneiros do vento sul*, um refúgio que lhe dá matéria de entretenimento e de reflexão crítica sobre o mundo em que vivemos.

Goiânia, dezembro de 2001  
Vera Maria Tietzmann Silva

## ALGUÉM NA MULTIDÃO\*

*Bom é ser árvore, vento,  
sua grandeza inconsciente;  
e não pensar, não temer,  
ser, apenas: altamente.*

Marly de Oliveira

Saia justa, na altura dos joelhos. Blusa de malha, gola alta, discreta. Sapatos de salto alto. Bolsa molenga de couro marrom. Cabelos castanhos, lisos, cortados na altura dos ombros. Há no conjunto uma harmonia, digamos assim, displicente. O casaco de veludo vermelho-vivo, negligentemente amarrado nos quadris, o único detalhe destoante. Jeito de universitária aplicada, boa menina, de secretária eficiente. Ele se amarra no modo comportado de ser da garota. Atravessando a rua, sem pressa, ela pisa firme a faixa de pedestres. Passa quase roçando o pára-choque do Corsa verde-bandeira, ele ao volante, atento a cada movimento dela. Indiferentes, seus olhos encontram o olhar guloso do rapaz. Ele tenta uma mensagem. Ela vira as costas, caminhando tranqüilamente em sentido contrário ao seu. Pelo retrovisor, acompanha, ansioso, os passos seguros, indo para onde? Buzinas impacientes gritam avisando que o sinal abriu. Um último olhar e ela está perdida. Tem endereço, uma vida, mas

---

\* Conto premiado em concurso da Câmara Brasileira de Jovens Escritores do Rio de Janeiro, com publicação na *II Antologia 2001*, Prêmios Pórtico, Rio de Janeiro.

onde? Se quer mesmo saber, tem de agir com rapidez. É ali, naquele infeliz momento de precipitação, que ele comete a grande besteira de sua vida. Sabe como é, a gente faz muitas delas, mas aquela foi a grande, a maior de todas. Quando vem o arrependimento, é tarde. Dá uma guinada no volante e entre gritos de O quê é isso, ficou louco?!, sobe no passeio meio que atropelando um bando de transeuntes apalermados; raspa, arranha as portas de uma Besta (quando a besta é ele) e, sob uma chuva cerrada de palavrões e xingatório, ganha novamente a rua, na contramão. Acha legal (no outro sentido) navegar contra a maré de tantos carros. Todos indo e só ele voltando. As caras, meu Deus, são demais! Sabe que está sendo ridículo ao se comportar como um garotão irresponsável. Ao diabo a responsabilidade, o relógio! Finalmente, alcança a esquina. Só lhe resta uma saída: virar à esquerda. Se ela tiver seguido em frente ou virado à direita... bye, bye, estará perdida para ele. Coloca uma das mãos para fora do veículo e, apertando o polegar contra o indicador, grita com vontade, Toma, fodam-se, calhordas! Cantando pneu, pega a rua que lhe é de direito. Cadê a moça? O coração bate aflito. Tanta besteira por nada? No meio do quarteirão avista a garota navegando na massa. Aliviado, estaciona na primeira vaga. Com uma leve sensação de culpa, escorrega para dentro do bolso a aliança de casado. Caminha ao lado da garota. De perto ela é ainda mais interessante. A pele morena, de tão fina parece transparente. Fala, Oi!, tentando ser natural. Então, sente que ela olha para ele pela primeira vez. Nunca teve dificuldade com mulheres. Soube sempre lidar com elas. Aquela é uma situação inédita de indecisão. Há dubiedade naquele olhar onde franqueza e cinismo se misturam.

Sabe que a espera é inevitável. Adivinha uma certa dificuldade no corpo que se ergue da poltrona, a coluna meio curva, endireitando-se aos poucos; passos meio trôpegos. De tão silenciosa, a casa parece desabitada. Começa a desejar

que assim seja, que ninguém venha atender à porta. A coluna recolocada no lugar, uma quase agilidade no andar. Mede a distância entre o portãozinho azul, a porta de entrada e a esquina. Se agir com rapidez, ainda haverá tempo para escapar. Coloca uma das mãos sobre o suporte da mala, sabendo que é tarde. Um leve toque de dedos ligeiramente trêmulos no interruptor e o jardim se revela inteiro. O verde intenso dos galhos da cerejeira, os frutos vermelhos, rubros. Púrpura. Um vento de arrepio levanta a espessa camada de folhas secas. Segura firme o aro da mala tentando encontrar no bolso do casaco um maço de cigarros (se nem fumar, fuma), uma chave, qualquer coisa que possa ocupar seus dedos trêmulos. A porta é aberta. À distância, medem-se; a tranqüilidade de um aumentando o nervosismo do outro. Não há censura nem surpresa na voz que pergunta: Por que não avisou? Teria ido buscá-lo. Não quis incomodar, tomei um táxi. Incomodar? Que é isso, você não incomoda nunca! Vamos, entre. No espaço que separa o portão da porta de entrada, morrem os dois tragados pelo negrume da sombra da cerejeira. Entre, filho, entre. Deixe aí a sua mala, depois a gente sobe. Fala apressado como se tivesse urgência, desejando esconder a emoção, os sentimentos. Chegou bem a tempo de dividirmos a sopa. Comi no avião, pai. Uma chávena de chocolate, então? Atravessam a sala comprida, o filho quase empurrado pelo pai, sem tempo para cumprimentar a casa; entram na longa e vazia sala de jantar, a mesa enorme, dez cadeiras calmamente sentadas, numa espera discreta. Finalmente respiram o ar cuidadosamente espanado da saleta de almoço. O cheiro adocicado de uma refeição ligeira aguarda-os. Sente-se, filho, aqui. Chocolate? Nossa, não sei há quanto tempo não experimento! Há quanto tempo, hein!? Quase dois anos, não? Por aí. Posso saber que motivo o traz, assim, sem nenhum aviso? Faz a pergunta acendendo a chama do fogão, colocando xícaras e talheres sobre a mesa, sem encarar o filho, com medo da resposta, talvez. Saudade, pai. Só saudade. Uma saudade enorme de você, deste lugar, de tudo... de mim. Responde, olhando a brancura das paredes azulejadas, a disposição

organizada da louça branca – herança da avó portuguesa – na cristaleira. Os mesmos quadrinhos de frutas coloridas nas paredes. Sobre a estante de madeira recortada, a coleção de galos portugueses. Tão diferente de seu apartamento onde o telefone toca sob monturos de desordem: roupa suja, papéis espalhados. Para piorar, nos últimos tempos, a lama fétida manchando móveis, piso, paredes. Como você é organizado, pai, nem parece casa de solteiro. É coisa da Maria Alcinda. Se lembra dela? Continua vindo aqui duas vezes por semana. Lava, passa esfrega com tanta força! Parece até que tem ânsia de limpar o mundo de toda mancha. Varrer a sujeira da terra. Também prepara umas comidas que às vezes nem experimento. Na semana seguinte, faz tudo de novo. Um zelo a coitada da Maria Alcinda. Diz que sua mãe pediu, antes de morrer. Eu duvido. Do fundo do pesado casaco, sente um arrepio úmido. Finalmente quieto, amassando distraído uns restos de pão, o pai encara o filho de frente, analisando. Acho você mais magro, bem mais. Algum problema? Só então, ele percebe a presença do gato, um animal preto, entrando de mansinho. O pêlo reluzindo, macio. Gato preto?! Credo, pai, não é sabido que trazem azar? É o Pita. Não foi decisão minha. Apareceu de mansinho, foi negaceando, trapaceando, ganhando espaço. Manso que só. Agora a casa é mais dele que minha. Vem, Pita! O gato pula, um pulo de mestre no colo do velho. Aninha-se com jeito de dono. Aperta os olhos verdes amarelados analisando o visitante. Quietamente aguarda a resposta. Algum problema, filho? Problema? Que idéia, pai, problema nenhum. Só pensei, quem sabe trabalho, saúde... Os olhos do gato arredondam-se, atentos. Tá tudo em cima, pai, até ampliei o escritório. Agora somos cinco advogados. Vai ver é isso, excesso de trabalho, esse tal de estresse de que tanto se fala. Não vá ao pote com tanta sede, menino, saúde é o que conta. O peso do casaco, o chocolate quente. Um suor frio, pegajoso. Os olhos impiedosos do gato. Mexe inquieto na cadeira, mudando de assunto. E a sua vida, como anda, velho, não se sente sozinho neste casarão? A gente se acostuma. Tenho o rio, minha canoa, o carteador de vez em quando. As meninas

aparecem com os filhos, quando dá. Se tivesse avisado, estariam todos aqui, agora. Vou levando sem pressa. Tem também sua mãe. Tem? Ela me faz companhia, sabe? Faz? As mulheres têm esse dom. Não desaparecem assim. Continuam entranhadas na casa, mostrando os jeitos, resguardando as manias. Brincadeira, eu sei, você foi sempre assim, brincalhão, tranqüilo, né pai? Queria tanto ter puxado esse seu temperamento calmo. Você? Pagava pra ver! Foi sempre agitado, querendo abarcar o mundo com as pernas, ter tudo ao mesmo tempo, um bando de amigos, de namoradas. Nisso você tem razão, lembra da vez que eu despenquei do alto do morro, com a bicicleta? Se me lembro... Também andar de bicicleta e soltar pipa ao mesmo tempo, tinha de dar no que deu. Duas fraturas. Ainda tem as marcas? Marcas? As cicatrizes. Acho que tenho. São tantas as marcas, as cicatrizes! Talvez fosse aquela a hora da verdade que nenhum dos dois desejava encarar. Calam-se, repentinamente distantes, mergulhados no tempo. No passado. E a Sandrinha? A gente não se vê mais, pai, faz tempo. Não? Mas por quê? Não que eu goste realmente dela. Me aborrece o fato de ter sido ela a causa da sua separação. Tão sincera, correta a Ana Lúcia. Contava certo que seria ela a mãe de seus filhos. Mas já que se separaram por que não se casar com a outra? Sei lá, pai, não deu certo, talvez não fosse um amor assim tão grande. Se foi forte o bastante para desmoronar seu casamento, tem que ser verdadeiro. Não é bom ficar solteiro, não no momento. Tantos perigos... Sei lá, pai, grande ou pequeno, não deu certo, é isso que sei. Além disso, você também está solteiro, não corre perigo? Eu? Que idéia, sou um velho aposentado dessas coisas. Velho, você? Está mais novo que eu. O gato levanta a cabeça, medindo maliciosamente os dois homens. Um cão late na vizinhança, arrepiando o rabo do gato. O vento arrepia a camada de folhas, no jardim. Cruza os braços apertando o casaco contra o peito magro, num arrepio de mau agouro. Tosse, uma tosse cavernosa, seca. Não me agrada nada essa sua tosse de cachorro, não mesmo! Voltou a fumar? Não. Acho que estou cansado, só isso. Suba, então. Descanse bem.

Amanhã podemos pescar, como nos velhos tempos. Pescar? Pescar, nadar, é uma idéia assim tão absurda? Não. É que parece que tudo aconteceu há tanto tempo, em um outro lugar, com outras pessoas. Tudo bem. A gente vê amanhã, então. Quer o mesmo quarto? Pode ser. Tem roupa limpa no armário do corredor. Levanta-se, a coluna meio curva. Vai pegando apressado a louça usada. Quantos anos pai, setenta e sete, é isso? Completados em junho. Mãos ágeis pra idade, poucas manchas, um tremorzinho de nada. Num esforço, ergue por inteiro o corpo magro, sem vontade. Atravessa a sala sentindo o peso dos olhos desconfiados da mãe, no escuro de cada canto. Pega a mala. Boa noite, pai. Durma em paz, filho. Eu subo logo. Cada degrau é um sacrifício. Tranca a porta, na última resistência.

Finalmente sozinho, pode retirar a máscara. O corpo, tomado por um calor incômodo, treme indefeso. Abre inteiramente a janela à procura de ar fresco. Fica surpreso com a proximidade dos galhos da cerejeira, quase invadindo o aposento. Redondas, vermelhas. Púrpura. Retira o pesado casaco, parte de seu disfarce agora desnecessário, e, lentamente, como num ritual sagrado, vai desabotoando os botões da camisa, um a um. O espelho grande do armário, onde mesmo? Na última porta da direita. Sabe que está sendo impiedoso com o espelho, masoquista, ao mesmo tempo em que reconhece a necessidade, o imperativo do gesto. Entrega-se à autoflagelação da qual não pode nem deseja fugir. No fundo do espelho grande do quarto arejado de um menino alegre, encontra o olhar assustado de um homem, animal acuado, profundamente ferido. Tórax nu, clavículas salientes. Expostos, os ossos da caixa torácica formam uma armadura agressiva, ameaçando romper a pele ressequida. Peito arfante, coberto de pêlos amarfanhados, entremeados de fios brancos. Dedos amargurados passeiam sob a opacidade da plumagem gasta. Acaricia cada uma das manchas escarlates que sobem e descem acompanhando o sinistro vaivém de uma respiração quase impossível. Púrpura. Nunca como agora odiou aquela manifestação inconveniente. Lembra-se da primeira vez que viu uma

daquelas manchas. Parecia inocente, meio escondida debaixo do seio esquerdo de Sandrinha. Pensei que te conhecesse inteira mas essa pinta eu não tinha visto antes, é nova? Ficou assustado? É o que você está pensando mesmo. Mas eu não pensei nada. Só achei bonita, vermelho-escuro. Púrpura. Da cor dos tronos, das vestimentas régias. Dignidade cardialícia, essas coisas ligadas à realeza. Poder de montão. Bonita. Estranho não ter visto antes! Enquanto fala, passeia os dedos sobre a pinta, invadidos, os dois, por uma nova excitação, a pele dela arrepiada, mamilos intumescidos. Percebe na moça um desejo de posse mais agressivo que nunca. Enlouquecidos, rolam sobre a maciez vermelha do tapete. Isso merece comemoração. Casa comigo agora, Sandrinha, menina sapeca, todo dia uma novidade. Caso, mas amanhã. Basta por hoje. Faz uma cara maliciosa. Hoje ainda tenho que enfrentar a tara do meu chefe broxa, olhos de peixe e rabo morto. Se é broxa não pode ser tarado. Esse é o problema, ele é do pior tipo. Daqueles que tentam, tentam e nada. Vira idéia fixa. Ei! Qual é a dele? Ainda acerto a cara sonsa desse tipo! Que nada, sei me defender das investidas frouxas do broxa. Agora, é sério, tenho que ir. Fica mais um pouquinho, o tempo de uma mamadinha nesse peitinho durinho, fica! Não e não. Te conheço, começa assim, depois... Amanhã você não me escapa. Será o nosso grande dia. Vem de noiva, tá? Mais tarde, ele se lembraria: ao se despedir, os olhos dela eram os do primeiro dia, ambíguos. Não veio no dia seguinte nem nunca mais. No escritório não sabiam dela. Mudou de endereço, escafedeu-se. Ele sofreu, sofreu muito, no início. Depois se esqueceu, até o dia em que viu a mancha na própria pele. Sozinho, sem necessidade de fingimento, a dor ataca fundo, o coração batendo cavernoso no estômago nauseado, espasmos sufocando o ventre espremido em cólicas insuportáveis. A coluna mais curva que a do velho, um rato envenenado coberto de picadas de incontáveis agulhas, novas experiências, vôos cada vez mais longos, mais loucos, mais difíceis. Sexo por sexo, corpos exaustos se enroscando no bafo azedo de madrugadas cinzas; suor, esperma e vômito misturados na acidez de mais uma

noite perdida. A saliva grossa esparramada sobre o travesseiro maldividido. O olhar fixo no teto. Falta absoluta de coragem para enfrentar um novo dia que desponta despudoradamente radioso. Ele próprio, um molusco gastrópode, um vermelho verme púrpura de sangue contaminado, navegando pegajosos limos de fossos medievais, cada veia um esgoto gosmento, contagiando outras carnes, esvaindo-se em vômitos e excrementos, manchando a pureza do escandalizado quarto de um menino puro. Cru demais, insuportavelmente sórdido. Uma picada, umazinha apenas, a última, e estará tudo resolvido. Passa o tremor descontrolado das mãos. A ridícula sensação de medo quando nunca antes pensou em perigo. Fica o suor frio na testa. O gosto de borracha na língua pastosa. A espera, vagando no nada. Pisando a fétida lama de seu interior em decomposição, caminha dobrado sobre si mesmo, em direção à janela. O gato preto, bicho sádico, agourento, que a tudo assiste sentado no batente da janela, foge, entediado. Enrolado como um caracol apodrecido, um fedor de fossa que nem ele suporta mais, toca de leve a pureza do macio fruto da cerejeira: maduro, viçoso, vermelho-escuro, sangue bom, descontaminado. Sangue de vida sadia. Queria tanto ser igual a você, pai! Ser o dono de uma canoa, poder me contentar com a simplicidade de frutos tenros do quintal! Ah! se o tempo tivesse volta!

## ANIVERSÁRIO DE CASAMENTO

Se não tocou no assunto é porque está preparando alguma surpresa. Será? E se não for surpresa, se for esquecimento? Torna a consultar o calendário: nove de março, quinta-feira. Não há dúvida, é hoje o trigésimo aniversário de casamento deles. Trinta anos comendo sal do mesmo saco. Felizes? Não, melhor não fazer perguntas. Felicidade é coisa abstrata, não deve ser discutida, analisada, medida, pesada. Juntos estão bem e pronto. Às vezes brigam. São briguinhas leves, sem importância (olha o nariz crescendo!). Não tão leves assim, feias mesmo, mas eles se gostam, se entendem. O que mais incomoda são as interferências, os palpites bem intencionados: Você compreende, não compreende, minha filha (aquele *minha filha* desce rasgando sua garganta)? Se dou minha opinião é porque gosto demais de vocês. Falo com a melhor das intenções! Comentários azedos: Bonitinho esse seu sofá. Pena que tenha custado tão caro! Sogra, cunhadas. Oito mulheres maquinando, mexericando na relação de um casal, não é mole não. No começo, ela pensou que não fosse agüentar. Com o tempo, foi aprendendo a se defender. Aconteceu também um fenômeno inexplicável: à medida que sua cintura engrossava, foi ficando mais flexível. Assim, ela adquiriu o domínio da situação. De longe. Ainda hoje, encontro de família é sinônimo de confusão.

Seu pai não gostou do rapaz. Carinha esquisito esse que você arranjou, minha filha, esperto como um cabrito, matreiro demais! E apressado que eu já percebi! Tá sempre tentando te levar para algum canto sossegado da casa... Toma tento, pensa no futuro! Quem tem que gostar sou eu, pai. Defeitos!... Que defeitos poderia ter um jovem moreno, cabelos de seda, olhar penetrante, mãos expertas que não deixavam escapar a chance de um escurinho? Santa misericórdia, não haveria salvação! Nem que o universo inteiro se juntasse, deflagrando em raios e trovões contra o amor dos dois, ainda assim ela se casaria com ele. O deles, foi amor à primeira vista, paixão de almas predestinadas acasalando-se no braseiro de um vulcão destemperado. Futuro... Que importância tinha o rolar das horas? Quando estavam juntos, o tempo adquiria a fixidez da eternidade cristalizada no hoje, no agora. Trocando beijos, fazendo juras de amor, avançando o sinal, tanto fazia que fosse dia ou noite; o firmamento estava sempre estrelado, era céu azul, eternamente ensolarado.

No final das contas, ele não era nem anjo nem demônio. Uma pessoa normal. Passada a sofreguidão dos primeiros anos, levavam uma existência tranqüila na rotina de um casamento estável, discutindo de mãos dadas os problemas do dia-a-dia. Moram em um bom apartamento, trocam de carro de dois em dois anos, férias na praia, uma chácara para os fins de semana.

Quando ela deu pela coisa, o trigésimo aniversário do casamento batia em sua porta. O marido mudo. Será, meu Deus, que ele se esqueceu de uma data tão importante?!

Tudo organizado: a camisola nova (pérola como ele gosta), a garrafa de champanhe na geladeira do quarto.

O interfone. Deve ser o porteiro anunciando a chegada de um enorme ramalhete com trinta robustas rosas vermelhas. Que nada, era apenas a conta da luz.

Ele nem desconfiou do jantarzinho caprichado (diante do silêncio, ela achou melhor dispensar as velas). É verdade que elogiou a salada de carambola, maçã e papaia com molho de *cream cheese*. E ficou nisso, nem uma palavra sobre o

novo visual da mulher, os chorados três quilos a menos, o vestido que realçava a cintura, compensando o sacrifício. O cheiro do Chanel nº 5, seu perfume predileto, fazia acrobacias inúteis pelo ar indiferente.

Dez horas. Ela, completamente empolada pela ansiedade, devorando unhas. Ponho ou não a camisola pérola, com a fenda do lado? Ponho: um pedaço de cutícula. Ponho o quê! Vou é dar vexame: outro naco de pele ressequida. Não tem propósito deixar de usar a camisola se a cama está forrada com perfumados lençóis de cambraia. Não vem dormir, benzinho? Tô indo, é o final do jogo. Futebol... acho que aquela questão do tempo terá que ser repensada. Será que trinta anos é tempo demais para o amor? Mas o que são trinta anos diante da eternidade? Não dizem que o amor é eterno? Desligou a televisão. Finalmente está vindo. Abre a porta da cômoda. É agora: aliança de brilhantes ou colar de pérolas? Senta na borda da cama com jeito de menino culpado. Amor, você é uma mulher de ouro (o coração dela dispara), nem precisava de tanto capricho (a ansiedade sufoca), aquela sua *mousse* de nozes estava divina. Acho que exagerei na sobremesa, estou com o estômago em brasas. Você sabe, doce sempre me dá azia. Desculpe se abuso. Logo hoje... Mas é que você me adula tanto! Me traz um copo d'água com uma pitada de efervescente? Claro meu amor, não me custa nada. É agora. O remédio foi a desculpa que ele encontrou para preparar a surpresa. Estou até vendo a caixa de veludo vermelho em cima de meu travesseiro: a aliança de brilhantes ou o colar de pérolas... Não, não me diga que esse ruído é o que estou pensando?! Dorme, o desgraçado e... ronca?! Mas se nunca roncou antes tinha de começar justamente hoje, agora?! Ah! mas esse copo d'água veio a calhar, se veio!



## AS DUAS PONTAS DA HISTÓRIA

*Olhei o fundo escuro da noite, lá onde o mar  
toca os pés de Deus. Deixei os olhos nesse  
infinito, fosse ali que o céu se senta sobre a  
terra, o lugar onde dizem que as mulheres se  
devem ajoelhar para pilar o milho.*

Mia Couto

O topo de meu mundo e eu lá. Não há fumaça. Nenhuma bruma. Apenas a convicção da legitimidade de meu trono. Luta ferrenha, vitória sangrentamente conquistada. Em minha pele tatuada – retalhos de vidas (não vidas) –, marcas indelévels de outros tempos, certezas outras indestrutíveis. Verdades/mentiras imutáveis, por mais que agora busquem a redenção.

Antes de tudo (dizem), foi o nada, o Caos, massa informe, desordenada. Depois, criou-se a Terra. Os animais. Um mais *nobre* que os outros. Porte ereto. Não olha para o chão, nem anda de quatro, levanta a cabeça para o céu e olha as estrelas: o homem. Já na divisão dos talentos, houve confusão. Epimeteu foi pródigo. Naquele tempo, como hoje, gastava-se sem medidas. Os bichos receberam tão generosas porções que nada sobrou para o homem. Minerva (feminina!), padroeira da atividade intelectual, foi chamada. E ela deu ao homem o calor do fogo que o tornou superior a todos os animais. E a história (História, talvez) continua, confusa: aí inventaram Pandora, feita no céu com toda pompa. Perfeição. A beleza doada por Vênus, a persuasão vinda de Mercúrio, a música de Apolo. Epimeteu bem que gostou. Era chegado em mulheres. Bons

tempos... Outros sentiram-se ameaçados com tamanha concentração de poder. O bom senso recomendava que fosse dada à criatura alguma futilidade. Criou-se então a lenda da curiosidade e lá se foi aos ventos a majestade da mulher. Ah, História, história! Em algum momento seu, a Grande Mãe cochilou. E quem perdeu fomos nós. E o que restou de mim, Deusa, sacerdotisa, guerreira? Tive império, majestade. Sorrindo, tive filhos e filhas de pais que eu escolhi. Fui fecunda. Fertilizei a terra. Sacerdotisa, ministrei; meu corpo, instrumento da Deusa semeou bênçãos. E o vento da insegurança seguiu plantando discórdia, hipocrisia. E meu Éden foi profanado. Falou-se em pecado. Uma história confusa envolvendo mulher e serpente, dois animais incompatíveis. A mulher, mais culpada que a cobra. Mais culpada que o homem. E fui castigada, punida. Apagou-se a luz. Nas trevas, tudo foi possível. Separou-se o puro do impuro. A dor do parto partindo meus ossos frágeis. A calúnia, o dedo da acusação sem necessidade de comprovação. A negação da Deusa em benefício de um único Deus, meu senhor de barbas brancas, longas botas tripudiando sobre minha vontade: dono de meu corpo, meu cérebro. À sede insana de sua saliva grossa, entreguei nauseada a virgindade de minha pele fresca. Meu altar profanado. Eu, coisa imunda, banida da sinagoga. O balanço de meus cabelos, o cheiro de minha feminilidade, perigo para deuses e homens. E por questionar, morri em fogo lento. E foi pouco (de quanta coisa é capaz a fraqueza!). Para se protegerem, escreveram em livros grossos leis, dogmas, preceitos. De pele escura, pari, na imundície gelada da senzala, mulatos de espantados olhos de esmeralda. Sob a ira branca da sinhá, levei cem chibatadas e, por gostar de sexo, segui rolando minha sina de pecadora insaciável. Pesados mantos negros encapotaram minha liberdade dissimulando a beleza de meus movimentos livres. E atentaram contra a sagrada hóstia de meu corpo, o vinho santo que entorna de minha taça, símbolo da fertilidade, sendo mal interpretado. E acreditando que ainda era pouco (que fazia a Deusa durante todo esse tempo?), extirparam de meu botão em flor o pistilo do prazer e da vida, anulando assim o sabor

da entrega natural. Mutilada, restava-me o direito de continuar parindo, se forças tivesse, se a presença do macho não me derrubasse sobre o ladrilho em epiléptica convulsão.

Na pele, a marca de todos os tempos. Amei. Odiei. Amaldiçoei. Fui omissa/submissa. Um dia, acordei. Intuí para a natureza do mal. Para o tamanho da fraqueza do inimigo. Aprendi. Passados quinhentos anos, no alto da palmeira, trançei meu ninho perfumado. E entre nardo e mirra, exalei meu último suspiro. E de meu corpo, assim vivido, nasceu uma nova mulher-fênix, excepcionalmente dotada. Minhas jovens mãos de fada, caprichosamente, iniciaram a tecedura do caráter do homem que eu desejava. Segui esculpindo, moldando, redistribuindo os talentos (que tem bicho muito mais homem que muitos homens). Finalmente, do alto de meu trono, ato as duas pontas da História. Caminhado ao lado do homem novo, ele e eu – nós, em pé de igualdade, dialogamos, fazemos planos. Dotada de reconhecida competência, segura do que represento, ofereço-me (não admito ser oferecida) ao Epimeteu de minha vida (e a cargos de grande responsabilidade) que, de boa vontade, me aceita do jeito que aprendi a ser. Não há Prometeu entre nós, nem sou enganoso presente de Júpiter. Acendo minha tocha no céu do prazer, aqueço seus sentidos (meus sentidos) consentidos e juntos subimos aos píncaros do Olimpo.

Bendita seja a mulher que sabe esvaziar sua caixa sem abdicar da esperança.



## DESENCONTRO. ENCONTRO

**P**ela milésima vez, ela repete:

– Não há um motivo.

Foi a vez de o rapaz falar:

– Tem que haver um. Como? Então termina-se uma relação de seis anos, quatro meses e onze dias, sem motivo algum? Isso não existe. Fatalmente, tem de haver uma razão.

Por alguns segundos – pesados segundos de uma longa retrospectiva –, ela permanece calada. Todos os argumentos de seu repertório tinham-se esgotado. Levanta-se, começando a andar em círculos pela sala, propositadamente despojada. Fala sem fixá-lo:

– Sabe que às vezes você é completamente ridículo, Antônio? Seis anos, quatro meses e onze dias. Vai me dizer que vem contando o tempo que estamos juntos? E as horas, os minutos foram esquecidos?

– Nunca descontei nada. Mas essas últimas horas, faço questão de descartar. São nossos piores momentos. Não podem fazer parte de nossa história. Quando tudo voltar ao normal...

– Não negue o principal, Antônio, acabou, entende? Não haverá volta. Aceite isso como fato consumado. Complicações, pra quê?

– Só aceito se você disser qual é a razão. Por pior que seja o motivo, eu tenho o direito de conhecê-lo, entende?

– Não, não entendo não. O que você quer é me torturar, vencer-me pelo cansaço. Quanta perda de tempo! Ao contrário de você, eu faço questão de contar nossas últimas horas. Quase meia-noite. Estamos aqui discutindo desde às dezoito. Praticamente, seis horas de torturas inúteis. Gravadas. Sua insistência só fortalece meu propósito de rompimento. Se a separação é irrevogável, vamos ser práticos e resolver a questão do apartamento.

– Como assim?

Desconfiada, olha para ele que está sentado sobre o tapete, as costas encostadas na parede, joelhos flexionados, cotovelos fincados na coxa, mãos abraçando a face. Naquela posição, seu odioso jeito de menino indefeso – instrumento usado por ele, com maestria, quando a chantagem se faz necessária – fica ainda mais evidente. Fala, quase alarmada:

– Este apartamento não foi comprado com o seu salário e o meu? Então, a metade dele é seu. Como não vamos morar juntos aqui, um tem que adquirir a parte do outro, é óbvio.

Ele demora na resposta. É evidente que procura ganhar tempo. Levanta-se, e começa a andar em círculos, no sentido contrário ao dela. Seus passos são tão apressados que ele parece um pião a rodopiar sobre si mesmo. Finalmente fala, ainda girando:

– Se é verdade que não existe ninguém entre nós, como você diz e eu não acredito, então só pode ser ele o culpado pela nossa separação.

– Ele quem?!

– O apartamento, ora! Veja essas paredes coloridas, os quadros abstratos, uns rabiscos sem lógica, a ausência quase completa de móveis, as redes de pescador nas paredes da varanda, essa estranha coleção de corujas – um bicho que me mete medo –, tudo isso não tem nada a ver comigo.

– Eu sei. Mas acontece que você me deu plenos poderes, já esqueceu?

Sua voz soa humilde aos próprios ouvidos. Tática errada. Ele poderia se entranhar naquela brecha e a discussão prolongar-se madrugada a dentro. Quando volta a falar, sua voz soa áspera:

– Posso saber o que é que o incomoda tanto nas corujas? Ainda se fosse uma coleção de gansos ou de corvos...

– Não gostei da insinuação. Elas não me incomodam. Só acho estranho alguém ligado em estética como você gostar de um animal tão feio, é isso. Quanto a delegar poderes, deleguei, de fato. Que saída eu tinha? O erro foi continuar implicando, né? Qual a razão para implicar com um detalhe como as paredes do lavabo? E daí se elas são grosseiras, pintadas de laranja?

– Já falei um milhão de vezes que as paredes do lavabo não são grosseiras. Elas receberam uma pintura texturizada, rústica, moderna, atualíssima. E quanto à cor, é ocre, não é laranja.

– Dá na mesma. É uma cor agressiva. Mas isto não justifica minha intolerância. Quantas vezes na vida um homem entra no lavabo de sua casa?

– Acho que todas as vezes que a pia entope.

– Pois é, pias não entopem com tanta frequência, entopem?

– Acho que não. Mas vamos ao que importa: quem fica com o imóvel, eu ou você?

– Nós dois. Não compramos juntos?

– Porque íamos nos casar. Não vamos mais.

– Aí está outra complicação: e os convites?

– Vão para o lixo. Não são tantos assim.

– Cento e cinquenta ao todo. Trinta e nove meus e cento e onze seus. E a conta foi paga meio-a-meio. Desculpe-me por dizer, mas é a verdade.

Novamente a sensação de acanhamento. Aquele não é um homem. É o diabo disfarçado de humano.

– Sem problema. Estou acostumada com sua maneira direta de dizer verdades, sobre outros, é claro.

Ela pára. Ele também. Estão em cantos opostos da sala, em diagonal. Entre os dois, desfilam imagens. Como ele fica bonito de branco. Nosso primeiro dia dos namorados. Amar tão completamente uma pessoa, será que não faz mal? Ela é a pessoa mais serena que eu já vi. De branco, perto da árvore de Natal, é a mulher de meus sonhos. Se isso é amor, estou apaixonado. Mas há nela alguma coisa que me intriga. O que será? Na madrugada silenciosa, ouvem-se latidos raivosos de cães de guarda. Se esse homem pensa que pode me vencer, está muito enganado. Resolutamente ela o encara: Antônio Marcos, engenheiro químico em início de carreira, moreno, cabelos encaracolados, olhos escuros e profundos como o abismo de sua alma inatingível. Sedutor. Um mulherengo incorrigível. Um poço de vaidade. Um grandíssimo filho da puta! Primeiro grande amor de minha vida de vinte e seis anos, seis dos quais acreditando numa fidelidade inexistente. Impossível. Basta. Que vá à merda esse seu jogo de menino indefeso! Os cães não latem mais. Longe, um galo canta. Ou, quem sabe, uma galinha cantando de galo? Jamais revelarei a existência do outro, nem que tenhamos de amanhecer aqui. Vaidoso do jeito que ele é, seu amor próprio não resistiria. Se até Pedro que era de pedra negou, por que não eu?

– E se eu prometer que vou mudar?

– Mudar, como assim?

– Mudar, ora, mudar...

– Proposta de regeneração, confissão de infidelidade.

Que importância tem isso agora? Eu também sinto necessidade de mudanças. Bem maiores do que a que você propõe, entende?

– Mudanças?! Outro, então?

– Não necessariamente. Quero ver o mundo sob outros ângulos. Mas isso você não vai compreender nunca. Sua visão jamais há de ser bifocal. Que cara é essa? Não precisa ficar alarmado. Foi um comentário bobo. Não é minha intenção tecer críticas. Nada de mágoas que envenenam. Somos como somos. Além disso, o carinho permanece intato. Do pouco

que sei, muito foi você quem ensinou. Não ia ser ingrata, agora. Tivemos, sim, momentos inesquecíveis.

– Eu tinha certeza de que ainda teria uma chance, Talita.

– Chance, Antônio Marcos? Começar tudo de novo, é isso que você propõe?

– Bom-dia! Uma pessoa ficou de esperar por mim aqui na portaria...

– Ah, o baixinho coxo, meio estrábico? Passou a noite toda dando voltas. Parecia um pião endoidecido. Cheguei a ficar tonto. Agora está dormindo ali no sofá. Coitado, parecia muito nervoso! Ofereci café. Ele tomou a garrafa sozinho!

– Peguei no sono, né? Nossa, não pensei que o cara fosse tão tihoso. Livrou-se, afinal, de seu irresistível cigano?

– Ele não é cigano. Irresistível? Não sei não, para me conquistar do jeito que conquistou, acho que você é bem mais perigoso do que ele. Aqui está o recibo de seu cheque. Parabéns, você é dono da metade do apartamento. Quer conhecê-lo agora ou em outro dia?



## DESPOTISMO

**A**s outras são amplas janelas escancaradas para o verde, o azul. Aquela não. É apenas uma abertura no alto da parede. Estreita demais, não areja nem ventila. É palco de luta entre as correntes de ar. Ali, esbofeteiam-se, numa turrá inglória, o ar fresco querendo entrar e o velho ar pegajoso lutando para sair, desintoxicar-se da fedentina do ambiente de cárcere. Na exigüidade da fenda do quarto das meninas, Bernardinho viu. Guardou com cuidado para que nunca fosse esquecida. E se danou naquela visão efêmera, pouco mais que uma miragem. Só a morte, e apenas ela, terá o poder de aliviar suas retinas do encantamento da visão.

Fez a pergunta emprestando às palavras um ar de casualidade que soou falso: Primo, você conhece as filhas do Coronel Joaquim Cândido? Conhecer de que jeito, criatura? Então, não sabe que elas são prisioneiras da própria casa? E os nomes, você sabe o nome delas? Sei direito não, mas posso perguntar. A mãe é madrinha de uma delas. É mesmo? Isso facilita tudo! Preciso saber o nome da mais bonita de todas. Daquela que tem olhos derramados de mistério, negros, profundos e tristes, uma tristeza de dar dó. Rosto alongado, um par de tranças negras amparando seus pensamentos repisados, pensamentos de liberdade, tenho certeza. Boca

pequena, bem feita, lábios vermelhos como goiaba madura. Tez morena, sobranceiras grossas. Foi o que pude ver. Diz tudo à sua mãe, sem esquecer nenhum detalhe, que ela saberá qual das irmãs eu procuro. Dizer eu digo, mas é muito pouco, primo. Você viu a moça de longe, num relance, na estreitura da janela da masmorra. E se forem todas parecidas? Há o risco de um engano. Engano não, meu primo, eu montava o alazão, cavalo danado de alto e ela devia estar trepada num banco, numa cadeira. Vi bem, tenho certeza. Guardei aqui do lado esquerdo a imagem. E foi pra sempre.

Maria das Flores, Maria Hortência ou Maria Rosa (naquele tempo os nomes eram assim), qual é a sua? Olha que você não pode errar, hein! Erro não. Meu coração não me engana, o nome da minha é Maria das Flores. Coração danado de porreta esse seu! Acertou em cheio. Pode fazer o pedido. Minha mãe já emoliu o terreno.

Aceito seu pedido, coronel Bernardo. Não tenho motivos para recusar seu filho Bernardinho, moço correto, trabalhador. Quanto à data, já tenho marcada: dezanove de agosto. Agosto? Não é um mês agourento, meu futuro sogro coronel Joaquim Cândido? Na minha casa, não. Aqui mando eu. Nem o azar tem voz. Nesse caso, posso ver minha noiva, coronel? Calma, rapaz, que afoiteza é essa? Só depois de tudo sacramentado, depois do casamento, depois...

Bernardinho dormiu pouco nos três meses que o separavam de sua amada, consumido pela curiosidade, queimado pelo fogo do desejo daqueles lábios que ele adivinhava macios, gulosos. A última noite passou em claro.

Abotoado no terno de brim, o coração disparado, só tem olhos para a noiva que, envolta em rendas, pisa a passarela de rosas. Vem em passos lentos. Aproxima-se, a mão trêmula apoiada no braço rijo do pai. Figura miúda, quase indecisa, diferente da idéia que ele fizera. Mas antes de formular qualquer opinião, procura os olhos da amada, escondidos sob a espessura da manta matrimonial. Percebe que eles buscam o chão. Continua insistindo, sem ver mais nada que o rodeia,

ninguém, apenas ela, objeto de sua cobiça, dona de seu pensamento, finalmente ali, ao alcance de suas mãos.

Deus é o senhor de nosso destino. Seu dono. Só Ele põe e dispõe. Tudo aquilo que for amarrado no céu, aqui na terra ninguém terá o poder de desatar. O momento da decisão é este. É de livre e espontânea vontade que o casal comparece ao altar do Senhor para entrelaçar suas vidas? Tão embevecido na imensidão de seus sentimentos, nem ouve a pergunta. O sogro exige, taxativo: Diga sim, rapaz, minha filha já confirmou! Sim! Muito bem, meu jovem, pode levantar o véu da noiva, agora sua mulher até que a morte, e apenas ela, os separe.

Sente o corpo sacudido por um arrepio de morte: onde os olhos de profundo abismo? Os cobiçados lábios de goiaba madura? Um rosto singelo, opaco; na tremura dos lábios de Maria Hortência, um mal disfarçado pedido de perdão. Fora obrigada a se submeter à exigência do pai. Sendo a mais velha das três, tinha obrigação de se casar primeiro. Obedecera, apenas, sem direito a opinião. Sem intenção de logro.

Bernardinho olha em volta, desnortado. Segue o comando de um radar invisível. Alguns passos atrás da noiva, lá está o par de olhos, farol que deveria guiar seu destino de homem feliz, casado por amor àquela mulher. Mais negros, mais tristes, mais profundos, na imensa mágoa da imposição paterna. Não pode acreditar em tamanha fatalidade. Seu desejo é fugir daquele momento trágico, encontrar meios de anular o casamento. O coronel, seu sogro, percebe a intenção. De agora em diante sua casa é esta. Filha minha não deixa a morada do pai nem depois de casada, entendeu? Meus netos haverão de nascer sob a obediência deste teto. Os homens, na labuta da lavoura e as mulheres, na roca, no tear.

Quanto tempo iria durar seu cativeiro? Quantos anos teria de trabalhar pelo amor daquela mulher? Sete, quatorze, vinte e um? Reconhecia no sogro a esperteza, a astúcia de Labão. E ele, Bernardinho, iria contar com a benevolência de Deus para ser ardiloso como Jacó?

Maria das Flores fala, a voz rouca, estrangulada pelos dedos do medo: Que é que nós vamos fazer, Bernardinho? Minha barriga cresce a olhos vistos, não há mais como esconder! Eu também tenho a cabeça em brasa de tanto pensar. Só há uma solução. Não, isso nunca! Não é solução! Não posso enganar minha irmã assim desse jeito, obrigá-la a viver em pecado, nunca! Você acha que ser abandonada com um filho na barriga é melhor sorte? Ficar aqui é morte na certa, pra mim e pra você. Seu pai, toda gente sabe, não é homem de perdoar. Uma afronta dessas, então, não engole nunca!

Antenor?! Como você chegou aqui, neste fim de mundo, criatura? Se esquece que fui capitão do mato, Bernardinho? De quanto negro fujão acuei no oco dessas brenhas? Ocêis num pode continuá vivendo nessa toca de rato. Logo logo nasce o nenê. Eta, como cresceu o danadinho! Tá na horinha de sartá pra fora. O inocente num vinga num beco sujo desses. Légua e meia, duas se tanto, depois do grotão tem um quilombo. Negro é gente de coração mole, há de se apiedá da desdita que se abateu sobre a cabeça docêis. Depois a gente vê, agora fale, criatura de Deus, como está minha mulher, a Maria Hortência, e meu irmão Bertoldo? Bem, muito bem. Mió impossível. A filha docêis nasceu. E é anjo. Salvou suas vida. Como assim? Em nome da saúde da inocente, que teve morre num morre de um incômodo desconhecido, sua muié exigiu que o coronel Joaquim Cândio cessasse as busca. Retirasse o prêmio de dois contos de réis pelas cabeça dos fujões. Ela me encarregô de trazê a bênção pro fio seu e de Das Flores. Então ela conhece a verdade? Conhece – muié é bicho danado, tem mais sentido que home – mas se faz de esquerda. Só abriu o jogo comigo que sô cabra de sua confiança. Tá muito bem com o marido que o destino travesso, com sua ajuda, arranjà pra ela. Ainda hoje fico cabreiro, matutano abismado que cabeça a sua Bernardinho, pensar no seu irmão gêmeo pra ficar de marido pra Hortência no seu lugá e de pai

pra sua fia não nascê uma pobre enjeitadinha! Que cabeça a sua, menino! Grande idéia, e como deu certo! Dá gosto de vê o carinho daqueles dois, feitos um pro outro! Quem diria!



## DE VOLTA ÀS CEREJAS

*Meu corpo atemporal  
em primordial pureza  
carrega perfume  
de flores de macieira  
a exalar prenúncio  
do solstício de verão.*

Darcy França Denófrío

**P**arou contrariado o taurus vermelho, placa de São Paulo: “Só paro porque é minha obrigação obedecer aos freios. Estacionar num lugar desses é o fim!”

– Tem certeza de que é aqui?

– Absoluta – ela responde com ar maroto, abrindo a porta do carro.

A primeira coisa que o lagarto vê, é um par de pernas. Lutando contra o sono, passa as mãozinhas apressadas pelos olhos. Não acredita: “Uau! Que pernas!”

Das botas de cano curto, pretas, salto alto, até o início da minissaia, também preta, beleza como ele nunca tinha visto. Pobre lagarto, de verde que era, ficou lívido, ali parado, boquiaberto, sem iniciativa.

– Não quero ser chato, mas você acha que dá pra sair do carro, assim, de pernas de fora, meias de seda... o mato cresce alto em volta da casa.

– Fique calmo, meu amigo. Não se pode mudar um sonho. Vai dar certo, você vai ver!

– Se você topar, tem uma solução. Posso carregá-la no colo. É pra essas emergências que faço musculação.

– Até que sua gentileza combina com o cenário, mas não, obrigada.

Quase esmagando o pobre bicho, paralisado, os olhos virados, ela começa a andar. Estaca em seguida, barrada pelo espesso muro, concreto puro de suas emoções: “Meu Deus!... o tempo parou aqui! Minhas árvores, o jardim. Está meio sujo, o coitado, mas é o mesmo. A casa. A varanda. As trepadeiras. O cheiro dos jasmims impregnando de leveza o ar. Não pode, tudo igualzinho! Até as borboletas amarelas, milhares delas, são as mesmas. Não, a casa ficou menor. Será que tiraram um pedaço dela? Tantos anos, e foi ontem. Aqui mesmo nesse jardim. Outros chegando, de surpresa: Marcos, tia Beatriz. Marcos partindo pra sempre sem despedida. Agora chego eu, depois de tanto tempo. Preparei-me tão bem. Cada detalhe, cada gesto, por que esse coração disparado, esse chumbo nas pernas? “Vá em frente sua romântica incorrigível, abrace seu passado.”

– Não me reconhece, madrinha? - diz num fiapo de voz.

– Jesus, Maria, José, mas é a Lígia!

– Pensei que fosse a Beatriz, diz Duda, embaralhando-se no tempo.

– Beatriz! Ficou caduca, Duda? Lígia é muito mais moça que minha prima. Se bem que, olhando de perto, agora, até que as duas se parecem na elegância, no jeito de ser.

– Pois é. E ainda por cima com as cerejas no decote, dá pra gente confundir! Lígia fica eufórica. Então tinha funcionado a caracterização. Versão moderna, mas no conjunto a mesma idéia: saia curta, generosa, mostrando sem pudor as belas pernas. Saltos altos. Blusa de seda, com decote profundo, sensual. No fundo do decote, o galho de cerejas vermelhas caindo macio, acariciando os aveludados seios. Só ela sabia o trabalho que tinha sido encontrar aquele broche num brechó em Paris.

– Mas por que você não avisou, Lígia? (madrinha não se conformava, toda atrapalhada como das outras vezes) Teria mandado o filho do Rogério buscá-la na estação. Do Rogério você se lembra? Pois é, anda muito doente, o coitado. Agora

quem toma conta da maior parte do serviço é o filho dele, o Diogo. Até dirigir o moleque dirige.

Madrinha fala, fala, abraçada à sobrinha. “Coitada da minha tia, até parece que sou o último sobrevivente desse planeta”.

– Não tinha necessidade, madrinha, eu vim no meu carro.

– Então é seu aquele carrão?! – pergunta Duda, os olhos fora das órbitas.

– Ah! Gente, é verdade, me desculpem. Na emoção, na confusão, esqueci-me de apresentar. Esse é Kiko... meu motorista.

Entre malas, presentes, admiração de toda ordem, ela vai respondendo ao rosário de perguntas. Mora sim em São Paulo. Trabalha numa multinacional (acha desnecessário dizer que é manequim fotográfico). Tinha ido ao exterior sim, algumas vezes, sempre a trabalho. Mas nas horas de folga, sempre dá pra conhecer alguma coisa. Onde tinha ido? Nova York, Roma, Milão, Paris, uma vez... acha melhor parar por ali antes que a cozinheira caia estatelada no chão.

Enquanto vai contando, Lígia, sentada na saleta íntima, senhora de tantos segredos seus, tem consciência, mais do que nunca, da própria metamorfose. Morta e enterrada está a menina tímida, dos cabelos verdes, envergonhada de si mesma. “Me ensina, tia Beatriz, a não cheirar como o fruto da figueira”. Tampouco se sente na pele da modelo famosa (não ali), disputada por agências do mundo inteiro. Quem seria ela, então? Entre tantas conexões, onde teria deixado sua identidade?

Deitada na rede, enquanto espera o jantar, não reclama do calor. Tem, entretanto, nos gestos, a languidez de Beatriz.

– Onde coloco o rapaz? – pergunta a madrinha, indecisa.

– No quarto da tia Beatriz, responde Lígia, displicentemente.

Madrinha continua sua tagarelice:

– Amanhã, acho melhor vocês aproveitarem para passear logo cedo. Tomar sol. Ir até à lagoa. Me desculpe,

minha filha, mas você e esse seu motorista parecem dois lagartos descascados. Gente da cidade é diferente em tudo, né? Distinto o rapaz, nem parece motorista. Meados de setembro, já corremos risco de chuva. Mas enquanto ela não vem, é esse sol aí que você sabe. Há de fazer bem a vocês.

Duda não cansava de empanturrá-los com pão de queijo, biscoitos de nata, suco de laranja. Tudo servido ali mesmo, na varanda. Delícia pura as bolachinhas de nata, se desmanchando na boca, no primeiro contato.

Na cama de seu quarto, quarto de cor rosa de menina, ela se estranha. Sente saudade da outra. Essa imobilidade do tempo, aqui, é que mexe com minhas entranhas. Tudo igualzinho, no mesmo lugar. Não fosse pela poeira acumulada que os olhos meio cegos de Duda não vêem mais, eu poderia jurar que o tempo não passou. As bonecas, minhas coisinhas miúdas, tudo no mesmo lugar. Como as deixei. Há quantos anos? Deixe ver. Saí daqui mal tinha feito dezoito. Foi o tempo de requerer a herança que meus pais deixaram, lá fui eu, morta de medo, no comando de minha própria aeronave. Tenho agora vinte e sete... nove anos foi o tempo que levei pra mudar de casca. Me sentir pronta. Pra tirar da pele, do sangue, da alma o cheiro do mato, da cafonice. Nunca voltei, com medo de uma recaída. Quanta determinação! Terá valido a pena? Noites em quartos de hotel. Passagens de ano brindadas com desconhecidos. Corpos a rolar, inutilmente, na busca da magia de um único momento, mal visto, apenas vislumbrado. Ela e ele lindamente dourados, divinamente enlaçados. O relâmpago, que ilumina a visão, acende para sempre em meu corpo, na alma, o desejo jamais saciado. O êxtase daquele momento, onde encontrá-lo, meu Deus, se foi Você mesmo quem roubou de minha vida meu herói encantado? O corpo esguio, a cabeleira, ouro puro, entranhada à crina do cavalo alado a galopar rumo às nuvens, ao entardecer afogueado. Eu, narcotizada, a vê-los da varanda, nus em pelo. Ah! Marcos, por que você se foi antes que eu fosse a outra?

Kiko é o último a descer, naquela manhã. Vendo todos à mesa fica parado, indeciso.

– Senta com a gente, moço. Aqui ninguém faz cerimônia. Comemos todos juntos, não vê a Duda?

– É verdade, Kiko, tem um lugar aqui ao meu lado. Aposto como você nunca viu um café como esse!

Lígia está animada, parece criança. Tem nos olhos um brilho diferente, que deixa o rapaz intrigado.

Após o café, sentados na cerca do curral, eles olham o pretinho adestrando o cavalo. Em volta de um poste de madeira, o animal marcha em círculo uma centena de vezes. Primeiro de um lado, depois do outro. Sempre no mesmo ritmo. Se erra, leva uma chibatada do adestrador.

Ela, distante, umidece os lábios vermelhos, com a ponta da língua. “Não se envergonhe, meu amigo puro sangue, entre nós também é assim, tem sempre alguém que determina o ritmo.”

Ele, visivelmente irritado, tenta quebrar o gelo:

– Tem bons animais a sua tia. Como é mesmo o nome dela?

– Antônia. Mas pode chamá-la de madrinha como todo mundo aqui. Tem, sim, belos animais. Sempre teve. Desde os tempos do marido, o qual eu nem conheci. Cavalos eram a paixão dele (e do Marcos também). Mesmo depois da morte de meu tio, ela fez questão de manter a criação. Não sei por que, se nunca monta...Pára de repente estudando o companheiro – Estamos aqui falando de cavalos, mas sinto que outros bichos povoam essa sua cabeça. Estou certa?

– Está.

– Então fale!

– Posso saber que estória é essa de me apresentar, aqui, como seu motorista?

– Ah! Então é isso – ela tenta ser natural. Foi sacanagem, né, mas eu tinha outra saída, tinha? Você viu o tamanho da cabeça delas, viu?

– Vi!

– Então me diz, dava pra chegar aqui com um amigo a tiracolo, dava?

– Não dava. Mas e agora, que é que eu faço? Como na cozinha com os empregados? Chamo você de madame? O que é que eu devo fazer, madame?

– O homem está furioso, meu Deus! Então foi por isso que você recusou o jantar, ontem? Pobrezinho, dormiu com fome.

– Não, não foi. Depois daquela comilança, quem é que ainda tinha fome?

– Kiko, não leve as coisas, assim, tão a sério. Aqui é tudo muito mais simples. Ninguém liga pra essas coisas. Não vê a Duda, faz anos que se senta à mesa com madrinha.

– Pois é, faz anos! É praticamente da família.

– Fique calmo, vai dar certo. Você vai ver.

Aproveitando aquela brecha de fraqueza, ele pergunta: “E quando é que você vai levar a sério o meu pedido?”

A essa pergunta, ela responde com outra: “Kiko, você sabe montar? Quero dizer, de verdade. Galopar nas pradarias com o animal em pêlo, as mãos soltas, o peito aberto e, na garganta, o grito de liberdade que rasga o silêncio dessa vastidão sem dono?”

– Deixa de ser teatral, Lígia, o que você quer é desviar o assunto. É claro que eu não sei montar. Muito menos como mocinho de faroeste americano. Para ser sincero, essa é a primeira vez que amanheço numa propriedade rural. Por quê? Acaso essa pergunta tem a ver com meu pedido?

Lígia tem vontade de dizer que sim. Que ali estava toda a diferença. Entretanto, a resposta foi evasiva: “Não, claro que não. Eu também, apesar de ter praticamente nascido aqui, nunca aprendi a montar de verdade. Eu era muito boba. Vivía metida debaixo das saias da madrinha.”

– Nem podia ser diferente. Era ela seu referencial, não era?

– Poderia ter sido menos tímida, mais atrevida.

– Mágoas?

– Não, nenhuma.

Distante outra vez. Não consigo entender. Muda o tempo todo desde que chegamos aqui. Foi sempre uma mulher bonita,

mas agora está diferente. Sensual, misteriosa. Fêmea no cio, sem o seu macho. Tem alguma coisa que me escapa. As cerejas no decote... Broches, que eu saiba, é coisa do tempo de minha avó. Só queria minha câmara pra eternizar essa imagem. Ia ser a foto do ano.

Ao contrário da previsão de madrinha, a chuva só foi cair quase uma semana após a chegada deles. Antes o sol, sol quente de verão reinando absoluto. As cigarras cantando freneticamente até à exaustão, até à morte. A ele seu canto de louvor. Foram dias alegres de passeio na lagoa. Banhos nas águas cristalinas do rio. De languidez na rede. Chuva nenhuma. Nenhuma reclamação do calor.

Tão bom ver minha menina feliz, assim do jeito que sonhei. Motorista, motorista uma pinóia. Não digo nada pra D. Antônia, que não sou louca, mas a mim ela não me engana. Um baita moço bonito daquele. Fino, educado. Sou uma preta velha, mas não sou burra. Motorista! A minha menina nem sabe ainda que está apaixonada. Pode escrever, é dali que vão sair os netos de que essa casa precisa. Engraçado ela pensar que virou a Beatriz. Virou mesmo, mas só nos modos elegantes, nas roupas bonitas. Por dentro, aqui, continua a mesma criança que carreguei no colo. Fingida como a outra ela nunca vai ser. Despudorada. Entrava no quarto do menino Marcos, quase uma criança. Se fosse só eu que tivesse visto no dia da tempestade... Pobre Lígia, não morreu por pouco com a febre misteriosa.

No dia em que a chuva caiu, mas antes que tivesse despencado, madrinha deu a notícia a ela.

Depois de tanto brilho, o dia amanhecera escuro. De cara amarrada, segurava o sol, sabe-se lá onde. Sua ausência dava um mal-estar geral. Nas árvores, onde as cigarras não cantavam. Nos bichos nervosos, andando enjaulados. Nas gentes. Era um mormaço fúnebre, um céu de chumbo. Nuvens prenhas, ventres baixos, estourando de cheios. Parto complicado. Horas de agonia, espera, dor. E nada. Foi preciso um relâmpago atrevido, trovão de ensurdecer, para rasgar, à força,

a placenta das nuvens, abrir suas pernas para que a cria saísse esperta, rolando mundo.

Esperando a chuva que tardava, madrinha ia falando: Você, Lígia, é como se fosse filha. Filha única depois da morte de Marcos, de quem, como você sabe, eu nem gostava tanto assim. Mas era sobrinho e afilhado. Eu tinha obrigação para com ele. Beatriz foi embora para o exterior. Nunca mais me escreveu. Dizem que está bem lá. Não vai precisar de mim. Você estava longe, mas meu coração dizia que daria notícias na hora certa. Então, há pouco, fui à cidade e passei a chácara para seu nome. Naquele cartório da Rua Três, perto da Avenida Araguaia. Não dá muita coisa no momento. Falta gerência. Mas se bem administrada pode render. Apesar de que, vendo você agora, fico até sem jeito.

Lígia fica emocionada. Madrinha é a mesma. Pura, generosa.

Após um jantar tenso, com o tempo ainda mais sisudo com o breu da noite, cada um vai para seu quarto. Prevendo o pior, Duda tinha distribuído velas e fósforos.

Como da outra vez, a porta bate, o fusível queima e a chuva cai molhando a terra.

No primeiro relâmpago, ela se decide. “Não vou morrer com essa dúvida, nunca! E se for só uma questão de local, clima?” Trancando por dentro a porta de seu quarto, ela abre a da sacada. Pára indecisa, lutando contra o vento. Separando as varandas do quarto dela e do de tia Beatriz, apenas uma mureta. Tantas vezes, ágil como um gato, tinha pulado aquela barreira. A sono solto, tia Beatriz dormia lânguida, linda. Como ela imaginara, a porta da sacada não está trancada a chave. Com ela, entra no aposento uma catarata de chuva. No clarão do relâmpago que corta as trevas, um corpo másculo, divinamente dourado. Na densidade do escuro, impenetrável, dois seres se buscam. Ansiosos, tateiam, apalpando o nada. Entre um clarão e outro, uma eternidade. Mãos se encontram acariciando-se febris. Lábios se tocam doce-mente. Dois seres, dois corpos entrelaçados, encharcados, lividamente prateados, completamente apaixonados.

Lá fora, do telhado vermelho de poeira, caem as cerejas. Redondas, macias se estatelam no cimento da calçada, aos montes, milhares delas.

As chuvas ali sempre trazem novidades. Desde a febre misteriosa da Lígia que é assim. Umas boas, outras más. A de hoje parece boa. O casalzinho que vem abraçado do curral é um bom agouro.

Tão cedo, quem poderá ser? Os olhinhos míopes não ajudam.

– Ah! Jesus amado, são vocês? Tinha certeza de que ainda estavam dormindo. Nem pusemos a mesa.

É madrinha, toda atrapalhada. Se atrapalha por pouco, a pobre mulher.

– Não se preocupe, dona Antônia, já tomamos leite no curral.

– No curral, sem ferver?

– É, madrinha, queríamos saber quantos litros tiraram hoje. Além disso temos novidades! Falo eu ou fala você?

– Você fala!

– Pois é, madrinha, resolvemos que vamos ficar aqui, nós dois.

– Ficar aqui, por quanto tempo? Quero dizer, acho que não entendi bem.

– Ficar... pra sempre, talvez.

– Pra sempre? Ótimo, ótimo! Mas já que vão ficar, tem uma coisa que gostaria de dizer... não sei como começar.

– Já sei, dona Antônia, se é a respeito do padre, não precisa se preocupar, já pensamos nisso.

– O padre, é claro, nem poderia ser diferente. Uma cerimônia bem bonita. Não é isso, porém. É sobre o nome, apelido, quero dizer, Kiko, não sei por que não me acostumo. Não teria você um outro nome?

– É claro que tem, madrinha, o nome dele é Marcos!

– Como o outro, acrescenta, Duda, indiscreta. E, como ele, tem cabelos louros feito espiga de milho.



## ELA, A ETIQUETA

**D**ezoito horas. Hora do rush e do cooper. E ele ali, em frente ao Goiânia Shopping, no meio de uma multidão de transeuntes, cristalizado. Fora um gritinho histérico que fizera com que ele parasse: “Rafa, que bom te ver!” Parou de supetão, mas não tinha a menor idéia de quem pudesse ser a garota à sua frente. Procurando ganhar tempo, faz aquele sorriso tolo, meio termo, não muito largo nem estreito demais, enquanto olha a figura, buscando uma luz. Tenta os olhos. Impossível. Ela usa um par de óculos quadrados, enormes. Completamente escuros. Vuarnet, diz a etiqueta. Franceses, portanto. Será que a garota é francesa? Mas ele não conhece ninguém daquele país. O mais certo é que ela esteja enganada, trocando gato por lebre. “Me diz, e a faculdade? Não, nem precisa responder. Sei que você tira de letra toda aquela confusão de cálculos e projetos. Eu é que tratei de cair fora antes que ficasse de cabelos brancos.” Os cabelos louros, artificiais, como os de uma centena de outras garotas, não servem como referência. A camiseta da Forum, nada esclarece. Olhando de relance para a bundinha arrebitada da menina, ele vê, sem sombra de dúvida, que as calças que ela usa são da Zoomp. Na cintura fina, um cinto largo, M.Officer, que não diz nada. Tantas informações! Seriam para esclarecer ou

confundir? Confuso, ele se vê na obrigação de admitir que é uma nulidade nessa questão de griffe, marca, etiqueta. Nunca dera a menor importância. Única exigência é que ficasse folgado, confortável, funcionasse bem. Será que estava errado? Se fosse um especialista naquilo, talvez já tivesse esclarecido o mistério da figura à sua frente. Tão íntima e tão desconhecida. “Não vai me perguntar pelo Leo?” “Ah! é, e o Leo?” - “Brigamos faz tempo. Não agüentava mais aquela mania dele de ser diferente. Andar pelos matos salvando bichos, espécies em extinção. Não sei pra que se preocupar, se é tão simples clonar, você não acha?” Leo, ecologista... não conheço ninguém assim. A bolsa, Victor Hugo. Quem seria aquele indivíduo? “Te vi semana passada no Rio Vermelho. Show da Daniela Mercury. Dei tchau, mas você nem reparou. Também uma multidão daquelas. Que fôlego tem a baiana, hem! Tonta, resolvi acompanhá-la. Pra quê?! No fim eu era uma poça d’água no meio da fumaça de cigarros. E o cheiro de droga? Dava pra embriagar.” O cheiro, é isso. Não tem erro, cada mulher tem o seu perfume, único e intransferível. Nisso ele é bom. Completamente ligado. Nunca namora uma garota se não gosta do perfume dela. Lembra-se do de todas, uma a uma. Entusiasmado, ele vai se aproximando devagarinho da pequena, concentrando-se na tentativa de sentir o seu perfume. Uma voz desconhecida quebra o efeito do momento. “Adoro o perfume que ela usa. É o Chanel nº 5”. Fica a oportunidade perdida e ele irritado. Não teria, por acaso, a ilustre vitrine ambulante, à sua frente, um sinal, unzinho só, que fosse exclusivamente dela, assim como uma marca registrada? Olha à sua volta verificando peso, medidas, tamanho de busto, cintura, quadris, pés... Uma legião de falsas louras se embaralhando em sua mente. “Estou te achando estranho, Rafa, que bicho te mordeu? Frio, distante, bem diferente daquele de quem eu me lembrava. Mesmo assim, foi bom te ver. Despedir. Parto amanhã pra Israel e não sei quando volto ou se volto...” Encabulado com o ridículo da situação, ele abaixa a cabeça, deparando-se com um par de tênis Reebok igualzinho a um milhão de outros que furiosos atacam o calçadão do Vaca

Brava. Malditas etiquetas que igualam, massificam e despersonalizam as pessoas! Irritado, dá a velha desculpa da pressa. Um trabalho urgente para fazer. Antes que se distancie muito, olha para trás, curioso. Sentada na moto, em posição de partida, ela limpa os óculos. Os olhos deles se encontram. Os dela exatamente como ele se lembrava: maravilhosos, únicos. Irresistivelmente estrábicos. Não pode ser! Não era morena? Não acredito, é ela, a vesguinha maluca da engenharia que eu, louco de paixão, procurei como a uma agulha no palheiro. “Bárbara! Bárbaraa! Bárbaraaaa!...” O ronco da moto dela, uma Honda possante, perde-se no meio do barulho de tantas outras máquinas iguais àquela.



## ERÓTICO NEURÓTICO

*Então, pinte de azul os meus sapatos  
por não poder de azul pintar as ruas,  
depois, vesti meus gestos insensatos  
e colori as minhas mãos e as tuas*

Carlos Pena Filho

**C**oloca o cinto de segurança; trava portas; liga o ar condicionado; o som. No final da rampa da garagem, o espanto: o universo todinho se veste de luz, naquela manhã. Muda de idéia quanto ao ar condicionado. Resolutamente escancara as quatro portas de seu Monza amarelo. Sente o interior alagado por uma tempestade de ouro. Eu mereço esse carinho; dane-se a precaução contra ladrões, seqüestradores, pensa eufórica. Assobia, acompanhando os passos lerdos de um trânsito disciplinado. Exalando o cheiro de sabonete e café, pensa ainda: Toda manhã traz agendada em linhas transparentes a clara intenção de eternidade. Morre afinal, na inanição da tarde. Por quê? Na periferia, no 213 da Avenida Perimetral, desliga o carro sem muita convicção. A casa, uma construção obesa, achatada, livre de preocupação com estética, olha de esguelha a recém-chegada. O início de indecisão da moça é rapidamente engolido pela aproximação do porteiro, um negro forte, jeito de carcereiro. Ameaçador. Em menos de dois passos, está ao lado do carro. Estranha a pressa do homem.

- Dona Fabiana, estudante de psicologia?
- Sou eu!

– Pode entrar. Segue o corredor. A sala dos médicos é a primeira à esquerda. Dr. Fausto aguarda a senhorita.

Estreito e abafado, o longo corredor comprime a imensidão de sua insegurança; penetrando o desconhecido, amiúda-se de ninguém. Das paredes amarelas, manchadas, que um dia foram brancas, escapam sons esparsos de vozes atemorizadoras. A sala reservada aos médicos pouco difere do corredor.

Explicações feitas, fica sabendo que deve avaliar os pacientes do sexo masculino. Atravessam uma porta, guardada por outro brutamontes, tão profissional quanto o primeiro. Novo corredor, em piores condições que o anterior: nas paredes encardidas, assustadas marcas de mãos indefesas. Seu acompanhante caminha à frente, em passos miúdos e lépidos, resfolegando gordura pelas narinas aceleradas. Com os dedos dobrados, inspeciona cada uma das portas trancadas, verificando cadeados. Atrás, segue a estudante com seu espantado asco ante a visão de tamanha imundície, e o firme propósito de nunca mais botar os pés naquele lugar. No alto das paredes... baratas?! Sim, tranqüilamente passeiam a ancestralidade de seu asco, posando de donas. Alcançam (eles, não as baratas) a primeira porta sem tranca. Fabiana olha, não querendo. No chão, colchões nus. Alguns ocupados, outros vazios. Um, dentre os vários espectros cinza que se movem na penumbra, tenta alcançar os dois, troteando penosamente. A moça perde a capacidade de ação; fica ali parada, os braços pendidos, estafermozeada. Dr. Fausto abraça com naturalidade a fedentina de masmorra do pobre diabo. O homem sorri, um riso bobo, limpando com as costas das mãos o nariz catarrento.

– Vê se comporta direito, negrinho sem-vergonha! Temos aqui uma senhorita. Nada de palavrões! Quê que você tá fazendo longe do pátio? Seu lugar é lá, com os outros!

– Por que ele anda assim, professor?

– Quer saber mesmo? Maus tratos. Infelizmente, isto acontece aqui. E, na maioria das vezes, quando a gente descobre, é tarde para corrigir os estragos.

Finalmente, afligidos por uivos agudos ou vozes soturnas, alcançam um galpão coberto, no fundo de um pátio, despido de árvore, banco, ou qualquer ornamento. Nem o mais remoto sinal de lazer. No centro do terreiro, em completa imobilidade, pernas separadas e firmemente fincadas no chão, braços abertos em cruz, cabeça erguida, um homem nu olha diretamente para o sol. Seres informes vão se aproximando do casal; de suas canecas imundas, cai um líquido barrento que tanto pode ser café-com-leite quanto caldo de feijão. Num gesto puro de criança insistente, o mais emporcaldado de todos, bochechas e nariz lambuzados, oferece o caneco ao Dr. Fausto. É o primeiro contato da estudante com aqueles seres que transvagam no exíguo limite entre a loucura e a razão. Não tem o que fazer; não há tempo para simular um desmaio. Imovente, evitando até respirar, ela aguarda o próximo momento. De dentro de um outro tempo, chega a seus zumbentes ouvidos a voz de Dr. Fausto:

– Fabiana! Fabiana! Não conhecia este seu lado tão sensível! Terminado seu estágio, vou requisitá-la para trabalhar comigo. É de gente como você que estes pobres diabos precisam!

– Eu, professor?! Não volto aqui nunca mais! Nem amarrada!

Dr. Fausto dá uma risada gorda, esparramada.

– Foi o que eu disse há dezessete anos, quando, pela primeira vez, atravessei o portão do inferno. No começo é assim, depois, a gente acaba se acostumado. Tenho de ir agora. Loucos, tarados, são todos seus. Eles só pedem é um pouco de carinho. Não vá exagerar, hein! Se sentir necessidade, chame alguém. Boa sorte, menina!

Ela faz o gesto de agarrar Dr. Fausto pelo jaleco, mas é tarde. O homem escafedeu-se, perdido na multidão esfarapada.

Sozinha, se vê cercada pela carência afetiva e sexual daquela legião de indescritíveis formas humanóides. Onde fui me meter?, pensa arrepiada. Respira fundo, pedindo tempo. Então, sobrepujando o disparate de tão bizarras figuras, surge

a brejeirice de um sorriso que oscila entre o inocente e o maroto. De braços cruzados, postura displicente, o dono do sorriso olha com desdém a absoluta falta de habilidade da estudante. O suposto louco contrasta com a maioria ali, nua ou seminua; está vestido. Bem vestido. Para maior espanto de Fabiana, demonstra possuir gosto apurado e muito pessoal. Não digo que sejam completamente limpas suas roupas, mas não fedem. Alto e louro, é um dândi. Tem sua idade, se tanto. E charme e cinismo suficientes para deixar qualquer mulher abalada; quanto mais ela naquela situação. Quem é você?, pergunta, consciente da mesmice da pergunta. A resposta vem da fedentina da boca de um esquelético velho-menino ou menino-velho, não sabe bem.

– Shi! A dotorinha já caiu na rede do galego! Dotoria Márcia é que não vai gostá! Quem é esse aí?! Esse aí, dotoria, é o Erótico Neurótico. Quem batizô ele assim foi o enfermeiro Egídio. Cuidado com ele, hein! Ele pensa que é o rei da foda; pensa que tem pinto de ôro! Ri, ri, ri... E aquele, sozinho lá no meio do terrero, sabe quem ele é? É o Jatobá. É arve. Um dia a gente plantô ele de arve. Daí, a gente mija nele todo dia. Um dia, ele vai brotá de arve e ficá carregadinho de fruta madura.

– E você, quem é?

– Eu sou Satanais.

– Satanás?

– Sabe por quê? Por causa dos chifre, óia! Foi a Norminha que pois eles aqui, óia, óia! Dois chifre. Óia! Eu vi o Tião pegando nos peitinho dela e vi tamém...

– Tá bom, Satanás, posso imaginar o que foi que você viu!

Sorrisos desdentados pipocam, desadensando o ar. Tímida, a autoconfiança da estudante começa a aflorar.

– E aí, menina, como está indo?

– Indo, professor. Gostaria de conhecer a história do rapaz loiro que anda vestido.

– Ah, já sei! O Erótico Neurótico? Dá um trabalho!

– Assedia ou é assediado?

– As duas coisas. Enquanto a gente acode um lado, o outro transborda. Sua história, como a de todo mundo aqui, é triste. Um rapagão. E muito sensível, coitado! Tão sensível que não agüentou o tranco lá fora. Segundo sua mãe, ele é filho de um político, muito nosso conhecido. Só não revela o nome do safado. O figurão nunca assumiu a paternidade. Parece que o menino foi estuprado pelo padrasto, por volta dos três anos. Na adolescência, fazia teatro. Trabalhou no Rio de Janeiro e dizem que tinha talento. Talvez tivesse feito carreira, mas, sabe como é, acabou nas mãos de um diretor cafetão que, em troca de papéis, prostituiu o garoto. Atormentado pelo fantasma da AIDS, e do padrasto, naturalmente, num momento de fúria, esfaqueou o aliciador. Para livrá-lo da cadeia, o pai deu um jeito de colocá-lo aqui.

– Então, não é louco?!

– Não necessariamente. Mas se não era, ficou. Isto aqui, minha filha, destrambelha a cabeça de qualquer um. É paciente do Arnaldo. Se fosse meu, não estaria mais aqui.

– Qual é o nome dele?

– O nome... olha lá no fichário pra nós, Matilde, faça-me o favor!

– Pois não, doutor. Achei. Gladson da Silva Morais.

– E o nome da mãe, tem aí?

– Mãe, mãe... Romilda da Silva Morais. Pai ignorado.

– Alguma outra informação, Fabiana?

– O senhor acha que ele pode passar a vida aqui, doutor?

– Só Deus! Só Deus há de saber! Jogos de interesse!

Esses são poderosos!

De volta para casa, Fabiana se vê sorvida por um trânsito lento, cansado. As primeiras sombras da noite encapsulam a cidade. As poucas folhas que ainda restam nas árvores tremeluscam, prenunciando frio. Um forte arrepio sacode-lhe as lembranças do dia. Sobre colchões imundos, sem a proteção de lençóis, menos ainda de cobertores, dorme toda

aquela gente. Irrequieta, não suporta a própria pele. Pela janela do carro, joga seu relógio; o som; o casaco; seus óculos de sol; o sutiã. A agonia fica. Está numa encruzilhada: Conto aos de casa? Ou não conto que conheci meu primo, o filho bastardo de tio Natalino?

## FOI COMO FOI

Não houve planejamento. Aconteceu. Pediram a ela para entregar ao engenheiro-chefe da construtora Rocha e Almeida o projeto de um hotel. Assim que pisou na ante-sala do gigante, vazia, ouviu som de vozes alteradas.

– Eu quero o motivo; tem que haver um!

– Um motivo? Não existe um. Existem milhares, mas não desejo falar sobre eles. É direito meu. Será que não dá pra você entender?

– O direito de virar as costas a um relacionamento de oito anos sem nenhuma explicação? Eu também tenho os meus, e o primeiro deles é saber a causa de sua proposta de rompimento.

– Se é assim... Eu só não queria magoá-lo. Depois, não vá reclamar... A causa é outra pessoa. Eu o conheci em Madri, durante o congresso de artes visuais. Foi uma série de coincidências, dessas que só o destino pode tecer: tomamos o mesmo avião, ficamos no mesmo hotel, mesmo piso, um apartamento ao lado do outro. Descemos para jantar, no mesmo elevador. E, em táxis separados, chegamos juntos ao Alonso Martinez, onde ambos tínhamos mesas reservadas. Na manhã seguinte, descobri que ele também estava inscrito no congresso de artes. Apesar do acaso tramar a nosso favor, não

tínhamos trocado uma única palavra até que, no intervalo do almoço, nos trombamos desastrosamente. Eu olhava embevecida a perfeição dos traços de Francisco de Goya na belíssima obra *La Maja Desnuda*, no Museu do Prado, quando percebi que estava pisando em alguém. Ao pedir desculpas, vi que era ele, tão enlevado com o quadro quanto eu. Foi inevitável. Acabamos envolvidos.

– Envolvidos? Só isso?

– Não, foi mais que isso. Temos em comum o gosto pelas artes, a sensibilidade. Desculpe-me dizer, mas o seu mundo é feito de concreto. Não há nele lugar para pessoas feito eu.

– Sua vagabunda!

Na ante-sala, a moça quer retirar-se mas é tarde. Ouve o nítido som de uma bofetada e alguém, uma mulher, passa por ela como uma bala. O homem vem em seguida, na intenção de alcançar a mulher que já vai longe. Vendo a patética figura da desconhecida, pára indeciso.

– Posso saber o que a senhorita faz aqui?

– Desculpe-me. Não havia ninguém na mesa da secretária. Sou desenhista da Projetos e Soluções. Vim trazer alguns esboços.

– E aproveitou para ouvir detrás da porta, não foi?

– Não, juro que não! Eu volto em uma hora mais oportuna, se o senhor achar melhor.

– Faça isso, mas antes, consulte minha secretária.

Que situação! Ela estava tão transtornada quanto o engenheiro. Precisava de um lugar para se recompor. Encontrou um banheiro feminino. O espelho grande reflete não a sua imagem, mas a do executivo, seu agressor: moreno, mais jovem do que ela imaginara, forte, a transpirar energia por tudo que é poro, agressivo, terrivelmente ferido em seu amor próprio. Balança a cabeça, e afasta a visão.

Vagabunda! Será que ouvi mal ou ele usou mesmo esta expressão? Estranho, não combina com sua imagem. Não é palavra que deva fazer parte de seu cotidiano. Ou ela realmente merece o termo, ou ele estava muito transtornado. Mas vai lá se saber o que existe por trás da máscara social de cada

um! Poderoso como ele é! O poder apodrece as pessoas; na sua posição, humilhar é fácil! Que azar, meu Deus, chegar no auge do desentendimento entre os dois! E a secretária dele, onde teria se metido?

Pega, na bolsa, um lenço de papel. Cuidadosamente, limpa pequenas gotas de suor acumuladas em sua testa, tentando apagar sinais evidentes de um inexplicável nervosismo. Afinal, ela não tivera nada a ver com o desentendimento do casal. Resolve lavar o rosto. Sem pressa – o dia está mesmo perdido –, refaz a maquiagem. Com olhar firme, aprova sua imagem refletida no espelho. Eu volto, cão raivoso! Sou apenas uma estagiária suburbana, não posso me dar ao luxo de melindres. Volto, e garanto que o todo poderoso vai gostar de meus projetos. Deixa o banheiro, olhando ressabiada em direção à porta do gabinete do engenheiro-chefe. Ouve o barulho do elevador, corre apressada, mas não o suficiente para alcançá-lo. Será que nada hoje há de dar certo?, pensa irritada. Decide ser ousada. Por que não? Dá meia-volta pronta para retornar à sala da fera. Na ante-sala, que continua vazia, pára, indecisa. A porta do gabinete é aberta e surge o engenheiro de pasta e óculos na mão. Tem um ar visivelmente cansado. Abrem a boca ao mesmo tempo sem que nenhum fale coisa alguma. O ruído vem de fora. Ouve-se um estrondo, o prédio inteiro treme, assustado, e os dois são engolidos por um mundo de trevas. O homem, visivelmente nervoso, começa a procurar o interruptor, a esmo. Está agitado, mas não agressivo. Pelo contrário, parece até meio angustiado. É ela a primeira a falar:

– Sua secretária ainda não voltou?

– Não trabalhou hoje. Disse que teve um pequeno acidente de trânsito. Eu estava de saída. Sabe aqueles dias em que tudo dá errado? E essa agora? De onde vem esse blecaute?

É uma situação desagradável. Entretanto, ali, no escuro, a fera responsável pelo crescimento astronômico da Rocha e Almeida mais parece um gatinho assustado. Será que o agressor de mulheres tem medo de escuridão? Sente uma

súbita necessidade de vingar-se daquele homem, de tomar as dores da mulher agredida, uma desconhecida afinal.

– Vagabunda, foi o que você disse, não foi? É assim que você trata as mulheres, com palavras grosseiras?

– Não, claro que não! E por favor, não me fale daquele momento. Infelizmente, perdi a cabeça.

Há sinceridade na voz dele, coisa que ela faz questão de ignorar, saboreando a vitória. Acha que ele merece estar com aquele jeito de cão indefeso e ela, com o ego engrandecido. Os homens são todos iguais, mandões, presunçosos. Continua, divertindo-se com o embaraço dele.

– É muito fácil atacar mulheres num país onde elas são discriminadas, não? Quem é que dá importância aos sentimentos de uma mulher? A disputa de mercado é bem mais interessante, não é?

O homem faz apenas um gesto com os ombros, mais imaginado que visto; ela não sabe como interpretar sua reação muda. A falta de uma resposta concreta lhe dá a verdadeira dimensão de sua impertinência. Em um território que é dele, sozinho numa sala escura, sente-se meio boboca, intrometida. Sabe que ultrapassou a barreira da sensatez, sem necessidade. Suas convicções começam a dar sinais de amolecimento. Na densidade do silêncio e das trevas (será que não conseguem arrumar essa porcaria de luz?), começa a perceber, alarmada, algo ainda mais pesado que a escuridão: o sofrimento de um homem traído. Ah! não, não vou arcar com o peso desse desconhecido, pensa, alarmadíssima.

Um segundo, se tanto, e a metamorfose é completa. Paralisada, ela não é capaz de um gesto. É insustentável a leveza do momento. Encontram-se os dois, no frágil coração de uma gruta, rodeados de ínfimas partículas de cristal. Do teto, pendem valiosas, intocáveis estalactites. Do chão elevam-se pilares de estalagmites, preciosidades de tamanhos variados, esculpidas pela paciência secular da natureza. Ela não faz um único movimento, não toca em nada. Tem medo até de respirar. Imóvel, vasculha a memória procurando a

palavra certa. Não há o que dizer. É ele quem desanda a falar, referindo-se à outra, com os verbos no passado.

– Ela era tudo para mim, entende? Era minha vida. Não tinha o direito de me chamar de grosseiro. Sabe por que eu nunca tive tempo para sensibilidades, erudições artísticas? Pelo simples fato de que era eu quem sustentava sua fama de mulher fina, burilada, esse finíssimo diamante cuidadosamente lapidado que tanto encanta os homens. É, em todos esses anos, não fiz outra coisa senão trabalhar. Me matei debruçado sobre aquela maldita prancha fazendo dinheiro para custear suas amenidades, um nunca acabar de leilões de obras raras, viagens, museus, visitas a escavações. E o dinheiro de onde vinha? Pensa que sai barato viver rodeada de preciosidades? Ver apenas o lado brilhante da vida? Isso ela nunca perguntou, jamais especulou. Especulação, que é isso? Esteve sempre, muito acima de reles questões de sobrevivência! Daí, enquanto ela visitava feiras de artes pelo mundo a fora, eu acompanhava, ansioso, o resultado de cada concorrência, fazia novas licitações, rastreava, atento, as tendências do mercado, oscilações de capital. Depois do último noticiário, ia para a cama exausto. Numa coisa ela está certa: só lido com o que é matemático, exato, concreto; o menor deslize e bum... vai tudo pelos ares!

Deseja dizer a ele para ficar calmo, não falar nada, não tocar em nada. O que está em jogo no momento é o equilíbrio interno de cada um deles. Um gesto errado e milênios de esforços, convicções tecidas com o rigor dos legistas, correm o risco de desmoronar-se em cascata de água. Mas as palavras não saem de sua boca.

Não suporta o sofrimento daquele homem, um desconhecido que, há meia hora, ela conhecia apenas através de jornais. Por que não consertam logo essa maldita luz? A principal ameaça vem de sua falta de habilidade com a palavra. Deu sempre preferência ao gesto. Entretanto, qualquer iniciativa é temerária. Se não encontrar logo uma saída, ela, fatalmente, abraçará com carinho de mulher, a desventura daquele homem. Um pouquinho mais, e ele se agarrará a ela,

como última tábua de salvação. Quando clarear, terá que levá-lo para o aconchego de sua lareira. Como todas que são verdadeiramente mulheres, em todos os tempos, fará um café. Ele continuará falando a respeito da outra (com os verbos no passado), tentando interiorizar a traição. Ela se apiedará de seus chifres, abrirá uma garrafa de um vinho não muito bom, meio suspeito e mais outra. Navegando nas brumas de Baco, a vida parecer-lhe-á muito leve. Farão amor ali, no calorzinho da lareira, ela ficará grávida porque, no momento, não está tomando a pílula e ele é o típico homem que não aceita camisinha. Como nas novelas, eles se casarão.

De repente, do jeito que se foi, a luz volta. O homem chupa ruidosamente o nariz, e tenta se recompor. Passa as costas das mãos sobre os olhos, magoados pela claridade repentina. Caminham juntos, em direção à saída. Sob o olhar de um grupo de pessoas barulhentas, deixam o elevador. Ela na frente. Os dois, muito sem jeito, caminham. Alcançam a rua. Tudo que ela consegue dizer é um desbotado até logo, enquanto pensa: será que não teria dado certo? Coitado, ele é tão inseguro, generoso, sensível. Nem perguntei seu signo.

Param os dois falando ao mesmo tempo:

– Não quer tomar um café em minha casa?

## LIMBO\*

Falou assim, naquele seu sotaque abaianado: A Edna tinha umas dores no pé da barriga. Dores fortes, num sabe? Daquelas de fazer careta, ranger os dentes, deixar o indivíduo de quatro. O médico, sabe como são eles, foi logo pensando em operar, disse que era apendicite. Abriu. Ô xente, não deu outra! O apêndice dela tava grosso, teso. Parecia um peru ouriçado, no ponto de bala. A senhora entende o que é que estou dizendo, não entende? Minha mãe, começando a envermelhar as orelhas, fez com a cabeça que compreendia. O homem continuou: Pensa que parou aí? A barriga de minha mulher continuava grande, dando mostras de alguma outra avaria. O doutor foi em frente, escarafunchando, fuçando no de dentro dela. Desconfiou que pudesse ser um tal mioma. Que mioma que nada, era menino mesmo. Na certa, um baianinho do saco roxo. A Edna ali dormindo, escornada. Abriam a portinhola da sala de cirurgia e me perguntaram: E agora, que que a gente faz? Ela está grávida. Grávida?! Falei: tira, tira tudo, limpa, joga pros cachorros! Os olhos de

---

\* Premiado no IV Concurso da Associação Artística e Literária *A palavra do século XXI*, Cruz Alta-RS, este conto foi publicado na coletânea *Estalidos*, em 2001.

minha mãe arredondaram de espanto. Meu pouco entendimento desentendeu de vez. Então era possível aquilo? Transformar gente pequenininha, inocente, em comida de cachorro, sem nem consultar a mãe? Não era crime? Pecado? O homem tinha a melhor das caras, falava contente, esfregando as mãos como se tivesse acabado de praticar uma grande ação.

Imediatamente me veio à memória. Vi a cena. Coisa recente, ocorrida semanas antes: o ninho cheio de filhotes de rato, magrinhos, a pele fina riscada de veias azuis. Os ossos aparecendo, furando a fragilidade da pele transparente. Da mãe ninguém sabia. Talvez presa em alguma ratoeira. Meu irmão tinha descoberto tarde demais, a ninhada. Mamãe pegava um pouco de algodão, improvisava, dando a ele o formato de um pequeno mamilo. Molhava no pires de leite e colocava na boca do filhote. Ele nem os olhos abria; tentava sugar mas não tinha forças. Mamãe pegava outro, nada. Os ratinhos ficaram ali abrindo e fechando a boca até morrerem todos. A gente chorou feio de muita pena.

Anos mais tarde, minha irmã me ligou chorando, não dizia coisa com coisa. Assim eu não entendo nada, fala direito, pombas! Acho melhor não falar nada, é triste demais, você vai ficar tão chocada quanto estou. Sempre pensei que essas coisas só acontecessem longe da gente, na televisão. Que horror, meu Deus! Um pouco você já falou, agora vai ter que terminar. Ela fungava, chupava o nariz, gungunava e nada de explicar. Eu esperando, muda. Finalmente falou: Ela está no hospital, sim, mas não é pneumonia como lhe disseram. É hemorragia. Não morreu por pouco. Aborto, então? Nem sei se é essa a palavra certa. Encontraram a criança no... não, não dá pra falar. Será que você não percebe que a pior tortura está justamente na espera? Fala de uma vez, criatura! No lixo. Encontraram a criança *no lixo*, é isso? Aí, eu sabia que você ia ficar horrorizada. Quantos meses? Ninguém sabe direito. Seis, no mínimo. Seis meses? Então tem gente muito mais experiente do que ela metida nessa história. Criança daquele jeito não ia ter cabeça nem sangue frio para uma barbaridade dessas! É, deve ter. A mãe diz que não sabia de

nada, que ignorava a gravidez da filha. Tá lá no hospital representando o papel de santa, com a maior cara de pau. É típico dela transferir para outros a própria responsabilidade. Foi sempre assim. Não vai chorar? Não. Estou indignada demais para chorar. Paralisada. Bestificada. Sei lá, me sinto a mais inútil das criaturas. De que adianta lutar, fazer direito? Mais tarde, quem sabe brotem as lágrimas. Fiquei ali esmagada pelo peso do mal, sem ânimo para acreditar na existência do bem. Um pombo branco, levíssimo, um nada perdido no emaranhado infinito de um cosmos violento e tresloucado, passou voando, trazendo sua inquestionável e inútil mensagem: Não vê que eu, leve, mais brando que o ar, sou o símbolo da paz, do amor? Represento a eternidade da beleza povoando ícones como a Praça de São Marcos. Veneza, ilhada de azul (ah, beleza imensurável!), é o lugar, mas pode contar com minha ubiqüidade, estou lá e estou aqui. A paz... a paz é isso: um nada, um pontinho branco no preto, no vermelho, no azul, no cinza, para olhos experientes localizarem. E só.

Não pude dormir naquela noite. Eram incontáveis os filhotes de rato a serem amamentados. Sugavam meu peito com sofreguidão; uma fome insaciável que meu leite sozinho não tinha o poder de matar. Outros, parecendo revoltados, não mamavam, mordiam o mamilo com seus dentes afiados. Depois, inclementes, olhavam de um jeito, bem dentro de meus olhos. De quais crimes aqueles olhinhos ofendidos me acusavam? Mastigado, meu peito sangrava. O sangue, um filete quente, eterno como a vida é, escorria de minhas entranhas, manchando a brancura do piso impecavelmente limpo. Na entrada da enorme maternidade, havia um letreiro que meus olhos humanos não podiam ler. Recorri a uma pálida enfermeira. Que palavra é aquela? Limbo. Limbo?! Como assim? Não vai me dizer que nunca ouviu falar! É o lugar para o qual são mandados aqueles que não receberam o sacramento do batismo. E são tantos assim? São. Esta é a maternidade número 20.026.304. Não sei quantas já foram construídas depois desta.



## LUCIDEZ TARDIA

A pesar da pouca luminosidade, percebo, intrigado, a existência de uma cerca de arame delimitando a área. À minha volta, o rebanho começa a despertar. Alguns ficam em pé, como estou. Bois? Que é que eu faço no meio de tantos?! Meu corpo dói, uma dor repisada, sofrida. Olho, apalpo. E fico perplexo: preto, pêlo áspero; uniforme, até bonito, mas não é minha pele. Não sou boi, ou sou? O cheiro é bem característico dos currais. Já estive em um antes. Como gente, é claro! E agora? Não, não posso acreditar. Dizem que os ruminantes não pensam, mas... se estou pensando?! E os humanos, pensam todos eles? Os bois, quem garante que não? Alguns me olham familiarmente, como se eu fosse da raça.

Tentando esclarecer a situação, dou alguns passos. A dor continua. Em minhas patas (patas?! Isso não significa rendição?) algumas escoriações, marcas de cordas. Será que estive amarrado? Se estive, qual a razão? Tenho pensamentos. E a memória?

Devagar, eles começam a aparecer. Mesmo naquela hora matinal, depois de uma noite presumivelmente de repouso, suas feições são carregadas. Abrem a porteira, começando a tanger a boiada. Caminho para a abordagem, decidido. O peão arma o chicote. Qual é, cara, sou tão gente quanto você! A

resposta é uma chibatada no lombo. Fico surpreso, como minha pele engrossou, nem sinto dor, apenas uma revolta silenciosa. O que mais incomoda é o medo de que minha comunicação com os humanos esteja irremediavelmente bloqueada.

Mudo, gente ou boi, boi ou gente; um monstro, quem sabe?, sigo a turba. Sinto o sol em minha... superfície, sem vê-lo. É grande a confusão mental. E se me aplicaram um vírus modificador? É, posso estar sendo cobaia de algum estudo científico.

Param para o almoço deles. À minha volta, todos comem ou vão comer. Os bois pastam felizes enquanto os homens preparam o churrasco na brasa. Um cheiro irresistível desperta minha fome. Vou me aproximando devagar. Eia, boi! A advertência vem acompanhada por uma estocada de ferrão. Dói como uma queimadura. Mas, a dor maior vem de dentro. Um fio de sangue escorre lento sobre minha pele áspera. Bufo raivoso.

Retomamos a caminhada. Tendo rejeitado a experiência de pastar, minha única saída, permaneço em jejum. Sinto náuseas. Um vazio, uma sensação horrível por não saber quem sou, onde estou, para onde me levam. Vagamente, sinto que alguma coisa deveria ter sido diferente. Mas o quê? Se não me lembro de nada... Pode até ser que eu realmente tenha nascido boi e que, por um processo novo, tenham colocado vontade dentro de mim. De volta o pensamento da experiência. E os outros? Parecem felizes dentro de suas carcaças. Uma coisa é certa, vou ter que esperar.

Subitamente, vislumbro algo que me anima. Lembranças afloram.

Tenho um mar de ouro a meus pés. Para tocá-lo, basta atravessar a areia de prata. O Rio Araguaia, não há dúvida. Quantas vezes aquelas águas refrescaram meu corpo, a cabeça quente do executivo que busca na natureza a trégua entre um problema e outro. Que bom saber, sou gente, minha gente, um apaixonado por essas águas de tanta paz!

Eufórico, disparo em direção ao rio. Não é minha intenção, mas os vaqueiros interpretam como tentativa de fuga.

Caem de varas sobre mim. Tento me explicar. A comunicação continua quebrada. Na confusão, a dúvida me atormenta. Pesquei ou não naquele rio? E o acampamento, os companheiros, minha mulher, o biquíni amarelo despertando meus sentidos, o desejo saltando de meu corpo saudável, os filhos. Estão todos ali na minha frente, alegres, bronzeados. Cheios de confiança no futuro. Era uma bolada sem tamanho. Ficaríamos ricos. Adeus problemas, calculadoras. Situações vexaminosas. Não, minha mulher e meus filhos não sabiam de nada. Os outros sabiam tanto ou mais que eu. Às vezes eu vacilava. Os outros me olhavam desconfiados. E se desse errado? Era uma transação arriscada, envolvendo gente demais. Fui ficando nervoso, deprimido. Perdi o sono, a fome. Vieram as férias, o acampamento. Gente rica, bonita. Arrojada. Ali, de copos na mão, não havia perdedores. Me desliguei do perigo, fiquei forte, corajoso. O poder de cura das águas. Acreditando naquele poder, agora, eu corro pensando em lavar no rio minhas dúvidas.

Os peões não entendem. Caem de paulada sobre mim. Meu nariz sangra em jatos descontrolados. Volto para o meio da boiada. Sou um deles.

Estamos perigosamente à beira do rio. Os homens, num esforço conjunto, tentam barrar o rebanho. Instintivamente, diminuo meu passo. Caminho devagar, procurando cobertura no meio da turba.

Os peões confabulam e olham a boiada, indefesa. Um medo horrível me possui. A hemorragia aumenta.

Descobriram! Alguns vaqueiros se aproximam de mim enquanto outros vigiam a boiada. Descobriram! Saiu a denúncia em todos os jornais. Os vaqueiros estão cada vez mais perto. Me encolho todo. Sou gente, sou boi, sou caçado. Se a culpa é de todos, por que só eu devo pagar? Os vaqueiros apontam em minha direção: Aquele ali, pondo sangue pelo nariz. Desgraçados me sentenciaram. Conto tudo. Se contar morre, dizem seus olhos, estamos de olho no seu filho, assume sozinho ou paga caro. Não quero livrar minha cara, sou culpado, sim, mas sozinho não assumo. O preto?, pergunta

um deles? Aquele mesmo, responde o outro, é forte, tem sangue suficiente para enganar as piranhas enquanto fazemos a travessia. Tenho ganas de gritar que estão enganados, que meu sangue acabou. De minha garganta não sai nenhum som. Fui pego! fui pego desgraçados! pego, pego e sentenciado! Tangido por eles, caminho automaticamente. Boi lerdo até parece saber que caminha pra morte! Assanhadas pelo cheiro de sangue, as bichas aguardam goelas arreganhadas, a fileira de dentes afiados.

Enquanto me devoram, sou mais lúcido que nunca. Sei. Sou boi, boi de piranha. O nojo que sinto de tudo, de mim principalmente, esse é humano.

## MULHER LIBERADA\*

*O dia forma-se  
de quase nada:  
um seio nu  
por entre pálpebras*

Lêdo Ivo

**D**eus. Sol. Sol. Deus. Deus-sol, sua religião. Nenhum outro é tão grande, poderoso. De onde vem a dependência? Não sabe. Ou melhor, sabe em parte: nasceu numa manhã assoalhada de dezembro, tempo de céu invariavelmente emburrado. Depois de uma noite de negras pancadas de chuva, o dia surgiu escandalosamente radioso. Céu gritando de azul, nuvem alguma, só aquele astro enorme, grande como nunca tinha sido, novinho em folha, brilhando feito ouro polido. Após quase três semanas de atraso no parto, atraso que descabelava a mãe, o pai, as duas avós, o médico, o assistente do médico e o pediatra, que necessitava com urgência daquele dinheiro para saldar as dívidas mais urgentes, finalmente a criança decide que naquele dia, sim, valeria a pena nascer. Esse pode bem ser o motivo principal. É uma hipótese.

Espreguiça, adivinhando sua presença. Salta da cama e, ainda meio sonolenta, escancara a janela. Nua como veio ao mundo, e fica sempre que é possível, recebe na pele morena, arrepiada naquele momento, o beijo do sol. Abre os

---

\* Conto premiado em concurso da Câmara Brasileira de Jovens Escritores do Rio de Janeiro, com publicação na *II Antologia 2001*, Prêmios Pórtico, Rio de Janeiro.

braços oferecendo os seios volumosos, um pouco exagerados para os padrões brasileiros, sentindo o pêlo pubiano arraçado de puro prazer. O fato de morar no terceiro andar não a incomoda. O jardineiro da mansão em frente, que ocupa quase todo o quarteirão, colhe flores. Esse, coitado, não é problema. Pouco vê. Para enxergar um pouquinho mais tem de se sujeitar àquela humilhação: espremer as enrugadas pálpebras, abrindo exageradamente a murchidão da boca de lábios engolidos, tomando ares de completo idiota. Que inversão doida, fechar os olhos e abrir a boca, o contrário não seria melhor? O motorista da madame, esse é esperto. Quando o dia amanhece limpo, pega logo de papo com o jardineiro, uma prosa mole, comprida; conforme até ajuda o velho na poda de algum arbusto. Se tem que sair cedo, a madame fica irritada batendo o nervoso pezinho enquanto o motorista é encontrado. Do dono da casa, Stella já riu com prazer no dia seguinte à mudança, quando, desavisado, ele a viu em pêlo, sorrindo para o nada, uma visão de dúvida, se real ou imaginária, e, meio apalermado, bateu de frente com um mundo de espinhos da roseira de rosas vermelhas, a mais espinhuda de todas, ferindo inteira a cara de queixo flácido. Depois do incidente, vê apenas o perfil do velho desenhado na cortina do banheiro. Nada disso perturba seu encontro com o sol. Ama também os sons da cidade, onde se sente segura. Aquele bairro novo, cheio de construções, a vida se refazendo, o martelo batendo firme, a serra cantando enquanto molda a madeira. E ainda o canto da cigarra nas árvores. Do grilo na floreira. Fecha os olhos e tudo o mais desaparece. Ficam os dois, ela e seu deus morno abençoando cada milímetro da morenice de sua pele. Um beijo quente e prolongado, beijo de amante apaixonado. Está agora completamente desperta, todos os sentidos acordados. Passeia a mão pelo corpo, acarícia docemente o bico dos mamilos, num prazer consentido. Então fala: preciso de sexo. Abre o chuveiro analisando a situação: não estou emocionalmente ligada a ninguém. Ou melhor, tô, mas o Samuel tá na maior lonjura, em Zurique, no festival de música pop. Que pena, preciso muito de ti, amor. Teria que ser outro mas, quem? Vai

pra cozinha. O suco de laranja desce macio, acariciando seu interior. A geléia de amora tem a cor da paixão. Preciso de alguém, com urgência. Vou ou não à faculdade? Vou, quem sabe um professor, algum visitante de passagem. Põe o vestido de malha fria continuando nua. Sandálias transparentes, batom rosa-chá. Não pensa em ninguém em particular. O prazer de ser mulher é todo seu. Stella, você hoje tá demais, tá naqueles dias, tá? Que Stella, Sarado, hoje ela tá mais é pra Madalena, Madá tentação! Pára com isso, gente, fico sem graça! A Madá tem sangue quente, galera! E bom, viu, gente, sangue bom! Eu tenho o maior orgulho de meu sangue!

Às 10:45, inquieta demais para permanecer em classe, decide deixar a faculdade. No estacionamento, caminhando em direção ao carro, cruza com o motoboy que chega carregado de pacotes. Olha fixamente a nuca do rapaz. Ele vira a cabeça encarando a estudante. Mulato jovem, quase bonito. Serviria se não fosse o preconceito dos colegas. Tá a perigo mesmo, hein Madá, nem motoboy escurinho é perdoado? Sente a acusação dos puristas, e eles são muitos ali: puta! Depravada! O sol quase a pino põe ouro nas folhas das árvores. Põe fogo em suas veias. Pensa no seu distante Samuca enfiado num grosso capote, bochechas e orelhas vermelhas de frio, cantando baixinho, meio desafinado, o sulco profundo na testa; um patético ar de sofrimento na cara inocente. Zuri que empacotada, os Alpes Suíços cobertos de neve. Sente falta do rapaz. Queria estar com ele, naquele clima zen, em um hotelzinho gostoso, na encosta íngreme de alguma aldeia, tomando vinho, comendo chocolate, gozando a paz daquela terra liberta. Deixa o campus universitário tomando o rumo da cidade. Até alcançar a Avenida Independência não tem planos. Ali, pega a Marginal Botafogo com intenção de ir ao Shopping Flamboyant. No estacionamento do Estádio Serra Dourada, completamente vazio naquela manhã de quarta-feira, decide parar. Caminha lentamente, pelo simples prazer de caminhar, de sentir na pele a carícia de seu deus. No único canteiro de gramas, deita de costas, os braços abertos em cruz. Perde a noção do tempo. De volta ao carro, acompanha pelo retrovisor

a aproximação dos dois que entram no veículo ao mesmo tempo, um no banco da frente, ao seu lado, e o outro atrás. Já ia dizer que para ela um seria suficiente, quando sente o frio metálico do cano de uma arma encostada em sua nuca. Em segundos, os tipos estão mascarados. Desaparece o sol. Vire à esquerda e, depois, pegue a avenida em direção à rodovia. E nada de truques, nenhuma gracinha. Podem levar o carro, eu prefiro ficar. Isso quem decide somos nós e boca fechada! Nunca foi de ter medo, mas aquelas máscaras pretas, pesadas, mexem com seus nervos. Um furo comprido na altura dos olhos e só. Dirige calada por mais de meia hora, consciente da arma apontada para sua cabeça. Finalmente, pergunta: Que tipo de acordo vocês querem fazer? Estou aberta a qualquer negociação. Acordo?! É bom que você entenda isso de uma vez, garota, a gente não negocia com bruxas, com hereges. Eu, bruxa? Que idéia? Sou uma moça normal, só queria caminhar um pouco sob o sol, só isso! Vendendo sensualidade, luxúria? Vá me dizer que não procurava sexo? Se pintasse alguém, pode ser... Sexo por sexo, não sabe que é pecado? Que vai contra a moral e os bons costumes? Bem, isso é problema meu, não acham? Problema nosso, da Santa Inquisição! Agora o arrepio é de medo e percorre seu corpo inteiro. São loucos os caras? Sem essa, gente, estamos no finzinho do milênio, o século XXI batendo em nossa cara. Que conversa é essa? A Inquisição acabou faz tempo, cada um é dono de seu corpo, de sua vontade, qual é? Não falei que era uma impura, uma herege? Sabe para onde vão os hereges, não sabe? Esqueça esses medievalismos, vá, a gente conversa. Olha, na minha bolsa estão os documentos do carro, o cartão de crédito, talão de cheque. Podem levar tudo, o carro também. Não vi o rosto de nenhum dos dois, só quero descer. Descer? Foi você quem começou a brincadeira, não foi? Libidinagem, lascívia. Liberada, dona de seu corpo. Não tente nos enganar. Aboliram o uso da estrela de David, mas você nem precisava dela: não há dúvida, é da raça maldita. Estamos quase chegando, é logo ali. Pegue a primeira estrada de terra, à direita. Agora à esquerda. É quando ela vê uma enorme

cruz erguida sobre um amontoado de madeira, no centro de um terreiro de chão batido, coberto de gente. Na entrada há um cartaz: Santo Ofício da Inquisição: auto-de-fé. Pessoas comem e bebem. Alegram-se como numa grande festa. A cabeça lateja acompanhando os flashes: Valência, Sevilha, praça Maior de Madri, Lisboa praça do Rocio. Então ela compreende: comem e dançam e riem, aguardando o melhor da festa: o espetáculo, e sabe: como das outras vezes, não haverá salvação. Decide rápido: pode até ser queimada, mas não viva, isso nunca. Abre a bolsa, com cautela. Silenciosamente a lâmina penetra a maciez de sua carne.



## NEM TUDO SÃO LUZES

*Me dêem a agonia  
de Van Gogh,  
e eu pinto de vermelho  
o sol dos girassóis.*

Gabriel Nascente

Um único detalhe pega. Em tudo o mais, é igual aos outros. Responsável, afetiva. Sem estardalhaço nem cobranças, chamou para si a responsabilidade dos eventos sociais da família. Nada acontece sem a tão tímida quanto indispensável presença de Lucimar. Tem sido assim, desde o batizado dos irmãos. Embora não se lembre dos primeiros, está nas fotografias de todos eles. Das formaturas e casamentos, recorda-se, com exagero de minúcias. No casamento da Verinha? Tia Jacinta estava de rosa. Rosa, eu, imagine! Meu vestido era bege. Naquele tempo eu já não era nenhuma mocinha. Mas tava de rosa, sim, olha aqui a fotografia! Rasga essa foto, menina! E dá um jeito de esfumegar um pouco sua memória, nunca vi! Nem sempre entende as atitudes da família. Estranhos, esses meus irmãos, com tanta mulher nesta cidade, cada um arranjar casamento em um lugar diferente. E longe. Detesto malas. Seria tão mais simples não ter que conviver com tantas. Acompanha o nascimento dos sobrinhos, um a um (de sua barriga nunca saiu ninguém), como se fossem filhos seus. Os sobrinhos herdaram dos pais o gosto pelas andanças, por lugares novos, distantes. Foram se alastrando, como frutos oriundos de um tronco saudável, pródigo ou como erva daninha, quem sabe. Isso a aborrece um pouco. E, quando

está aborrecida, mergulha na cisterna de sua alma e, durante dias, ali fica enclaustrada nos pensamentos, banhando os pés na maré das águas limpas, longe da confusão de um mundo desmiolado demais para a simplicidade de seu gosto.

Um dia Lucimar pensou (há muito que se pensar nessa vida): o desenho de minha família tem o formato do mapa do Brasil. Vai se espalhando de baixo para cima. Que diabo de sofreguidão é essa que contamina o sangue de minha gente? Ela, pelo contrário, detesta mudanças. Guardiã convicta do nome da família, permanece com o marido na cidade de origem, os pés firmemente plantados sobre as cinzas dos antepassados. Com carinho quase fanático, cuida do túmulo dos pais. Precavida, já tem dois lugares reservados ao lado deles. Só não sei quem irá cuidar da gente, depois.

Sempre que algum dos parentes desguaritados resolve aparecer, encontra o casarão brilhando e flores frescas, tanto nos vasos quanto nos túmulos. Tamanha dedicação, um tal desvelo é bálsamo para os olhos cansados da aridez de tantos quilômetros de estrada. Deitar a carcaça dolorida na perfumada paz de lençóis engomados é como retornar à proteção abençoada do útero materno, mas... quando fecham as pálpebras, esbarram na inconveniência da luz no telhado e a companhia de ruídos domésticos, impróprios para o horário. Na confusão, o sono, sem saber se é dia ou noite, bate asas e se vai. Acontece que, como medida de proteção contra o calor, o casarão nunca teve forro no teto. Nem Lucimar aprendeu jamais a se comportar como o resto da humanidade. Ignora completamente a linha divisória que separa o dia da noite. Tão natural e cordata em tudo que a vida lhe oferece, naquele detalhe tem uma resistência obstinada, eterna como a alma que nasceu consigo.

Quem mais sofreu com aquela lesão comportamental, que escapa ao entendimento de qualquer um, foi a mãe de Lucimar. O casarão dormia cedo. Era o relógio quem determinava o sono. Vinte e uma horas, todos os cômodos fechavam suas pálpebras, entregues ao recato da escuridão. Menos um. Minha filha, por caridade, apague essa luz, a noite foi feita

para o repouso do corpo e recolhimento do espírito. Se até o sol se vai à procura de sua cama, porque não toda gente que trabalha? Entremeadada à voz imperiosa da mãe, vinha a outra mansa, sedutora, persuasiva: Isso, menina, vá pra cama, prometo ninar seu sono, fechar seus olhos com todo cuidado. Entregue o corpo à maciez dos lençóis, menininha, apague a luz antes que chegue a madrugada! Te esconjuro, foice danada, pensa que eu não sei que seu reino é das trevas? A mim você não leva não! Nada, nenhum argumento teve o poder de apagar aquela luz. Virou o quarto da janela iluminada.

Lucimar fez, sob a bênção da luz elétrica, todos os deveres escolares. A única diferença em relação aos demais alunos é o carregado das cores, nos desenhos. No mais, tudo igual ou melhor. Com o tempo (que outro jeito?), a família se acostumou ao clarão no telhado, ao vaivém da menina, do quarto para a cozinha, com suas refeições noturnas, seus horários absurdos. Se é meia-noite ou meio-dia, seu metabolismo nunca pode diferenciar. Os fantasmas, esses ficaram irritados. Só sabiam atuar na escuridão da noite. Ali, não tiveram outra saída senão agir às claras. Entravam de supetão no quarto da menina, sem abrir a porta, fazendo caretas, algazaras. Que nada, ela nem tomava conhecimento de suas escuras presenças! Confiava no poder da claridade, nos pés bem fincados no chão. Saíam desmoralizados. Só ia para a cama no canto do primeiro galo. Era uma obstinação muda, sem protestos, violência alguma, dócil: Sim, mãezinha, só falta um pouco, já apago a luz.

Fosse a mãe esperar! Pela manhã, encontrava a filha adormecida. Nos dias de aula, impecável no uniforme escolar. Nos demais dias, com a roupa de sua preferência. A visão da filha de costas, velada pela lâmpada eterna, sem mexer um músculo para não amarrotar a roupa, entristecia a mãe. Nunca pôde entender aquela complicação extra que acabou em lição de vida. Chegou à conclusão de que nem tudo neste mundo pode ser explicado.

Contra todas as expectativas, aquela extravagância trouxe alguns resultados. Num determinado ano, em que o

vento soprou mais forte, inquietando além do limite o espírito da insone, ela resolveu participar do concurso anual de levantamento de pipas. Fez a sua, trabalhando sempre à noite. Ao primeiro contato com o sol, viu-se que o colorido da pipa era mais bonito do que a cor das pipas dos outros concorrentes. Vibrante como nenhuma outra. A diferença, certamente, somaria pontos. Só havia um problema: o comprimento do brinquedo. Se não fosse a solidariedade dos vizinhos, a pipa jamais teria saído do quarto da janela iluminada. Foram necessárias mais de cinquenta pessoas para alinhar na calçada os quase cem metros de pipa e depois cuidar para que ela ganhasse os céus. Quando se desgrudava do fio de alta tensão, embaralhava-se no telhado das casas. Tirada dali, com todo cuidado para não rasgar, entranhava-se nos galhos das árvores. Alguém, com mais iniciativa, chamou o corpo de bombeiros. Irritados, no início, acabaram gerenciando a soltura da pipa. Uma salva de palmas pipocou pela cidade quando o papagaio gigante, finalmente, cobriu de cores os céus da região, um rojão de luz animando a cidade toda. A menina da insônia ganhou o troféu. No casarão, todinho iluminado, houve festa das grandes.

Concluído o segundo grau, Lucimar escolheu o período noturno para cursar a faculdade. Enquanto os colegas cochilavam na monotonia da fala de professores igualmente grogues de sono, ela anotava com cuidado cada matéria. Em casa, passava a limpo. Os opostos se atraem. O sonho dourado do sol não é beijar a palidez da lua? Na semiconsciência da sala de aula, a menina da insônia foi se aproximando do rapaz do sono. Por algum mistério impossível de se desvendar, como o dela, aliás, o colega não conseguia segurar as pálpebras. Em determinados dias, chegava ao cúmulo de roncar. Lucimar se aproximava devagarinho, acordava o rapaz, que sorria para ela, caindo em seguida no sono. Ao perceber a inutilidade da peleja, mudou de tática. Todas as tardes, levava ao colega dorminhoco as matérias, copiadas com capricho, repetindo a fala dos professores. Ele sorria, agradecido. Daí para o casamento, foi uma piscada de pálpebras.

Enganou-se aquele que apostou na escuridão do quarto da janela iluminada, após o casamento. A presença do dorminhoco não abalou em nada a secular rotina do cômodo. Um, mais curioso, pesquisou a causa. Era simples. O marido, na dependência do sono, nunca soube que dormia sob a iluminada bênção de um perigoso emaranhado de elétrons e prótons. No peso do misterioso sono, tanto fazia que o ar fosse preto ou branco. Para o namoro, melhor a claridade. O corpo da amada, dourado pela luz, adquire transparências de misteriosa porcelana. Só ela é capaz de acordar os sentidos sonolentos do marido. Deu certo a parceria.

Errados são os outros. A família, espalhada pelo país, convivendo mundo a fora com toda sorte de costumes, não é capaz de se adaptar àquela disparidade de Lucimar, a casa funcionando ao Deus dará, sem consultar o relógio, ignorando a trajetória do sol. Ruídos de talheres, barulho de panelas, máquina de lavar ligada a todo vapor, perturbando a madrugada, agitada como se fosse pleno dia. Galinhas tontas zanzando pelo quintal, pondo ovos fora do tempo, os filhotes piando de frio. Cachorros indecisos sem saber se o turno é de latir ou de dormir, perambulam estafados. Os galos não, estes cantam dia e noite, até caírem duros, mortos de puro estresse. Em épocas de reuniões da família – natal, páscoa, casamentos –, os hotéis da cidade ficam abarrotados. Os quartos do casarão continuam vazios (será por quê?), entregues a fantasmas balofos, que, na impossibilidade de agir, dormem tranqüilos.



## O CANTO DO GALO

**A**ssunto mal resolvido, desacertado. Desejo não saciado. Tempo distorcido, aleijado. Passado que não passou. Ficou, para sempre presente. *Flash back* inevitável, é naquele ponto que a máquina do tempo emperra. Não tem o que faça o filme andar. Ali parado, os olhos fechados, juro que, finalmente, serei o dono do colo acetinado de Dona Graça. Dona Graça... inatingível. Deusa, brisa. Fumaça perdida no espaço fantasmagórico de minhas lembranças.

Um mil novecentos setenta e três. Ano cheio de surpresas. Essa foi a melhor de todas! Com quatorze anos, faz tempo que não dou moral a Papai Noel. Mesmo assim o velhinho se lembrou de mim. E como! Noite de Natal. Solidão. Todos os colegas da república já se foram para suas cidades. Só eu tive que permanecer na capital. Faltou média em algumas matérias.

Nossa república fica em um edifício novo num bairro de classe média. O prédio de oito andares possui dois apartamentos em cada laje com uma sacada ao longo da sala. Olhando pelo lado de fora, tem-se a impressão de que a varanda é comum aos dois apartamentos. Mas não, ela está dividida ao meio por uma parede que termina em esse, num efeito decorativo. Valeu a intenção. O efeito é bonito, porém compro-

mete a privacidade das varandas. Em frente ao edifício, numa casa antiga, de estilo indefinido, fica uma outra república bem mais velha e tradicional que a nossa. É a famosa Paraíso das Pulgas, responsável por velhas e sangrentas batalhas. Sendo um imóvel arcaico num bairro emergente, a propriedade, há anos, desperta a cobiça das construtoras. Se continua de pé é graças à interferência dos políticos ligados às famílias dos estudantes. Além disso, a república é vista com maus olhos pela população do bairro devido aos barulhentos embalos dos fins de semana. Ninguém conhece melhor aquele local que a polícia do setor. De tanto ser chamada para aplacar a barulheira das festas, acabou sendo a maior freguesa da cerveja dos estudantes. Difícil é esconder dos guardas as meninas. Quando menos se espera um mais sóbrio grita: “lá vem a rapa!” Num segundo, a mulherada toda se mete debaixo das camas. Quem é que ia querer dormir com soldado? No “Juízo Final”, festa de encerramento do ano letivo, é que é o problema. Nesse dia, os soldados são convidados de honra, chegam cedo, à paisana. Tudo isso, sabemos de ouvir dizer, nunca fomos convidados. Nesse alojamento, em um quartinho bagunçado, com livros espalhados por tudo que é canto, mora meu professor de química. Desconjuntado e meio esquisito, com umas idéias de quem não bate bem da cabeça, ele se diz católico praticante. Nos últimos tempos, depois que meus colegas se foram, tenho voltado do colégio com ele, a pé. Então, caminhamos em ziguezague, entre os veículos, eu me borrando de medo de ser atropelado e ele, tranqüilo, cantarolando umas musiquinhas engraçadas que falam de Jesus. Em uma dessas ocasiões, o professor me diz que pertence à ala carismática da Igreja Católica. Fico na mesma, já que não entendo nada de religião. Mas não importa. Às vezes eu acho que ele fala é pra si mesmo. Sabendo que eu passaria a Noite de Natal sozinho, o professor me convida para ir à Missa do Galo. Curioso, aceito o convite. Nunca fui a uma dessas missas. Os natais em minha casa, lá no interior, são comemorados de outra forma. São festas barulhentas com a casa entulhada de parentes e amigos. Comidas e bebidas rolando soltas com a

mesa posta dia e noite. Boca livre. Uns bêbados, outros apenas alegres, trocam presentes e cumprimentos. Algumas vezes, quando meus avós estão presentes, tem até orações, mas nunca Missa do Galo. Combinamos, meu professor e eu, que ele passaria no meu apartamento pouco antes da meia noite. Temendo perder a hora, decido permanecer acordado. A fim de passar o tempo, pego, ao acaso, um livro na estante. Sou imediatamente transportado para o século passado na dura condição de testemunha de um dos momentos mais íntimos da vida de uma pessoa: a morte. Ali permaneço, amargando com o personagem os últimos suspiros de uma doença incurável, até ser despertado por um súbito clarão. Voltando, muito providencialmente ao nosso tempo, me deparo com Dona Graça, nossa vizinha de apartamento que acaba de acender a luz da sua varanda, paralela à nossa.

– Desculpe, Fabrício, se o distraio de seus estudos.

– Não tem problema, Dona graça, eu só estava lendo um pouco até a hora da missa.

– Missa! Que missa?

– A do galo. Não é Noite de Natal?

– Ah! é verdade. Noite de Natal e eu aqui, completamente sozinha, Imagino como deve estar apinhado de gente o casarão de meus pais, lá no Recife. Que saudade da minha terra, menino, você nem pode imaginar – diz ela com um sotaque mais carregado do que eu me lembrava.

Dona Graça é a vizinha que resolve nossos problemas do dia-a-dia. Somos cinco garotos entre quatorze e dezesseis anos morando fora de casa. Sozinhos, é muito comum a gente se meter em trapalhadas. No início, o problema mais freqüente era o esquecimento de nossas chaves da porta de entrada. Acostumados com portas permanentemente abertas, não tinha o que nos fizesse lembrar daquele pequeno detalhe. Antes que a vizinha viesse em nosso socorro, havia sempre um de nós, ou vários, no hall, numa algazarra infernal, sentados sobre os livros à espera de um companheiro menos esquecido que fosse portador da dita chave. Para acabar com o duplo transtorno, Dona Graça se ofereceu para guardar uma réplica

da nossa chave. Com isso ficamos de casa. Batemos na sua porta e ela, muito amável, nos oferece um cafezinho, um copo de coca cola, chocolates, um pedaço de bolo e, às vezes, até sanduíches. Barriga vazia? É só fazer cara de piedade e bater na casa da vizinha com a desculpa da chave. Não tem erro. Mesmo quando são as empregadas que nos atendem, vão logo servindo alguma coisa, sem ao menos consultar a patroa.

De uma certa forma, Dona Graça nos lembra nossas mães, só que um pouco mais jovem. Não deve chegar aos trinta anos, nossa protetora. Se parece mais velha é devido ao hábito de usar roupas escuras e bem comportadas. Agora, encostada na mureta da varandas, olhando um ponto distante, com certeza um pedaço dos céus de Recife, eu a acho jovem e indefesa, com aquela taça de vinho nas mãos. Meio sem jeito pergunto:

– Mas afinal, Dona Graça, porque a senhora está tão sozinha assim, com tantas festas por aí?

– É que meu marido, justo agora, acaba de receber um chamado urgente do hospital. Não sei se é do seu conhecimento, Fabrício, mas os bebês, aqueles pestinhas que meu marido tem a sagrada incumbência de fazer berrar, só acham de vir ao mundo à noite. E, de preferência, noite de festa como hoje.

– Verdade?

– Verdade. E sabe por quê? Em primeiro lugar, para me atazanar, é claro. E em segundo porque eles são feitos quase sempre nesse horário, na calada da noite. E com isso eu é que fico aqui a ver navios. Não é à-toa que me chamam a Santa.

Enquanto fala, minha vizinha anda de um lado para o outro. Usa um roupão longo de cetim pérola e, pela primeira vez, eu a vejo de cabelos soltos. Com eles assim parece diferente, meio etérea e... bonita. Não, bonita não, linda! Linda? Será que Dona Graça, a Santa, é bonita todo esse tempo e eu nem tinha observado? Fico indeciso: bonita ou apenas diferente com aqueles cabelos à Gal Costa em que meus olhos inexperientes nunca tinham reparado? Como se

lesse meus pensamentos, ela alisa os cabelos rebeldes, num gesto comportado. Comportado... ou faceiro? Em seguida, demonstrando timidez, volta a falar:

– Pois é, aqueles capetinhas só acham de nascer à noite, pode? E como não tenho mais ninguém, nessa cidade, além do meu marido, acabo sozinha assim. Sinto pena dela, mas não encontro o que dizer. Calada, Dona Graça olha-me nos olhos, e apesar de aborrecida com a própria solidão, finalmente, se dá conta da minha. Colocando um pouco de açúcar na voz até então irada, ela me pergunta:

– Mas e você, não se aborrece de passar a sua noite de Natal metido numa igreja, assistindo à missa?

– Mas não é uma missa qualquer, eu digo, mais sem jeito ainda. É a Missa do Galo.

– E daí? As missas são sempre iguais. Não importa lugar ou ocasião.

Pára de repente olhando o copo vazio em suas mãos como se ali estivesse a salvação da humanidade. Batendo na própria testa, ela diz:

– Mas que distraída sou eu! Vou pegar um copo prá você, para brindarmos juntos o Natal.

Vou dizer que não, que não bebo nada além de coca cola, mas ela se aproxima com os dois copos de vinho espumante. Coloca-os sobre a mureta e, inesperadamente, com uma agilidade que eu nem desconfiava nela, correndo o risco de se estatelar lá em baixo, Dona Graça, depois de subir numa poltrona, salta o muro que nos separa. No ato de pular, seu roupão, frouxamente amarrado na cintura, se abre. Então, embasbacado, eu vejo um par de pernas bronzeadas, certamente lá nas praias de Recife. Desconcertado tanto com a visão quanto com o inesperado da visita, penso no meu professor, que pode chegar a qualquer momento. Mais uma vez, ela lê meus pensamentos.

– Fique tranqüilo. Ainda é cedo. Pouco passa das onze. Andando devagar, numa ginga mais imaginada do que vista, sob o largo roupão, mansamente se aproxima de mim, oferecendo a bebida. Já não tenho mais dúvida: Dona Graça

é bonita. Não, bonita é pouco! Ela é linda. Não, linda não, ela é *wonderful*! Se não era antes está sendo nesse momento, com os lábios carnudos pintados de dourado e aquele ar de mistério por tanto tempo guardado. Olha para o livro em minhas mãos.

– Está gostando?

– Eu mal comecei a ler. A senhora conhece?

– Deixe-me ver!

Devagarinho, ela pega o livro. Por alguns momentos que me parecem séculos, nossos dedos se tocam. Os meus, completamente gelados. Os dela, pelo contrário, sinto-os quentes e macios. Por uma eternidade ficamos ali, muito próximos sem nada nos dizer. Meio bêbado, não da bebida que ainda nem toquei, sinto a carícia dos cabelos dela no rosto afogueado.

– Memórias Póstumas de Brás Cubas. É claro que li. Primeiro, porque amo de paixão o velho Machado. Segundo, porque essa obra marca a entrada do Realismo no Brasil. Impossível deixar de ler.

Devolvendo-me o livro, caminha até a mureta. Hipnotizado, acompanho a dança dos quadris dela sob a seda macia. “Que mulher,” penso, pensando no professor. Tenho vontade de dizer a ela que já deve ser quase meia-noite. Entretanto, um torpor desconhecido, jamais experimentado antes, transforma em chumbo minha mente alterada. Dona Graça, muito à vontade, vai bebericando seu vinho enquanto fala numa voz mansa, carregada de um sotaque especialíssimo. Eu, abobalhado, incapaz de tocar na bebida, bebo suas palavras.

– Nem lhe digo, menino. Nessas horas eu gostaria de ter um filho. Ou melhor, um bando deles para encher minha casa de barulho. E você, não se sente sozinho, aqui, longe de sua casa?

Vencendo minha paralisia cerebral, ia responder quando uma rajada de vento derruba o vaso de samambaias que estava sobre a mesa de centro, à nossa frente. “Idéia mais maluca do Funga, colocar ali na mesa um vaso de plantas. A pobre vive murcha, encolhida, a goela escancarada de susto e de sede, tentando se proteger das nossas lutas. E agora ainda aparece

esse vento para lhe atazanar ainda mais a existência”. Chegamos ao mesmo tempo, Dona graça e eu, juntinhos, para socorrer a planta que, cabelos desgrenhados, jaz estatelada no frio mármore da varanda. Ela que adora plantas, visivelmente transtornada, temendo pelo pior. Abaixados, perco de vez a respiração. Através do folgado decote de cetim, vejo os seios atrevidos, empinados, acetinados. Completamente nus!

Embriagado pela visão e pelo cheiro dela, sublime mistura de vinho, perfume e um aroma inebriante, desconhecido, obedecendo ao comando invisível da natureza, minhas mãos vão se erguendo, devagarinho, em direção à abertura do decote dela.

Infâmia, maldição, perseguição! A campainha da porta toca, uma, duas, três vezes, numa insistência satânica.

– Vá que é chegada a sua hora – diz ela, voz de veludo, no meu atônito ouvido.

A Missa do Galo, motivo de tanta expectativa, acaba sendo, para mim, a mais longa e complicada de quantas eu tenha assistido. Ora é o celebrante, semblante austero, austeramente paramentado. Envolto em incenso fala e fala num português complicado, mesclado de latim. Exige fidelidade, cobra bom senso. E o que oferece? Esquece. Promessas vagas, longínquas de recompensa no além. Ora é Dona Graça, esculpida no ouro das chamas de dourados castiçais, o roupão leve de cetim, decote folgado, seios empinados, sedução. Tentação. Promessa fácil de felicidade terrena. Imediata.

No dia seguinte, meu vizinho, um obstetra famoso, vem pessoalmente, convidar-me para o almoço na casa dele. Dona Graça, com os cabelos presos no alto da cabeça, mais serena do que nunca, é quem serve o peru, um bicho enorme, todo enfeitado e exoticamente temperado por suas próprias mãos. Penso na forma carinhosa com que o felizardo, apesar de morto, foi lavado, acariciado e apimentado pelas mãos dela. Assim, em transe pela visão, sou acometido por uma dor aguda no baixo ventre, quando o dono da casa, levantando a faca, dá o primeiro corte no indefeso peru.



## O GRITO

*Eu não tinha estas mãos sem forças,  
tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração  
que nem se mostra*

Cecília Meireles

Um. Dois gritos. Vários. Horripilantes, rompem a negrura da noite. Acordo com o coração atarantado, saltando pela garganta. Meninas pulam da cama em atropelo. Sempre tive medo de dormir naquele pavilhão isolado. Plantado nos fundos do colégio, ao lado do campo de esportes, fica distante dos outros blocos. Considerando que o colégio é todo cercado, não teria problema, mas naquela região o muro está em péssimas condições. Esburacado em alguns lugares, desmoronando em outros. Os moleques não dão trégua, subindo e descendo, bisbilhotando nossas aulas de educação física. Bobos, só para ver pedaços de coxas brancas sob o saiote curto do uniforme de ginástica? Alguém aciona o interruptor. Irmã Consuelo, tentando ajeitar o véu nervoso sobre a cabeça, sai de sua tenda branca, no final do corredor formado pelas duas alas de camas. Apesar do tumulto, reparo que a irmã não é careca como dizem. Tem cabelo e bonito. Os gritos vão se espaçando, ficando mais baixos. O que aumenta é a intensidade do sofrimento sufocado. Nossos ouvidos continuam espantados com o que pode ser um lamento humano ou o uivo desesperado de algum animal ferido de morte. Seja lá o que for, vem do dormitório das irmãs. Meninas descabeladas em longas camisolas de cambraia amarfanhada,

encarrapitam-se nas janelas. Duas tentam retirar a pesada trave que veda a única entrada do dormitório. Outra esbarra no estardalhaço de um penico, que até então permanecera na clandestinidade. Gente, alguém do nosso dormitório usa penico! Irmã Consuelo, o véu cobrindo a vasta cabeleira, aparentando uma tranqüilidade que está longe de sentir, gesticula, tentando organizar o caos. Cessam os gritos. O silêncio aterroriza mais que o lamento. Finalmente, podemos ouvir os apelos de nossa guardiã: Calma, crianças, acreditem, Jesus está no meio de nós! Ele é nossa proteção, nossa segurança. Então, qual o motivo para tanto barulho? Vamos meninas, todas de mãos dadas, respirando fundo, expirando o medo, exorcizando os fantasmas. Isso! De novo! Muito bem! Agora, vamos rezar o Pai Nosso com toda a fé de nossos corações acalentados. Uma pinóia, irmã, o meu continua disparado. Fico entre Maria Amélia e Nélida, e ambas têm mãos geladas. Pai nosso que estais no céu (puxa, que noite atrapalhada!), santificado seja Vosso (a irmã sem aquele véu fica ainda mais bonita. Se Padre Mariano encontrasse ela sem véu ia ficar mais vermelho ainda) nome, venha a nós o Vosso (será que morreu alguém?) reino, seja feita a Vossa (de defunto eu tenho medo, e o penico, que nojo, de quem será?) vontade, assim na terra como no céu. Um arrepio negativo percorre nossas cabeças, interrompendo a conexão: e se tiver sido uma chacina? Se estiver sobrando apenas nosso dormitório? E se os bandidos estiverem vindo para cá? Recomeça a gritaria, agora, das meninas. Alguém tenta se esconder debaixo da cama. O penico solta um uivo estridente, esparramando urina pelo dormitório.

Maldormida, a noite acaba. Naquela manhã, ficamos livres da chatice da missa, uma ladainha em latim, que ninguém entende. No refeitório, durante o café, tentamos, em voz baixa, obter informações. Nada. As grandes sabem tanto quanto nós. Apesar de manterem o ar de superioridade, percebemos que elas também estão assustadas. E só atrapalham. Para nos impressionar, falam em seqüestro, estupro, morte e não sei quantas outras barbaridades. O corpo docente

não nos dá a menor explicação, as aulas acontecendo como se nada tivesse acontecido.

No final da segunda aula, entra o casal desconhecido. Ele, nervoso, cara amarrada; visivelmente contrariado. Ela, franzina, olhos inchados, mal se vêem suas feições tão baixa mantém a cabeça. Já estamos na quarta aula, quando o mistério começa a ser desvendado.

Espetáculo ruim de se ver. E eu, miúda, amedrontada, presa em suas malhas. Caminho pelo corredor com a caixa de giz nas mãos (precisava do giz acabar numa hora daquelas?). Vindo ao meu encontro, o cortejo fúnebre. Nele, o casal que ninguém sabe quem é, a irmã diretora e, entre eles, alguém que a princípio não reconheço. A pessoa não anda. É praticamente carregada. Não olha para lugar algum. Nem para o chão. Pálida feito a morte. Ombros curvos. Ar de ausência, velhice fabricada em questão de horas. Não é possível, não acredito! Baixinha, o rosto redondo arruinado. Não usa o hábito, mas é ela, nossa querida e doce irmã Celeste, que sempre separou os dias em alegres, de uma alegria contagiante, ou cinzentos, calcados na mais profunda depressão. Passa por mim e é como se eu também tivesse sido anulada, riscada da vida. Busco proteção na caixa, que seguro firme junto ao peito franzino, e vou passando meio de lado, olhando com o rabo dos olhos, desconfiada.

Aos poucos, vamos descobrindo: nasceu livre, na liberdade de uma cidade pequena, à beira de um grande rio. Era para ter vindo homem, mas, por um descuido da natureza, nasceu mulher como suas três irmãs tinham nascido. Com uma agravante: menos bonita que as outras. Quando consegue sair do mutismo de quarenta dias, o pai sentencia: esta há de ir para o convento. Se arranjar marido para três já não é fácil, que dirá para quatro. E você, mulher, não me arrume mais barriga. Quero mais saber de filho homem não.

Predestinada ao cativo, vivia livre, os pés cavando a maciez das areias brancas, o sorriso largo abraçando a volta dos pescadores. Acompanhando o nado dos peixes, apostando corrida com os mais velozes. O pai, jacaré tinoso, só guar-

dando o momento de dar o bote. A mãe, tentando revogar a sina da filha. Homem, não se ama um filho menos que os outros, olha que rostinho meigo, que olhos vivos. De tão negros parecem opacos. Hoje fui chamada ao colégio. Pediram minha autorização para a Yara participar do coral. O professor de música disse que ela é uma revelação, que tem voz de... de... contralto, acho que é isso. Contralto? Aquela voz esganiçada, parecendo passarinho engasgado? Besteira! É não, homem, quem sabe ela não acaba sendo famosa, uma grande artista, hein? Dessas que a gente vê na televisão. Tem uma tal de Maria Callas não tem? Já pensou, nossa filha brilhando em palcos grandes por esse mundão afora? Eu ia ficar tão orgulhosa! Vira essa boca pra lá, mulher! Sangue meu misturado com gentalha dessa espécie! Palco! Por trás do palco tem o camarim. O convento é o lugar que eu reservei a ela. E já não é sem tempo. Me avisaram que ela anda trocando olhares melosos com o filho do Divino, aquele pescador que traz os peixes que você encomenda.

Então veio à tona. Irmã Celeste, nossa professora de canto, ou Yara, filha de pai de linhagem nobre portuguesa (de nobreza mesmo ele só tem o nome comprido) e mãe descendente da tribo dos carajás, nunca teve vocação para a vida religiosa. Tomou o hábito mas não foi capaz de se acostumar com o vento quebrado na aspereza de muralhas, os pés metidos em grossos solados, a cabeleira preta aprisionada, esquentando seu pensamento afoito, que ninguém é dono da própria vontade; a alma enclausurada em dogmas que não eram seus. Da depressão à loucura foi um passo.

Era, de fato, um cortejo fúnebre sem féretro. O enterro de uma morta-viva. O mundo inteiro morreu um pouco naquele dia. Eu morri muito.

## O TRABALHO DANIFICA O HOMEM

Entre um e outro solavanco do ônibus, a frase insistente. Indo e vindo. Não me lembro onde vi aquela frase e nem sei por que penso nela. O trabalho danifica o homem... o trabalho dani...

A frase e uma figura: Vado. A esta hora deve estar na cama, a sono solto.

O motorista, diabo de motorista barbeiro, dá uma freada filha da puta. Os passageiros, maré de mar espumando na peleja de viver, sobreviver, de pé, como eu, vão e vêm. Cai-não-cai. Caio não, sou lá homem de cair!

Mãos calejadas, firmes. Os dedos dormentes, doloridos de tanto segurar o tombo, a queda. Sou homem de rocha, duro na queda. O diabo é a dúvida. A frase inteirinha, com todas as letras: *o trabalho danifica o homem*. Se é assim, estou perdido, danificado. E o meu amigo? Ah! esse não. Grande Vado, sabe das coisas!

Tijolo sobre tijolo. A parede subindo, linda. Novo solavanco. Vamos, voltamos. A massa sobe, desce. Enrijece a maré humana: vaivém de mar espumoso; gosmenta mistura de massa e suor. No susto, a mulata segura minha cintura. Merda!, vocifera irritada. Que merda que nada, bom demais. A parede subindo no prumo, no capricho. Cuidado, motorista,

não derruba ela. Falo da parede. A moça, essa pode, que é bom.

Danifica ou dignifica? Na escola, me lembro bem, dona Fátima, aquela boazuda, dizia que dignificava. Qualquer trabalho, até o de lavador de privadas. Latrinas, dizia, nome com cheiro de privada de prisão. Teve gente que lavou cantando louvores ao Senhor, pensando em ganhar o céu, virar santo. Será que mudou? Que o trabalho não dignifica mais? E o meu amigo? Vou perguntar a ele. Sabido do jeito que é, dormindo até agora. Quando acordar, lá pelas duas da tarde, tranqüilo, vai tratar de suas tramóias, na moleza. Um bico aqui, outro ali. Um agenciamento, uma chantagem sem maior importância. Alguma grana sempre pinta.

Essa foi demais! Que brecada amiga, motorista! A mulata no exato arrocho de meus braços!

Passo pra outra parede, pra outra, pra última.

– Que cor a senhora escolheu, dona Dora?

– Cor? Sei não. Sou tão indecisa...

– Fosse eu, pintava de amarelo.

– Amarelo? Sei não, tenho medo, é uma cor regateira.

O senhor não acha?

– Que nada, dona Dora, é a cor do sol. O sol, a senhora sabe, é o dono do mundo, o regente da vida.

Linda a casa todinha pintada de amarelo, que nem o sorriso da dona, quando viu o resultado final. Será que não gostou ou o sorriso dela é assim mesmo, amarelo? Vou eu saber. Rico ri diferente. De coisas diferentes. Sei de mim que gosto de tudo, da casa, do meu trabalho, das bacadas do ônibus, do trejeito nervoso da mulata nos meus braços.

E o Vado, que andaré fazendo agora? Cara sabido tá ali, consegue até agenciar meninas virgens pros grandões. Ganha dinheiro. Tem gente falando em coisa grossa. Acredito não. Fofoca de gente invejosa.

Bom foi ver a casa pronta, tudo concluído, amarelinha feito um canário. Minha obra. A marca dos meus dedos ali cravada. De noite, trago os meninos pra ver. Obra minha!

Acho que dona Dora também gostou, apesar do sorriso amarelo. Será por quê?

O diabo vai ser arranjar outro trabalho. Não tá mole não, mas eu arranjo. A mulata desapareceu do lotação. No seu lugar, uma lourinha oxigenada. Vai, vem. Fresca, não espuma. Fico perto da loura. Bem junto. Meu bafo, não, bafo não, que é feio. Meu hálito, no seu cangote cheiroso. Penso no meu amigo sabido, cheirando a perfume do Paraguai. A frase vem. As duas. A da professora gostosa (dignifica), e a outra, não sei de quem (danifica). Danou-se, danifica ou dignifica? Só sei da loura.

Pelo vidro encardido do ônibus sujo, vejo um amontoado de gente. Deixando de lado a lourinha fresca, finco minha vista assustada. No centro, ensangüentado, um homem caído. Morto?! Um mundo de sangue escorrendo pela boca, pelo nariz, pelos ouvidos. O motorista breca. O lotação, lotado, pára num gemido de agonia. Todo mundo descendo em atropelo, gente falando alto, mostrando sabedoria: Tentou fugir da polícia. Dizem que era traficante. Vejo de cheio a cara do morto... NÃO, NÃO, NÃO! Não pode ser o Vado, tão sabido, esperto, morto pela polícia, na calçada?! A frase vem, firme, num relâmpago de certeza: *O trabalho dignifica o homem.*

E a opinião do Vado, como é que eu vou saber?



## O VISITANTE NOTURNO

Campainha a esta hora? Quem será? Não atende, amor, é perigoso. Se passou pelo Bismarck é porque é algum conhecido. Eu volto num minuto. Vai não, amorzinho, olha minhas pernas, olha, meias rendadas com ligas de seda, como no dia do nosso casamento, olha! Se olhar, não atendo à porta. Eu volto num minuto, juro.

Fica furiosa. Quem teria a coragem de tocar a campainha numa hora daquelas, sem avisar antes? Ela, com tudo preparado, o maior capricho nos mínimos detalhes: luz, na medida certa, para camuflar o leve caimento dos seios, música suave – Milton Nascimento –, o ar perfumado, meias rendadas como ele gosta. Tudo, tudinho organizado para uma noite inesquecível, a dois, não a três ou sei lá quantos. Quem seria o infeliz?

Dez, vinte minutos de expectativa. Finalmente, passos no corredor. Ah! eu sabia! Só podia ser surpresa! Pediu ao Bismarck para tocar a campainha só para prolongar a expectativa, não foi? Você é mesmo espertinho! Que fantasia é essa, amor? Como você ficou alto! Trocou a horizontal pela vertical? Nossa, o resultado foi ótimo, fantástico! Mas... não, você não é o Ascânio, esse não é o cheiro dele. Um oficial da marinha em meu quarto? O que você faz aqui? Se ainda fosse

oficial de justiça eu poderia pensar em alguma intimação, com tantas contas atrasadas, mas oficial da marinha? Não entendo não. Quero ver de perto suas comendas, insígnias, medalhas, sei lá o quê; esses penduricalhos em sua farda. Decidida, ergue o lençol, colocando os pés no chão. Pára, desconcertada, recolhendo pés e lençol. Um par de olhos maliciosos acompanha seus movimentos. O homem sorri, colocando uma das mãos sobre o emaranhado de medalhas. Vem!, dizem ardidamente seus olhos. Apesar da penumbra, ela percebe que o desconhecido é um belo homem, astuto, sedutor. Do jeito que as mulheres gostam. Seu olhar malicioso busca a mal disfarçada nudez da moça, sob a transparência do lençol de cambraia branca. Vagarosamente, caminha em direção a ela. O cheiro – que não é o de Ascânio –, domina o ambiente. Com uma leveza inconcebível em mãos tão fortes, ele toca os cabelos de Vanusa, roçando de leve sua pele, que se arrepia pedindo um contato maior. Quase imperceptível o toque daquelas mãos acariciando seus olhos, o contorno do nariz, os lábios. Que mãos, meu Deus, que olhar, que perfume, que poder de sedução, que tudo! Que tesão! Ela ainda tenta ser racional: Se você não é o Ascânio, como pôde entrar em meu quarto, como? De onde você surgiu? Sem responder, ele pressiona levemente os lábios da moça, pedindo silêncio. Repentinamente, num gesto inesperado, o invasor retira o lençol, único e frágil obstáculo a separá-los. Ela se encolhe pensando no quanto seria bom se já tivesse feito o reparo nos seios. E aquele pêlo encravado na virilha, meu Deus, será que ele vai perceber? Mas o desconhecido parece homem de ação, não de detalhes. Sem dizer uma única palavra, coloca sobre os ombros da moça um robe leve, meio transparente, encontrado em cima da mesa de cabeceira. Com um sinal de cabeça, indica que ela deve acompanhá-lo. É muita presunção sua pensar que vou segui-lo assim, sem essa nem aquela, se nem conhecê-lo eu conheço! Mas o homem, está claro, é decidido. Pega Vanusa nos braços tomando a direção da porta. Em vão, ela se debate. Que braços fortes, santa misericórdia! Atravessam o corredor, ela tentando localizar Ascânio. Nada.

Corredor, salas, jardim, tudo deserto. E o Bismarck? Será que está morto? Estão mortos, os dois? Então é um seqüestro! Mas quem irá pagar o resgate? Coitado deste seqüestrador, se soubesse que aqui se vive de aparência... Casarão, carrões, tudo fachada. Dinheiro mesmo que é bom... Tem vontade de dizer a verdade, mas seus rostos estão próximos demais, um bebendo o hálito do outro, tão bom! Sério, aquele é um homem irresistível. Não, se disser a verdade ele pode desistir do seqüestro. Fica ansiando por seus beijos, adivinhando a maciez daqueles lábios carnudos. Na rua deserta, uma limousine preta, com motorista negro, em uniforme impecável, aguarda-os. O motorista abre a porta, sem fazer perguntas. Os dois acomodam-se na parte traseira do carro, espaço suficiente para quatro pessoas. O carro arranca sem ruído. Macio assim nunca vi. Não, não é seqüestro, este homem é elegante demais para um simples seqüestrador. Só se for inglês. O comandante, porque só pode ser chefe alguém com tanto poder, substitui o robe transparente de Vanusa, já meio gasto, por um macio sobretudo vermelho, cheirando a loja elegante. Após beijar carinhosamente cada um de seus dedos (ai, que arrepio!), ele coloca nos pés nus da mulher um par de sapatos altos, também vermelhos. Ela já nem estranha o fato de eles lhes caírem como luvas. Nada parece real mesmo. Chegamos, patrão. Onde estamos? No porto? Claro, por que o estranhamento? Se o homem é da marinha, é natural que nosso destino seja um navio. Amparada pelos braços dele, passam para a plataforma entrando no navio, pela popa. Atravessam o longo convés, completamente deserto, uma leve ondulação de águas acompanhando a cadência de seus passos. Descem três degraus. Entram no quarto do comandante. Todo branco revestido de veludo vermelho. Ele de branco, ela de vermelho. No aparador uma garrafa de .... Se não é noite de reveillon eu não entendo mais nada. Ele retira o quepe. Ela quer falar. Não fala. Resolve andar. Um arrepio das águas coloca-os face a face. O sobretudo escorrega dos ombros de Vanusa, caindo macio na maciez do tapete. Nua, a brancura da pele desenhada no vermelho da cortina, ela, pura sacerdotisa de marfim, é

uma oferenda de deuses pagãos. Peitos arfantes, próximos demais, os dois respiram ruidosamente o peso do ar saturado, impregnado de desejo. Repentinamente tímidos, sem ação, quase envergonhados, não se tocam. Agora ela sente, sabe, vive o inferno. A angústia de se ver presa num emaranhado de fios cruzados e descruzados; a agonia da infindável espera comparada à espera da apaixonada e fiel Penélope, coitada! Entre agulhas e linhas, tecendo e desfazendo sonhos, urdindo, tramando desculpas esfarrapadas. E o aventureiro Ulisses, em que mares terá navegado? Em turvas águas de infindáveis lutas ou cálidas brisas de aventuras amorosas? Muito lutou ou galinhou? Quem terá peito para questionar uma Odisséia, se poemas épicos tanto inflamam o ego humano? Repentinamente, presa de uma timidez inexplicável, sua e dele, Vanusa vê segundos de indecisão transformados em intermináveis noites de espera, malcontidos desejos arfando no peito, rolando mar abaixo. Vinte anos! Que paciência, que habilidade! Ela não, não tem vontade nem destreza para tecer mortalhas, costurar, engambelar, ocupar com agulhas suas mãos crispadas por outros anseios. É um sonho, só pode ser, o Ascânio demorou tanto que eu peguei no sono. Mas se é sonho, não é traição, eu posso tudo. Qual a utilidade de tão grande espera? Que mãos sôfregas terão desabotoado aquele nunca acabar de botões dourados, jogado longe a farda do comandante?

Nus, livres, lânguidos, líquidos como a imensidão de águas que os cerca, dançam a dança das ondas, macias águas embalando o navio ancorado. Na pele arrepiada, endoidecida de desejos, eles têm a tepidez da brisa, nos gestos a volúpia, a ousadia das ondas que aos poucos vão perdendo a mansidão. Enrijecendo, arrepiam, avolumam-se. Habilidosas, impetuosas molhadas línguas mornas, vão esmorecendo negativas, amolecendo vontades. Vasculham curiosas, vorazes, furiosas, poderosas. Viris. Másculas ondas invadem entranhas, penetram grutas estreitas. Secretas. Dominam, possuindo labirintos nunca antes explorados. E suspiram, e gemem, e gritam e, selvagens, berram possessos, espatifando-se em espumantes gemidos de gozo. Uma, duas, mil vezes, em ritmo frenético,

entram e recuam solapando rochas virgens, assustando monstros marinhos, despertando vulcões adormecidos que, disparados em indomadas chamas, explodem na imensidão do espaço, engolindo estrelas puras, constelações distraídas. Ruborizando o céu. Modificando a face do planeta.

Quando, saciada, ela consegue olhar em volta, percebe – na porta que não tiveram ânimo para fechar –, uma fila de recrutas. Gentilmente, o comandante oferece a parceira ao primeiro da fila, um fedelho cheirando a cueiros, mas com músculos de remador de balsa. E, novamente, o mar explode em ondas desconunais.

Nada como um cigarro depois! E a taça de vinho? Não, minha deusa, hoje não. Em que adega do mundo iria eu encontrar um vinho com seu poder de embriaguez? Esta noite você esteve simplesmente divina, juro, nunca antes tinha sido tão maravilhosa. Graças à sua imaginação, meu esperto comandante. Apenas uma curiosidadezinha à-toa: onde você conseguiu essa farda de almirante, esse perfume estranho, desconhecido, a poção com o aroma do pecado, onde, Ascânio?



## PERDIDOS NO ESPAÇO

**P**ensa, *dispensa*. Repensa. É necessário falar. Vomitar sobre o piso do mais puro jacarandá-da-baía, arrematado com lápis-lazúli (o cúmulo da sofisticação) sua agonia visceral, um inferno de milhões de demônios a impingir-lhe inimagináveis torturas noturnas.

Não faz tanto tempo que começou. Para ser preciso, foi há três meses, sete dias, quatro horas e treze segundos. É isso. Exatamente no dia da mudança para o apartamento novo. Agora sabe, não tinha nada que mudar. Ficar pra sempre no velho, tão aconchegante, o quarto apertado, o banheiro minúsculo, sem espaço pro filho que cresce em tamanho e exigência: “Quero um banheiro só pra mim”. Falta lugar pros livros, discos, cristais (a casa toda uma caverna de estalagmites), pros sapatos da mulher (cem pares ao todo). No novo, não, espaço de firmamento, de abóbada celeste. Um não acabar de salas, quartos, escritórios, banheiros, banheiros, banheiros. Sente-se perdido ali. Não se encontra em lugar algum. Noites a fio a flutuar no nada, dando cambalhotas no vácuo. Navegando na cauda gasosa do Halley, rala-se todo comendo poeira milenar de estrelas descabeladas. Na pele de Armstrong, rumo à lua, está tão perdido quanto o outro. E ele lá agüenta? Não andar, apenas flutuar. Mas foi assim, desde o primeiro dia no meio

da mudança, entre caixas e mais caixas. Suas vidas enjauladas em papelão. Sua pobre história, toda ela embalada, rotulada, lacrada. Vazio no cheio da confusão. Perdido entre gritos de alerta: “Cuidado, Tomás, olhe onde pisa! E isso, pra onde é que vai? Ah, já sei, são seus livros de arquitetura! Vão pro seu escritório, no mezanino.” “Arquitetura! Não arquitetei nada disso.” São de outros os cheios, os vazios, as perspectivas. A casa é sua mas não tem sua arte, seu talento, sua cara, seu cheiro, seus pêlos de gato caseiro. “Ridículo esse vão separando o social do íntimo. Não me agrada essa desagregação. Prefiro áreas contínuas, integradas. Já ocorreu uma vez, pela manhã, esbarrei com o vulto de meu filho na janela e pensei que fosse um vizinho desconhecido de outro edifício. Não reconhecer meu próprio filho!”

Sem perspectivas, na busca da identidade, acaba descobrindo a outra. Quer dizer, não foi algo assim rápido, imediato. Antes, foi a insônia, que é seu pavor número dois. O primeiro é a depressão. Noites de procura: “Cadê minha mulher?” Tateia na cama imensa, redonda, *king size*, última geração. Que saudade da cama antiga, apertadinha, seus corpos, hálito, sonhos, abraçados, entrelaçados. Levitando nas ondas da noite, sobe para o mezanino. A princípio não a vê. Diáfana, quase transparente. Sob a luz discreta do abajur, não tem forma definida. Procura concentrar-se no trabalho. Condensa-se no nada. Nela que se move lentamente. Os cabelos ondulados dançam na brisa. Olha, curioso. “Que será que ela faz?” Através do vidro opaco, movimentos ilusórios, de dúvida interpretação. A distância que os separa não é tão grande, mas falta visão. “Confesso, fiz uso da luneta. Não devia, eu sei. Foi um ato horrendo de invasão de privacidade. Mas e a curiosidade?” Pode ver que a vizinha lê uma montanha de papéis. Risca, consulta o dicionário. Serena, tranqüila, a mulher da noite. De todas as noites. Não conhece seus traços na opacidade da mistura de quartzo, carbonato de sódio e carbonato de cálcio, composição geralmente feliz, transparente. Aquela não. É fumê, como a madrugada. Só vê seus gestos firmes, tranqüilos, equilibrados. O ritmo leve da

respiração sob a camisola transparente. Os papéis são completamente visíveis, já que a luz incide diretamente sobre eles. Sabe até o nome da obra na qual ela trabalha: “Poeira de estrelas”, sonetos. Seria traição à esposa pensar tanto na outra? O dia todo ansioso para que a noite chegue? “Consciência, culpa... pra quê? É só curiosidade, saber como é seu rosto.” Não busca mais a esposa. À agonia da insônia, soma-se a ansiedade da espera, acrescida de um leve porém incômodo princípio de culpa. Mal escurece, corre pro escritório.

“Não, não vou mais me refugiar numa imagem efêmera, mal vista, apenas delineada. Lara é real, mas como alcançá-la no turbilhão de ondas amarfanhadas de tantos lençóis, montanhas de almofadas?” Gritando, quem sabe: “Lara! Lara! Onde você está?” “Aqui no escritório. E pare com esse berreiro. Assim você incomoda os vizinhos!” “Vizinhos? De qual galáxia? Trabalhando a essa hora, pode-se saber o motivo?” “Já que você viu, não tenho mais como esconder. É um trabalho que eu peguei para pagar mais depressa minha parte no apartamento. Estou corrigindo algumas obras fora do meu expediente na biblioteca. Mas é um serviço temporário, fique tranquilo. Além disso... tinha resolvido que não ia dizer e acabo falando, não sei a causa, desde que nos mudamos, não consigo mais pegar no sono. É uma sensação estranha... espaço demais, eu acho. Que saudade de nossa caminha apertada!...” “Espaço...! É verdade, mas aqui no seu escritório não tem tanto assim.” “Você acha? Pra mim tem lugar até pra um colchão.” “Colchão? É, olhando melhor, acho que você tem razão. Aqui cabe muito bem um colchão...”



## PRIMEIRO MUNDO, *PERO NO MUCHO*

**E**ntão, aparece a vendedora oferecendo flores. Eles dizem que não se interessam por elas, mas comprariam um outro produto. Ouço retalhos da conversa, meu lado feminista aguçado ao máximo. Discutem o preço. Não está fácil o acordo feito naquela mistura de línguas. A vendedora sai. Volta. Nova proposta. Olho para a florista: magra, clara, quase loura. Apagada. Decentemente vestida. Não chega a ser uma sinhazinha, mas também não é indigente.

Tínhamos resolvido, meu marido e eu, que passaríamos nosso trigésimo aniversário de casamento viajando em grande estilo. A extravagância tinha justificativa. Afinal, são poucos os casais que chegam lá. Preparávamos a viagem com capricho. Comprei um guia turístico, conversei com pessoas que já tinham andado pela região. Informei-me a respeito de hotéis, clima, segurança, tudo. Nas horas vagas, ia passando as informações ao meu marido. Íamos ao Chile pela primeira vez.

Impossível descrever a emoção de sobrevoar a Cordilheira dos Andes, naquela época do ano. Rocha bruta, florida em neve. Linda. Quase deixamos lá nosso fôlego. Chegando a Santiago, pegamos um carro e fomos direto para Viña del Mar, orgulho dos chilenos, em termos de praia. Para nós, brasileiros, donos da mais bela costa do mundo (que nos perdoem as

Rivieras da vida), uma prainha. Valeu. Passeamos de mãos dadas, namoramos. Vimos nosso estresse diluído na poluição da cidade.

Dois dias depois, estávamos novamente em Santiago (ensolarada naquela tarde), com apetite de exploradores. Percebemos, agradecidos, que a tão falada poluição deles não chega aos pés da de São Paulo. O trânsito (um carro para cada dez pessoas, contra um para cada duas, aqui) estava longe do nosso tumulto. O Rio Mapocho, correndo apressado ao longo de boa parte da cidade, enfeita sem poluir. Não há mau cheiro. Há, sim, em suas margens, um longo bosque e dentro dele um museu ao ar livre, único no mundo a não cobrar ingresso, dizem, e acredite se quiser, não está depredado. O acervo do Museu de Belas Artes deixa muito a desejar. Em compensação, o prédio, em estilo neoclássico, vale a visita. La Chascona, residência onde Neruda viveu um grande amor com sua terceira mulher, hoje transformada em museu (a residência, quanto à mulher, não sei), é a casa dos sonhos de qualquer mortal, poeta ou não.

Completo o *city tour*, rumamos para o nosso hotel, no alto de Las Condes. O Hyatt Regency não fora engodo. Cumpria o prometido. Da janela de nuestra habitación (como dizem lá), no quinto andar, tínhamos, ao nível dos olhos, a bela e caprichosa cordilheira, visível naquele dia ensolarado. Embaixo, todos os dias, com ou sem sol, os mais variados tons de verde oferecidos por um magnífico jardim, meio agreste, projetado por um arquiteto italiano que, com certeza, sabe das coisas. No centro de tudo, a piscina azul.

Cai a noite (após as 20h). Guia na mão (a essa altura, ele tinha nos transformado em escravos seus, mas tudo bem) e pé na rua. Bairro Providência, avenida Suécia. A pedida era um *happy hour* no Brannigan's, um restaurante-pub em estilo inglês, um charme. Para mais tarde, tínhamos reserva no Adobes De Argomedo, onde assistiríamos a um show de cuenca, uma dança típica do país. Tudo andando nos conformes: correto, limpo, cheiroso, civilizado. Primeiro mundo.

No Brannigan's, à nossa direita, uma mesa animada. Pescando algumas palavras, percebo que seus ocupantes são americanos. Gringos como nós. À esquerda, uma mesa com dois... brasileiros, alvo de minha desconfiada atenção. É com eles que a florista negocia num complicado portunhol pontilhado de tchês, por parte dos dois. Nem disfarço mais, participo da negociação: "Porra, tchê, es mui caro, muchacha". "Vosotros nien vistés las mujeres!" A florista sai. Volta. Os dois mudam a posição de suas cadeiras. Por mais que espiche o pescoço, não entendo o que dizem. A vendedora torna a sair. Chegam duas garotas. Uma clara e outra morena. As duas raças, espanhola e indígena, que deram origem ao povo chileno, devidamente representadas. Tristemente representadas. Olho para os brasileiros. Na mão esquerda de cada um, o inconfundível sinal da aliança. Animados chamam o garçom para nova rodada de vinho.

Fico imaginando a cena longe dali, em Porto Alegre.

– Ligaste para o Carlos, hoje?

– Sim. Coitado, está com a maior dificuldade para acostumar-se à altitude de Santiago. Pediu-me para não ligar mais, hoje. Ia cedo pra cama. Tu nem podes imaginar, amiga, tão delicado. No intervalo do almoço com os compradores, correu todas as lojas da avenida Bellavista atrás de uma jóia de lápis-lazúli para me trazer. Não é um mimo esse meu marido?

– Meu Juan disse quase a mesma coisa. Tu vê, reclamou que as negociações estão cada vez mais difíceis. Também com a imagem que a gente tem lá fora...Teve um dia duro, pobrezinho, ainda assim comprou-me um presente no Parque Arauco Shopping, chiquérrimo, mas guardou segredo quanto ao objeto, diz que é surpresa. Verdade, Cristina, eles são muito queridinhos, não são?

A voz de meu marido me traz de volta ao Chile:

– Que cara é essa, meu bem, perdeu o ânimo de repente?

– Nada, não. Estava apenas pensando, será que vale a pena viajar, enfrentar aviões, distâncias, se em toda parte se vê a mesma coisa, pessoas se vendendo, sendo vendidas?



## PRISIONEIRO DO VENTO SUL\*

*É de noite pela amurada  
que vêm se debruçar conosco  
e indulgem – apenas sorriem  
sem qualquer resguardo, sem ênfase –  
em ir e vir, em ter partido.  
Impressões de viagem? Alheias  
Como a do perfil de uma dracma.*

Lélia Coelho Frota

**E**stá bem arranjado. Além do animal, agora, o vento. Prisioneiro do vento, do gelado vento sul, justamente ele que nasceu na *caliente* costa baiana. Olha desanimado para a folha de papel contendo as instruções do professor. Tinha, sim, executado as poucas tarefas do dia: dar a refeição ao gato – que só no segundo dia descobrira tratar-se de uma gata –; de três em três dias, passar pano úmido sobre os móveis e utensílios domésticos, livrando-os da maresia; uma vez por mês limpar o interior dos armários com merthiolate incolor; manter a casa limpa para a eventualidade de aparecer algum parente do proprietário. Fora disso, o tempo é todinho seu. Pode pegar quantas ondas quiser (e garotas também) desde que não se ausente da casa por muito tempo. Mesmo antes do vento sul, já havia um problema: a gata, uma angorá (ele pensa) preta de pêlo brilhante e olhos amarelos amendoados, pachorrenta e linda, com pose de grande dama, deve ficar trancada dentro da casa. Uma Vesta, coitada, a quem o amor carnal está proibido. Sente pena do animal. Não que goste de

---

\* Conto premiado em concurso da Câmara Brasileira de Jovens Escritores do Rio de Janeiro e publicado na *II Antologia 2001*, Prêmios Pórtico, Rio de Janeiro, com o nome “Aprisionados”.

bichos. Nunca teve a menor ligação com eles, mas seu senso de liberdade, adquirido no dorso de ondas livres que, em momentos de puro gozo, desataram suas amarras sociais, vai contra quaisquer atitudes que possam tolher os movimentos dos viventes, humanos ou não. O tempo se encarregara de poupar o animal. Enquanto durar aquela corrente de ventos úmidos e gelados, é impossível deixar a casa. Com isso, o enjaulado é ele. Ou melhor, são os dois. A televisão, sem antenas, também está sujeita aos caprichos do tempo. Se o proprietário desta casa é um intelectual, tem que haver uma biblioteca, mas onde? No primeiro pavimento, formado pela sala, lavabo, cozinha e área de serviço, não há nenhuma. No segundo piso, existem apenas dois quartos com banheiros. Resta o sótão. Se o professor e sua mulher soubessem! Quase uma semana na casa e ainda não havia subido ao terceiro pavimento. A culpa era da escada. Ele que enfrentava ondas espetaculares sem nenhum medo, sentia arrepios só de pensar em galgar aquela escada. Acontece que entre as duas escadas – do segundo e terceiro pavimentos – há um vão aberto. Um movimento em falso e seria a queda ao nada. Sobee. Ao contrário do que ele imaginara, o ambiente é amplo e claro. E não foi destinado a objetos de pouco uso. É ali o escritório do professor. À direita, a escrivaninha, um móvel de madeira clara, pinho de riga, talvez. Do lado esquerdo, um sofá de tecido amarelo meio desbotado e, ao longo de todas as paredes, o que ele buscava: estantes cobertas de livros criteriosamente organizados. Uma porta de vidro dá passagem para o deck. Sua primeira reação foi abrir a porta. A visão de árvores açoitadas pelo vento fez com que ele mudasse de idéia. Mesmo sem sol e através do vidro, a visão é magnífica. Lá está a praia da Armação com seu mar bravio, ondas gigantescas convidando-o ao surfe. À sua direita, num espetáculo de espuma e rocha, ondas furiosas espatifam-se contra o costão íngreme da Ilha da Campanha. O topo da ilha, que num arranjo feito pelo homem pode ser alcançada a pé, é um convite irresistível à contemplação das praias do Matadeiro, Armação, Morro das Pedras, Campeche e até mesmo à brancura das

areias da Joaquina, bem ao norte. É daquele mirante que o surfista gosta de ver o pôr-do-sol. Do cume das rochas ele acompanha a formação das ondas. Analisa altura, força e duração de cada uma. Pode até sentir a carícia aveludada das águas sobre seus músculos vigorosos. Isso quando faz bom tempo. Não é o caso do dia. Dá as costas ao mar, buscando os livros no escritório. Não é um grande leitor mas, na atual circunstância, vale tudo. Nas prateleiras, livros organizados por assunto, oferecem-se. Um mais que os outros. Fora da fileira, sob o peso de um grampeador, aquele permanece aberto (páginas 46-47). Lê, ao acaso: *De encontro ao rosto que eu pusera dentro da abertura, bem próximo de meus olhos, na meia escuridão, movera-se a barata grossa.* Descendo um pouco mais a página: *Pela lentidão e grossura, era uma barata velha. No meu arcaico horror por baratas eu aprendera a adivinhar, mesmo à distância, suas idades e perigo.* Virando a página: *Olhei o quarto com desconfiança. Havia a barata, então? Ou baratas. Onde? Atrás das malas, talvez. Uma? Duas? Quantas?*

A pergunta não vem mais da personagem e sim do rapaz: E aqui, também tem baratas? Uma? Duas? Milhares delas? Entre tantos livros, alguns bem velhos, é provável. Não que elas lhe causassem a repugnância que causam às mulheres, mas de qualquer forma eram nojentas. Fechando o livro, analisou a capa: Clarice Lispector. Que mulher é essa capaz de escrever sobre baratas? A contracapa: Clarice Lispector nasceu na Ucrânia – não diz quando. Essa mania que as mulheres têm de esconder a idade – chegou ao Brasil pá, pá, pá... faleceu em 1977, no Rio de Janeiro. Olha a foto, analisando cada detalhe. Traços marcantes. Olhar seguro, profundo, maçãs do rosto salientes, nariz perfeito, boca pequena, lábios grossos, sensuais. Bonita. Vou ler o livro mas não antes de limpar o escritório. A esposa do professor tinha sido taxativa: a maresia é implacável. Seus dentes invisíveis corroem tudo. Volta à área de serviço onde pega um balde e panos de limpeza.

Nas estantes, os livros têm as capas frias e úmidas. Teria de limpar todos eles, um a um. Ao pegar o terceiro volume,

presente sua presença. Não, devo estar sugestionado pela leitura. Mas não era pressentimento. Era a certeza disfarçada em dúvida. Criando coragem, olha no fundo do espaço deixado pela obra – um dicionário grosso. Contra a parede branca, a mancha preta começa a se deslocar. Passa rente ao nariz do rapaz, roubando sua respiração. Sem refletir, atira sobre o objeto móvel o livro que tem nas mãos. Pá!!!... Imobilidade total: do ar, da barata, do livro, do moço. Abre os olhos devagar. Metade do horrendo inseto tinha ficado presa sob o pesado dicionário. Acostumada à lentidão dos séculos, a parte visível movia-se em espasmos lentos, quase invisíveis. E agora?

São três os prisioneiros daquela casa: um gato do sexo feminino, um homem e uma barata cujo sexo o homem ignora. Sobre o destino do gato eu não tenho poderes mas a barata tem o seu em minhas mãos. Por que não soltá-la? Não, o espetáculo de suas costas laceradas pode ser pior que o perigo que ela representa. Não, ainda não. Resolve dar um tempo. Pega o livro, o primeiro. Que será que uma mulher de aparência tão transparente tem a dizer sobre um animal escuso que se recusa a encarar o sol? Vejamos.

Inicia a leitura. Do início, não aleatoriamente como fizera antes. Lê a primeira, a segunda página. Que confusão! Dona... como é mesmo o nome? Clarice, esse seu livro não foi escrito para um surfista feito eu, foi? Que emaranhado de idéias... Volta a olhar o retrato na contracapa. Bonita, sem dúvida. E segura. Mas não é sabido que toda mulher bonita é burra? Não essa. Tão segura e não foi capaz de desafiar a própria morte. Ou teria ido para a morte, desafiando a vida? Que é que sabemos um do outro? De você sei o nome, local de origem. Nem a idade eu sei. Me apresento: sou João José (Jota Jota, para a turma do mergulho), nascido em Cabralia, na velha Bahia, a 26 de janeiro de 1975 (aquariano, graças a Deus), surfista (pingüim como dizem) por vocação, alternativo (faço bicos para sobreviver): no momento cuido desta casa na travessa João Jorge (Jota Jota, como eu), na Praia da Armação, Florianópolis, enquanto seu proprietário se recicla no exterior; às vezes, quando o pôr do sol é insuportavelmente bonito,

dou uma de filósofo. Mas você é a própria filosofia. Quem sou eu para acompanhá-la! Em homenagem à sua beleza e inteligência, vou queimar meus neurônios na complicação de suas idéias.

O sol já iniciara seu mergulho no mar e eles continuavam ali. O surfista deitado sobre o sofá – mergulhado na leitura –, os músculos rijos como se equilibrasse sobre a prancha. *Foi então – foi então que lentamente como de uma bisnaga foi saindo lenta a matéria da barata que fora esmagada.*

*A matéria da barata, que era o seu de dentro, a matéria grossa, esbranquiçada... Pára! Agora você foi longe. Que nojo desse bicho imundo! Tenho náuseas como nunca tive no mar. E a minha barata, a quantas andarás? Lentamente, o surfista vai escorregando a vista para o chão, onde sua barata permanece aprisionada, sob o dicionário. Um arrepio de horror percorre seus músculos retesados. Ela, também ela, como uma bisnaga espremida, tem sobre a metade visível das costas um monte de matéria branca que ele adivinha pegajosa. Resolutamente, alcança a porta à procura de ar. O furioso vento sul ruge ameaçador. Fecha a porta. Acende a luz, voltando para o sofá. De quem sou mais prisioneiro agora? Do vento? Da barata? De mim mesmo ou da vontade dessa mulher maluca? E a angorá do pêlo lustroso, de quem é presa? Da própria beleza? Quanto mais alto o poder, mais pesadas são as amarras. Se fosse uma gata qualquer, amarela rajada de preto, magricela e feia, seria a dona de seu telhado. De lá, povoaria as noites de lua cheia com miaus de orgasmos incontidos. Resignado, volta ao livro: ...*Eu sabia que o erro básico de viver era ter nojo de uma barata. ...Então aquilo que, por piedade por mim, eu não queria pensar, então eu pensei.* O surfista interrompe a leitura, intrigado. Se o que a moça pensa é o que ele pensa que ela está pensando, ele começa a não gostar. Será que ela seria capaz? De má vontade, olha sua barata. Quieta, ela parece meditar. De suas asas, abertas em cruz, surgem ligeiros movimentos. Teria dor? E sede? Vontade de voar? ...*É que a redenção devia ser na própria coisa. E a redenção na própria coisa seria eu botar na**

*boca a massa branca da barata*. Indignado, o surfista dá um pulo. Não há mais dúvida. A intenção da autora, através da personagem, é clara como água: numa auto-imolação sem precedentes, ela comeria da matéria branca da barata (agora amarelada). E o pior: como uma aranha sedutora, tinha enroscado em sua malha o leitor. Não haveria escapatória nem piedade nem apelação: o leitor era seu convidado de honra. Participaria com ela do macabro festim. Mas não antes que tivesse purgado todos os pecados da humanidade. Não sem ter antes percorrido as quatorze estações da via-sacra. O pior não é passar pela situação. O pior é reconhecê-la irreversível. O pior não é a agonia da morte – a passagem; o sadismo está na certeza dela. A longa e irreversível espera. Essa ucraniana está muito enganada se pensa que me arrasta com ela na agonia da espera. Se tem de ser, será agora!

Resolutamente, o surfista caminha até sua presa. Sobre a metade visível de suas costas maceradas, a pasta pegajosa da matéria de todos os tempos, desde a mais remota pré-história, é a pústula viva da humanidade podre. É o que somos e o que merecemos. Todo o sal do mar, em eternidade de ondas galgadas, não fora suficiente para curar a podridão de sua carne. Se assim tem de ser, vamos ao banquete dos imundos. Sobre a escrivanhinha do professor, ele encontra um fino estilete usado para cortar papéis. Lentamente, quase levitando, aproxima-se da barata. De joelhos, pede perdão pela violência cometida contra ela. Gratuita e desnecessária. Não, não estava escrito que um dia, na sua eternidade, ela teria que oferecer seu sangue e sua carne em favor da humanidade. Não antes do pecado. Por outro lado, ele, enquanto algoz, não passa de vítima. Não passa de um instrumento nas mãos da história. Raspa com cuidado a matéria viva da vida, acumulada sobre a ferida nas costas da barata. Sente espasmos de nojo. Sobre sua língua crispada, a matéria tem o gosto do cheiro das baratas. Estava consumado o ato. E não fora mais difícil que tinha sido a espera.

Acorda com os primeiros raios do sol. Uma quietude estranha apossara-se do ambiente. O vento sul deixou de

soprar. Ao seu lado, no sofá amarelo, dorme a dengosa Vesta de pele lustrosa. Que noite! Mais sonhei que dormi. E que sonhos estranhos, macabros! Nunca necessitei tanto de uma pasta de dentes. Nossa, como aquele livro mexeu com minha cabeça! Ainda bem que o sol voltou. Vou tomar um belo de um café e, depois, ondas, liberdade! Caminhando apressado em direção à escada, nem percebe a presença inconveniente de uma barata morta, meio esmagada por um grosso dicionário.



## ROSA ROSALINDA

Ah, sina, maior das injustiças! Um nome tão bonito, poético, designação de flor perfumada, e sua portadora não receber nada, nadinha do esplendor daquele nome?! Cabeleira desgrenhada, olhos miúdos, vermelhos pela irregularidade do sono, um sono molestado pelo ferrão de fantasmas (pulgas, pernilongos); braços finos, dedos encardidos, emporcalhando o peitoril da janela, empanando a visão de um mundo limpo, decente.

– Sai, Rosalinda!

– Pode deixar, Dina, ela não está perturbando.

– Tá sim, mãe. É feia e fede.

– É nisto que dá deixar o portão aberto. E pode apostar como aí vem a matilha. Estão sempre seguindo os passos da destrambelhada, farejando migalhas. Dina, diga ao Alcebíades para trancar o portão.

– Sim, patrão.

De repente, saindo do nada, ali está Rosalinda, emoldurada pela nobreza do jacarandá da janela da sala de jantar. É a imagem viva da triste obra criada pelo talento medíocre de um pintor anônimo. Desiludida, olha sem ver. De onde terá saído? Seus olhinhos murchos, estriados de fios de sangue, carregam o cansaço triste, escorraçado, que vi um

dia nos olhos miúdos de um morcego velho, no beiral da igreja azul da praça. Xô, morcego, gritam as crianças apavoradas:

– Fora, Rosalinda!

Entorta um pouco mais a cabeça, piscando pálpebras lentas, indiferentes. Coloca uma das mãos – enrugada, unhas compridas, maltratadas – sob a face sulcada, um emaranhado de rios, cada um representando uma desilusão. Não diz palavra. Será que desaprendeu de falar? Um vento nervoso levanta seus cabelos desgrehados.

– Fora!, repetem as crianças.

– Calma, gente, ela não está fazendo nada!

– Mas atrapalha, mãe. É feia e fede. Olha como esta sala ficou escura, feia. Perdi a fome.

Rosa Rosalinda só pode ser cria do tinhoso: veio com a intenção de desorganizar, atentar contra a coerência de um mundo que nasceu com pretensões de perfeição. Seu feiúme atenta contra a harmonia daquele início de tarde de setembro, a primavera chegando, entrando pela janela, pelos poros de toda gente, louvando, confirmando mais uma vez o valor, a importância da beleza. Uma intrusa formando um triste contraste. Atrás de sua figura encolhida em rugas profundas, o jardim explode violentamente tropical. São árvores exuberantes, poderosas. Em suas raízes corre não a seiva natural das plantas. Ali, navega o ardente sangue do povo latino. Forte e explosivo. Trepadeiras abrem em cachos trançados, grinaldas entrelaçadas coroando frentes altivas de árvores nobres. No centro do jardim, esguios como bailarinos, pisando um macio tapete de folhagens verdes, bordado em delicadas flores multicoloridas, um casal de jovens lindamente nus, ternamente abraçados. Unificados. Apaixonados, eternizam, no mármore, o ato do amor. O momento da concepção. Tudo público, natural. Escandalosamente unguídos pela cumplicidade de um sol radioso. Rosa Rosalinda emoldurada, triste obra de um pintor falido. Quem compra? Quem leva?

Repentinamente, desprendendo-se da moldura, invade a sala dos comensais a aberração: vestes imundas, o ventre

deformado. Com ela entra a descomunal feiúra de um mundo aleijado. O cheiro da banda podre da vida.

– Fora, Rosalinda!, gritam as crianças.

– Sei que você tem piedade dela, amor, eu também tenho, mas, convenhamos, é um espetáculo agressivo demais para as crianças. Desnecessário, você não acha?

– Deixe! Nossos filhos precisam conhecer o outro lado do Éden. O lado podre existe, não existe? E foi criado por Ele, ou pelo outro, não sei. Se existe, tem sua razão de ser. Não temos o direito de negá-lo. Ignorá-lo. Bani-lo de nossas vidas.

Nasceu feia. No estropiado mundo dos pobres. A mãe estava conformada com a aspereza da vida, com a rusticidade do tanque de lavar. Entretanto, esconjurou aquela nova provação. Desconcertada, escarafunchava os miolos em busca de uma solução. Decidiu apostar no poder de um nome para revogar a sina daquela filha mais feia que as outras. Pensou em colocar Antônia, em homenagem ao santo do amor, mas não era um nome bonito. Mais tarde, na hora certa, se fosse necessário, cozinaria a imagem do santo no feijão, forçando, obrigando-o a arranjar marido para a filha desprovida de beleza. Rosa Rosalinda, cantarolava baixinho para ninar o sono da menina, chamar o milagre, atrair melhor sorte; espantar os maus presságios noturnos. Na escola, a menina feia demais para o gosto dos colegas, não era bem aceita. Foi ficando retraída, escondida nos cantos escuros dos corredores. A mãe morreu esperando pelo milagre. A filha continuou lavando as trouxas de roupas finas: toalhas de linho, lençóis de cambraia ricamente bordados. Vestidos de seda macia lavados com sabonete cheiroso (Cuidado, Rosa, este vestido custou uma fortuna!), blusas abertas em rendas (que abrigavam corações fechados). Do pai, nunca soube. Nem nunca perguntou. A mãe também não falou. Quem falou foi uma das patroas. Ouviu sem querer. Antes não tivesse ouvido. Quem é o pai dela, você sabe? Sabe Deus. Pobre não tem pai. Só mãe, quando tem. Sonhava com um príncipe. Apareceu um sapo. Violentada, aceitou agradecida o resultado do estupro. Perdeu o filho.

Perdeu os dentes. Perdeu a razão. Amarrou uma tira vermelha na altura do ventre. Rasgou o lençol mais branco do mais fino linho bordado. Pelo decote, foi recheando com alvas tiras do lençol o vestido encardido. Na rua, virou alvo de galhofa da molecada.

– Olha a Rosalinda paçuda!...

– Rosalinda, que é que você tem no bucho?

– Meu nenê. Nana nenê que o bicho vem pegá...

– Nenê?!

– Aposto que tem restos de comida também.

– Então vamos fazer a gata parir. Aperta, gente, aperta mais, puxa os trapos com força, força, gente, puxa!

– Pariu!!... uma lata de marmelada, oba!

– Dina, leva a Rosa pra cozinha. Faz um prato bem bonito pra ela. Bem grande.

– Sim, patroa.

– Comeu direitinho, Rosalinda? Olha, vou te fazer uma proposta irrecusável: se você deixar de colocar esses trapos imundos na barriga, te dou um vestido lindo, novinho em folha.

– De seda?

– De seda. Do jeito que você quiser. Pode escolher no meu armário.

Perdeu a barriga. Ganhou o vestido. Perdeu a identidade. Na rua, não despertava mais o interesse da molecada. Murchou. Encolheu. Morreu.

## SÓ PORQUE ERA SEXTA-FEIRA TREZE\*

É calor constante, incômodo. Ininterruptas labaredas comendo suas costas feridas. Seria simples, um gesto apenas. O braço esticado, o dedo em riste e o fim do mal-estar. Antes, era assim, agora, o aparelho de ar quebrado.

Faz quase uma semana que ela vive naquele inferno e não tem ânimo para chamar o técnico. Resolve ir à cozinha tomar um pouco de água bem gelada. Passando pela sala de jantar, vê as horas no relógio de parede: 3:13. Tinha que ter um treze. Na geladeira, o vidro vazio. Assim já é exagero, Gláucia, antes o vidro de água estava sempre cheio, agora é esse transtorno, pensa. Do mais esquecido fundo, seu lado genuinamente mulher põe a cabeça para fora cobrando choro. Está para capitular, quando vê a porta do banheiro. Entra. Faz um longo e ruidoso xixi em vez de chorar.

Três dias tentando escrever sua crônica semanal. Parece mentira, antes eu escrevia numa sentada. Olha aí o *antes* outra vez. Antes não tivesse conhecido o Matheu, teria evitado isso: minha vida dividida em antes e depois dele.

---

\* Premiado no IV Concurso da Associação Artística e Literária *A palavra do século XXI*, Cruz Alta-RS, este conto foi publicado na coletânea *Estalidos*, em 2001.

Lembra-se de cada detalhe. Era um fim de tarde apressado como eles são no jornal. O pessoal da impressão cobrando, exigindo agilidade. Uns fechando a matéria, outros atrasados; aquele que nem chegou da rua, com o furo do dia. Gritaria do chefe que se espuma em suor e banha. Entra e sai. Máquinas trabalhando a todo vapor.

Como de costume, ela já havia entregado sua matéria. Sem pressa, pega dentro da bolsa o estojo de maquiagem. Retoca o batom, aprovando a imagem refletida no espelho. Não que acredite totalmente na verdade dos espelhos. Em momentos de grandes reflexões, duvida deles. Não é esse o caso, agora. Tem um encontro, daqueles sossegados, quase rotineiros.

Vê, primeiro, a mão estendida num gesto de cumprimento. Depois o tórax que vai-se alargando até terminar em ombros quadrados. Saindo de dentro da camisa de malha azul-marinho (adora camisas escuras), o pescoço vigoroso. Antes não tivesse encarado aquele sorriso aberto, o olhar penetrante.

Deveria ter-se precavido, era uma sexta-feira treze. Em vez disso, olhou. E viu. E era o mais sedutor dos sorrisos. – Gláucia, pois não? – Pois sim. E o senhor, quem é? – Ah, não, sem essa de senhor, pareço assim tão velho?

Ai, ai, ai, tanta beleza num dia aziago era para desconfiar. Desconfiou, mas ficou ali parada, os joelhos trêmulos. Moreno, olhos claros, mãos vigorosas. Se não é visão, só pode ser casado e bem. Sente um arrepio. E se for soropositivo?

Era casado sim, disse que mal. Como é que ela ia saber se ele mentia, ou pior, se era ou não aids?

Vinha da sucursal de Recife. Ficaria três dias na cidade colhendo dados sobre o escândalo da penitenciária. Ela tinha sido designada para acompanhá-lo naqueles dias.

Não foram setenta e duas horas. Foi o tempo petrificado em momentos de amor. Usou de seu prestígio para lhe abrir portas. Ele abriu para ela portas de carro, elevador, apartamento. À medida que abria, ia fechando. Garante que abriu também o coração. Falou da infelicidade no casamento. Da incompatibilidade generalizada. Ele era da lua, ela do sol.

Não acredito numa única palavra do que ele está dizendo. Não falou. Ficou quieta, ouvindo, imaginando. Ficou quieta ainda quando ele começou a desabotoar seu vestido. Mente quando diz que não ama a esposa. Mente quando diz que tem carinho por mim.

Calada, foi dele quantas vezes ele quis. No elevador, no carro, na cozinha, no banheiro da penitenciária. A última vez, foi na cela abandonada de onde os presos tinham fugido (*misteriosamente*) pouco antes de metralharem meio mundo lá fora (a liberdade de uns é gaiola de outros). Havia uma barra de ferro no chão. Exageraram e ela feriu as costas na barra enferrujada.

Ele se foi, não deixando endereço, telefone, nada. Entre carícias afogueadas, prometeu que voltaria. Ela não acreditou. Não disse não ter acreditado. Nem por isso deixou de sofrer.

Deu para pensar em como seria a mulher que o aguardava no aeroporto. *Flashes* rápidos (um olhar disfarçado para o vestido vermelho na vitrine, um comentário casual sobre determinado perfume) possibilitavam a formação de pedaços de imagem. Deve ser morena, caso contrário ele não levaria um vestido vermelho. Calêche: como eu, ela tem preferência por perfumes secos. Pensava também em quadrantes de outros amores perdidos.

O tempo voltou a andar em ritmo de tartaruga. Só ficou o cheiro dele entrançado em sua vida, e aquela desorientação na cabeça. – E a crônica, Gláucia? – Amanhã. – Ontem você prometeu pra hoje. Gláucia, você nunca foi assim!

Nunca, nunquinha mesmo. Estou na contramão do tempo, no contrário de mim. O calor aumentando, labaredas engolindo aquele ponto nevrálgico em suas costas. Resolve olhar no espelho. Pega um pequeno, ficando de costas para o grande, do banheiro. Assusta-se. A ferida tinha aumentado. Estava vermelha como uma rosa. Foi a verdadeira declaração de amor que ele me deixou. Viva. Sei que as rosas têm vida curta. E essa? Não faz nada, nem coloca mercurocromo.

Mais tarde, o braço, muito quente, começa a doer. Tem um nódulo na axila. Com a ajuda do espelho pequeno, olha a

ferida nas costas. Parecia ainda maior e mais vermelha. Minha rosa de amor! Dói menos que a outra dor. Dor de amor dói mais que as outras. Mais que qualquer ferida.

Não dormiu nem foi ao jornal. Não comeu. Ou comeu? Não sabe. Sente uns calafrios estranhos e o queixo batendo descontroladamente. Sem o calor fica mais fácil dormir. Dorme, não dormindo. Por quanto tempo? Não sabe dizer. Só sabe que a temperatura voltou a subir. É dia ou noite? Como saber, se seus olhos não vêem mais que uma penumbra indecisa? Antes de se deitar, tinha fechado as cortinas, cuidadosamente. Aciona o interruptor. A luz, milhões de fogos de artifício, explode em suas retinas. Devo estar fazendo uma conjuntivite, não suporto a luz.

Permanece deitada (de lado), pensando nele (de frente), a dor repisada, doendo uma dentro da outra. O coração batendo nas costas, no ritmo do sofrimento, irrigando a ferida-flor-de-amor. Mas o que é a dor senão a confirmação da vida?! E a morte, não seria o não à dor? Então o que é a morte, um ato de coragem ou covardia? Viver ou morrer, eis a questão... A campainha. O braço estendido (como o dele) treme (o dele nunca tremeu). A chave escapa de seus dedos enrijecidos, indo cair, sem ruído, na maciez do tapete. Procura, em vão. Insiste, ainda, a campainha. Antes eu sabia onde fica a chave reserva, mas agora... Deitada sobre o tapete, respira fundo, tentando alcançar o ar que foge, em divagações... ou não? O cheiro do Matheu nunca esteve tão próximo, é como se ele estivesse ali, detrás daquela porta! Ainda a campainha. Amanhã eu encontro as chaves, amanhã, agora o sono é maior que a vontade.

A última coisa que ela haveria de lembrar (se é que lembraria), antes de cerrar para sempre as pálpebras, era o som de passos afastando-se em direção ao elevador e o cheiro dele sendo levado pelo ar inclemente.

## TERRA NUA

*Limarás tua esperança  
até que a mó se desgaste;  
mesmo sem mó, limarás  
contra a sorte e o desespero*

Carlos Nejar

**M**anquitola pedregulhos. Respira, pesadamente, o hálito morno de um descampado sem fim. Castiga-lhe o nauseado juízo, um sol de brasa tremeluzindo lonjuras vermelhas. Seus pés descomunais mergulham macios na poeira. Se sentar, não levanta. Um dia, depois de semanas sem encontrar verde algum, experimentou comer daquele pó fino, macio, que acarinha a deformidade de seus pés. Nos três seguintes dias, teve cólicas e diarréia. Nunca mais tentou.

Entranhado na pedra, escorregadio par de olhos. Um negaceia o outro. Pele e ossos cada um. É covardia comer a astúcia de um sobrevivente. Sabe, reconhece. Mas a fome, que nem fome mais é – é antes um estado permanente de enjôo como o de mãe quando tinha filho na barriga –, exige providências imediatas. A pedra é o escudo. E rodam, medindo a distância, cronometrando o momento do bote.

Um foguinho anêmico feito com gravetos de arbustos apodrecidos. O gosto cinzento da carne magra, chamuscada e engolida em grande pressa. Sabe que terá de se ver com a sede até o imprevisível momento em que seus pés localizem a frescura de alguma extinta nascente. Daí, é cavar com unhas de tatu. Está acostumado a beber da água barrenta.

Mãe dizia que tataravô contava histórias de águas cristalinas e de verdes matas. De uma terra todinha vestida de vegetação. O menino duvida, às vezes. Mãe nunca teve firmeza de pensamento. Cada filho que paria, avariava ainda mais seu juízo. No sexto, destrambelhou de vez. Colocou os filhos no cercadinho dos porcos, construído quando ainda havia porcos. Com o facão, cortou a cabeça de todos. Ele, o mais velho, mais forte que ela, conseguiu escapar. Assistiu a tudo, escondido no oco do ipê seco. Depois de chupar o sangue de cada um dos filhos, mãe cortou a própria cabeça. A visão daquele gesto de loucura extrema, secou as lágrimas do menino. Para sempre, seu choro transmudou em careta estranha, de lábios arregaçados, olhos esbugalhados, parecendo antes um riso macabro. Enterra todos na boca sedenta da cisterna. Despede-se da casinha onde nasceu e nunca mais quer voltar; da tristeza dos mortos que, semiescondidos detrás da moita rala de bambus, imploram ao menino que fique. Com os olhos espichados de desencovar lembranças de tempos menos ruins, pega o rabo empoeirado da estrada, um caminho alargado pelo vaivém de pés nômades zonzando atrás do que comer. Sonha alcançar o pai que se debandou assim que a barriga da mãe começou a estufar, provocando rachaduras no tecido gasto de seu derradeiro vestido.

Caminvaga solidões montanhosas, depressões. Finalmente, o termômetro de sua ancestralidade indígena capta sinais de água sob a terra crestada. Põe-se a cavar com ganas de tatu acuado. Em seu estômago, a carne esturricada do lagarto dá voltas, cobrando urgência. Sorri, vitorioso, quando a terra se abre em sangue vivo. Espera, paciente, que a água fique menos turva, o tempo escorrendo barrento, alambicando seu pensamento vadio. Aninha-se de bebê na tepidez do seio e mama consumido em desalentado desejo de ali ficar convertido em eterno. De ser terra. Pó como mãe e os irmãos.

Acorda com a espantada presença de um humano que parece duvidar da aparência do menino, calcificada em barro.

- Tu é gente ou bicho, Pequeno?
- E alguém sabe? Qual a diferença?

– A fala. Tua fala faz a diferença. Faz o que nestas bandas?

– Tô procurando o pai e a mata verde que mãe dizia que tataravô dizia que os índios guardavam.

– Qual nada, Pequeno, a mata de teu tataravô foi comida, pau a pau. Os índios derrubaram e venderam aos madeireiros, faz é séculos, te contaram não?

– Tu mente, branco safado, nunca que o índio ia derrubar a mata, sua única garantia do de comer. Tataravô sabia o que dizia. Tataravô era homem verdadeiro, mãe contava.

– Acredito em tua mãe; na verdade de teu tataravô. Desacredito é do homem branco que poluiu a pureza da mente do índio. Lhe ensinou o gosto pela cachaça, a cobiça pelo dinheiro. Índio aprendeu com os brancos. Vendeu a alma ao diabo, vendeu a mata. Morreu o índio, morreu aquela floresta.

– Tu mente, velho safado! Em algum lugar ela tá de pé, verdinha, coalhada de bichos e de plantas que curam doenças. Tataravô sabia preparar remédios que curam males do corpo e da alma.

– Sabe, Pequeno, te respeito. Te admiro. Tu conseguiu tirar água da terra esturricada. Tu tem cravejada no sangue a sabedoria de teu tataravô, mas, a mata, essa tá só aqui na minha, na tua vontade, Pequeno. Na vontade de alguns. A vontade é que governa o mundo, Pequeno, que faz a diferença entre a razão e a alucinação. Mas cada um tem que botar no seu querer muita fé. Só a fé pode mudar o querer em ser. Quer uma prova? Tu conhece mulher?

– Conheci mãe, avó, umas tias apalermadas e minhas irmãs. E agora, na infinitude de tantas estradas, vi algumas assim de través.

– Falo de um outro conhecimento, Pequeno. Mesmo na magreza, tu já ta taludinho. Já tem em si o dom da vida. O sagrado direito à satisfação de gerar. Fecha os olhos, Pequeno! Isso! Agora, tu é só cabeça, pensamento. Pensa em uma menina bonita! Vê o balanço de seus cabelos, a harmonia da marcha, o corpo dela vindo ao teu encontro? É linda a garota, Pequeno, e é tua e te deseja, Pequeno! Vê seus peitinhos atrevidos?

Pode tocar os seios, o corpo da menina toda. Sente o sangue correndo apressado em tuas veias, sente? Aí, Homem! Agora, descansa enquanto teu mel alimenta a fome de vida que assola a terra nua. Um dia tu vai encontrar uma mulher em carne. Vão se amar. Os dois vão falar da mata verde de teu tataravô aos filhos de tua carne. Eles saberão. E, enquanto um acreditar, a floresta existirá, é coisa certa, Homem, coisa gravada na sabedoria de poucos!

## TRANSMUTAÇÃO

*eu não sou eu  
nem o meu reflexo  
especulo-me na meia sombra  
que é meta de claridade  
distorço-me de intermédio  
estou fora de foco  
atrás de minha voz  
perdi todo o discurso  
minha língua é ofídica  
minha figura é a eclipse*

Sebastião Uchoa Leite

Fila enorme de turistas. Os grupos, acompanhados por guias, estavam livres de pegá-la. Antônio, nosso caquético guia português, pediu que aguardássemos à entrada do museu, enquanto ia providenciar os ingressos. Achei que teria tempo suficiente para dar uma olhada nos imensos pátios do magnífico Palácio de Versailles. Pelo mapa, vi que estávamos no primeiro dos três, o Cour des Ministres.

Vagarosamente, fui caminhando em direção à estátua eqüestre de Luiz XIV. O forte sol do verão europeu castigava meus olhos cansados de quase trinta noites maldormidas. Aquele pátio, seguramente, era maior do que eu tinha imaginado. A meio caminho da estátua, resolvi retornar à entrada do castelo. Nesse instante, comecei a ouvir um tropel de animais. Percebi também que alguém segurava meu braço. Fiquei aturdida. Inexplicavelmente, encontrava-me cercada por um bando de cavaleiros montados. Todos a caráter, saídos das páginas de um livro de História. Apenas o que me segurava pelo braço havia desmontado.

Com olhos espantados, eu procurava a multidão de turistas. Não havia nenhum. Meu grupo também desaparecera. Na confusão, o palácio me parecia diferente.

– Com licença, preciso encontrar minha turma antes de entrarem no museu.

– Palácio, você quer dizer. Ninguém poderá mais entrar. Sua Majestade acaba de retornar da caça.

– Sua Majestade? Que brincadeira é essa?

– Como brincadeira? O rei Luiz XVI acaba de retornar da caça, repito, e ninguém mais entra no castelo, fui claro?

– Claríssimo. Apenas não tem o direito de atrapalhar minha visita ao museu com suas histórias de mau gosto. Você é muito simpático e seus amigos também. Não faço a menor idéia do motivo pelo qual estão aqui, se vestem assim, mas agora, por favor, me dê licença.

Tentei, sem resultado, furar o cerco dos cavaleiros à minha volta. Seu número aumentava, estreitando meu espaço. O barulho dos cascos dos animais contra as pedras era assustador.

Procurei manter a calma. Não tínhamos sido avisados, mas certamente estavam fazendo tomadas de cena, ali em Versailles, para algum filme histórico. Antônio deveria estar louco da vida à minha procura. Melhor que eu colaborasse, indo ao encontro dos outros. Apelei para o cavaleiro ao meu lado, único ali a merecer esse adjetivo.

– Por favor, diga a seus amigos trogloditas que não passo de uma turista brasileira (meio suspeita, como todos os turistas, mas que não morde), estudante de arquitetura, que deseja conhecer o palácio e seus jardins antes de voltar ao Brasil, diga!

– Quanto aos jardins, não haverá problema. Posso acompanhá-la com o maior prazer. Mas no palácio, conforme já disse, é impossível entrar. São ordens do rei.

– Cabeça dura, você, hein? Se é algum ator fantasiado de cortesão, vá logo com seus amigos para a filmagem e me deixe em paz. Este é meu último dia na França e vou conhecer este museu, quer você queira quer não.

– Museu? Você deve ser mesmo louca. Eu já disse, este é o palácio do rei. Não tenho a menor idéia de como entrou aqui, mas, já que entrou, está em plena corte do rei Luiz XVI.

– Luiz XVI, é? Tá bom, vou fazer seu jogo. Senhor escudeiro, sou uma dama da corte... austríaca. Acabo de chegar à França e desejo conhecer as dependências do palácio, falei claro? Não arredo pé de Versailles sem antes ter penetrado em seu interior, e conhecido sala por sala. Os aposentos do rei, da rainha, das concubinas, amantes e todo o resto. Só saio depois que tiver registrado minha imagem nos espelhos da famosa Galeria, entendeu, seu bufô do rei?

Enquanto fazia meu discurso, ia observando o homem fantasiado. Tirando aquela horrível peruca loura, era bonito o francês. Não tinha nariz grande nem cheirava mal. Talvez não fosse francês como eu não era.

– Promete se contentar com a Galeria dos Espelhos e os jardins? Os aposentos, não dá mesmo. O rei, como todo rei, é dono de um temperamento difícil. Quer dizer, talvez nem fosse se não andasse pela cabeça da mulher, aquela tirana. Qualquer desobedienciazinha à-toa, é calabouço na certa.

Pensei um pouco. Como aventura, para meu último dia de férias, estava acima de qualquer expectativa. O tipo, além de belo, tinha humor.

– Tá bom, eu topo. Vamos à Galeria.

O cavalheiro imediatamente ofereceu-me o braço, enquanto os outros iam se afastando. Tomando ares de princesa, comecei a erguer a mão. Foi aí que, bestificada, percebi minha transformação. Luvas em pleno sol de meio dia? Vestido de tafetá, babados, anáguas? Não, o homem não é ator. É no mínimo ilusionista. E minhas finanças? Disfarçadamente, abri a minúscula bolsa que tomara o lugar da mochila. Os bagulhos sem valor, como espelho, batom, tinham desaparecido. Mas o passaporte, o cartão de crédito e algum dinheiro continuavam ali. Apesar de confusa, fiquei aliviada.

Confesso que começava a gostar daquele jogo inexplicável. Minha consciência incomodava-me um pouco pelos cuidados que provavelmente estaria dando ao guia. De qualquer forma, eu não era a primeira a me desgarrar do grupo. Ontem mesmo uma garota desaparecera na multidão do Louvre.

– Às suas ordens, cavalheiro.  
– Aos jardins ou ao interior?  
– Ao interior.  
– Nesse caso, teremos de passar ao segundo pátio, o cour Royale. Já esteve lá?

– Não, eu acabo de chegar a Versailles. Estava à espera de meu ingresso... O resto você já sabe.

– Fique tranqüila. No que depender de mim, vai ser um grande passeio. Do Cour Royale, tem-se acesso à fachada Ocidental do palácio, a mais famosa e, sem dúvida, a mais bela. De lá, através da ala Gabriel, entraremos no interior do castelo.

Eu ainda bebia, em pequenos goles, a beleza da fachada ocidental, quando meu companheiro, todo delicadeza, pediu licença para vendar meus olhos, dizendo que eu só poderia abri-los quando ele mandasse.

– Ah não, percorrer esse mausoléu de olhos vendados, fantasiada de dama antiga? Não dá mesmo.

– Calma, se necessário eu a carrego nos braços. Estou acostumado aos fricotes das damas.

– Está me chamando de fricoteira? Devolva o meu jeans e vai ver.

– Jeans? Que coisa é essa?

– Não me faltava mais nada, encontrar um louco em Paris. Tá bom, faça o que quiser, a responsabilidade é sua.

Caminhando no escuro por intermináveis corredores, perdi a noção de tempo e espaço. Era estranho e familiar o eco de nossos passos no ladrilho. A segurança daquele braço rodeando minha cintura, minha cabeça aninhada em seu peito largo tinha gosto de coisa longamente desejada. Estremeci, não sei se de medo, frio ou prazer. Seu abraço se fez mais carinhoso, enquanto me vinha à memória o sorriso enigmático de Mona Lisa, no dia anterior (ou séculos atrás?). Além disso, não posso jurar, mas penso ter visto nos olhos da Gioconda a mesma malícia que alguns viram nos de Capitu.

– Pronto, chegamos, pode abrir os olhos.

O cenário foi se fazendo aos poucos. Setenta e cinco metros de comprimento por dez de largura... de pura magia.

O verde e a paz dos jardins refletidos nos dezessete espelhos inundavam de luz multicolorida, o interior. No centro, olhos nos olhos, um casal apaixonado. Sorri, completando a harmonia do conjunto.

– Gostou?

Fiquei lívida. Era a voz do desconhecido, mas não éramos nós. Ou?... A dama refletida no espelho tinha meus traços, mas a pele era de porcelana. Tinha uma peruca loura, cacheada como a dele, e um chapéu vistoso, enfeitado com plumas. Em qualquer outro lugar eu estaria ridícula. Não ali. A caracterização era perfeita para o ambiente. Ele, esguio com seus calções justos até a altura dos joelhos, botas de salto. O olhar atrevido, firme. Sem dúvida formávamos um par maravilhoso, digno da ocasião.

– Uau! Como parecemos bonitos! Você é muito mais que um mágico! É um bruxo!

– Nós somos bonitos.

– De que época são estes trajes?

– Época? Você tem cada pergunta! Século XVII, é claro, não é nele que estamos?

– Ah! Havia tanta certeza na afirmativa dele que estremei. E se realmente eu tivesse entrado no túnel do tempo? Não, isso é ficção, coisa de filmes. Olhei em volta. Estávamos sós, o cavalheiro e eu. Não havia um único turista em toda a galeria. Da abóbada, arrogantes figuras nos olhavam vitoriosas. Que é que aquela gente poderia ter contra mim?

Toda a magia da sala desapareceu. No espelho surgiu a pálida figura de uma senhora, bela, ainda jovem, caminhando passivamente para a guilhotina. Maria Antonieta, a frívola que acabou decapitada?

– Basta! Quero sair daqui!

– Calma, não precisa gritar. Vamos aos jardins, então.

Quase tive uma vertigem quando o sol atingiu meus olhos acostumados à penumbra. A cabeça latejava, febril.

– Respire fundo que passa, era a voz zelosa de meu companheiro. Olha a paz do verde dessas alamedas.

Estávamos em frente ao tapis vert (tapete verde), uma alameda larga que leva ao Grand Canal.

– Espere aqui, enquanto pego uma gôndola.

Como amantes apaixonados, fomos navegando. Eu já nem estranhava a ausência dos turistas. Através de um braço do Canal, atingimos o Petit Trianon.

– Agora você é minha cortesã favorita, em seu palácio.

– Ah, é? Pensei que fosse única.

– Talvez você prefira ser a rainha...

– Não, cortesã é melhor. As rainhas só servem para chorar, rezar e procriar, quando procriam. E você, quem é?

– Se ao menos eu soubesse, ele respondeu sério.

A sós, em nossa gôndola, aos pés do Petit Trianon, palco de amores proibidos, seus lábios buscavam os meus. Quanto tempo ficamos ali? Não sei. Sequer posso afirmar que ele tenha me possuído. Sei apenas que por um tempo infinito eu tive nos braços o mais cáldo e ardente amante do mundo. Um Dom Juan de Marco, cuja nacionalidade ignoro. Francês, não parecia. Italiano, talvez. Eu só sabia daquela paixão tresloucada que me dominava por inteiro.

Quando o sol se escondeu atrás das árvores que margeiam o canal, retornamos ao palácio. Ouvi ruídos de festa. Meu companheiro disse que a música vinha do Grande Apartamento do Rei, onde ele estava recebendo a corte. Deveríamos passar sem fazer barulho.

Ignorei a advertência. Eu tinha perdido o medo, assim como a sensatez. Segurando a cauda de meu vestido de baile, comecei a dançar, cantarolando a valsa. Dois pares de guardas foram se aproximando, ameaçadores. Em vão, meu companheiro tentava explicar minha presença inexplicável. Dois brutamontes agarraram-no pelas costas enquanto outros me empurravam rumo ao portão de entrada. Arrastada sobre as pedras ásperas do pátio sem fim, debatia-me loucamente. Minhas vestes viraram trapos.

Fora dos portões do palácio, onde fui atirada, bocas desdentadas, de todas as idades, clamavam por pão. Eu não sentia fome. Não tinha o fedor deles e meu corpo era vigoroso. Mas o tempo, essa coisa inexplicável, iria passar... ou não?

## VINGANÇA, JUSTIÇA DIVINA OU CONSPIRAÇÃO DO DIABO?

**E**ra literalmente quadrada. Ombros largos e altos. Sem declive. A cintura no mesmo nível dos quadris. Pernas grossas e retas. Pesadas. Pouco busto para tanto tórax. Rosto largo, maxilares fortes. Nenhuma feminilidade. Ausência completa de atrativos.

Bem, para alguns, talvez possuísse o maior deles: fortuna. Ninguém no colégio ignorava que seu pai era um dos maiores pecuaristas da região. Isso lhe conferia grandes poderes. Poderes com requintes de maldade dos quais ela usava e abusava contra nós, mortais comuns.

Hoje reconheço o quanto aquela nossa normalidade a incomodava.

Éramos um grupo barulhento de adolescentes bonitinhas. Magras, pernas finas, um tímido início de busto. Umas razoavelmente ricas, outras não. Em todas, a confiança inabalável nos poderes mirabolantes dos hormônios como garantia de um crescimento sadio e uma silhueta perfeita, num futuro muito próximo. Até então, tudo o que eles nos acrescentaram fora um enxame de espinhas na cara e um incômodo mensal, que aparecia nos momentos menos oportunos, atrapalhando os jogos de vôlei ou de queimada. Ela, não.

Desconfiávamos já estivesse pronta e irremediavelmente mal-acabada. O apelido veio fácil: Maria Caixote.

Não sendo inteligente nem estudiosa, bajulava. Era o dodói da Irmã Diretora e dos professores, principalmente das religiosas. Língua ferina, delatava sem o menor constrangimento. Perdi a conta de quantas linhas copiei por sua causa.

– Marta, copiar cem vezes: Roubar mexerica do pomar é pecado.

– E dormir com os padres, não é não?

– Trezentas vezes: Levantar falso testemunho é mais ainda.

– Agora são quatrocentas linhas até o final das aulas. E não tente me enganar. Conheço bem sua caligrafia.

Freirinha do capeta. Mesmo contando com a ajuda clandestina das colegas, era tarefa para muitas horas. Os dedos ficavam doloridos, cheios de calos.

Fomos nos unindo contra a maldade da quadrada. No fim, éramos dois grupos rivais, o das feias, por assim dizer, liderado pela Caixote, e o nosso, sem liderança definida. Durante o recreio, ficávamos atentas.

– Cuidado, gente, olha lá a dedo-duro lambendo a bunda da diretora!

– Que lamba, se tem estômago.

– É, mas pode vir chumbo grosso pro nosso lado. De você então, Marta, ela tem ódio mortal.

– E eu dela. Nesse caso, estamos quites.

Não tenho vergonha de admitir. No começo, sentia pavor daquela massa ambulante, capaz de me jogar longe com um simples empurrão. E como se não bastasse sua força descomunal, ainda corriam boatos a seu respeito. Algumas meninas garantiam, sob juramento, que, quando nervosa, Maria Caixote passava por estranhas transformações. Os olhos viravam brasas, a boca salivava e, se a raiva fosse muito grande, uivava como um cão danado. Como nunca vi nada disso, não sentia medo. Com o tempo, fui me acostumando com sua feiúra a ponto de revidar suas alfinetadas. Cão que ladra não morde.

Ledo engano. Seu dia de caça surgiu, quando eu menos esperava. Caí como uma patinha.

Maria Caixote, inexplicavelmente, era amiga íntima do menino mais cobiçado da cidade. Não acreditei quando ele começou a me paquerar. Logo quem, o objeto de desejo da turma toda!?

Não havia dúvida. Era eu a escolhida. O mundo se transfigurou. Foram dias inebriantes, de olhares melosos, carregados de mensagens. Encontrões inesperados nas esquinas, aparecimentos casuais em casas de amigos comuns. Vivíamos nas nuvens. O universo todo, um turbilhão de sobressaltos. Dia e noite, eu não me continha, ansiosa por sua presença.

Gulosa, guardei nosso segredo. Existe na face da terra força maior que a da cumplicidade entre duas pessoas apaixonadas? Naquele barco de enlevo não cabia mais ninguém.

Finalmente, aconteceu, numa sessão de matinê. Lá vem ele firme em minha direção. A mão gela, o coração explode.

– Com licença, posso me sentar com você?

O queixo da turma caiu. Nunca tinha havido segredo entre nós. No olhar de cada uma, a interrogação: Por que você não disse nada?

Uma a uma, elas foram saindo. Ficamos nós dois. A traição tinha sido em dose dupla. Haveria represália. Ele ou elas? Apavorada, não sustentei a situação.

– Acho melhor você não se sentar aqui.

– Por que, mudou alguma coisa? Você sabe que eu quero namorá-la de verdade, não sabe?

– Vou pensar, depois mando a resposta. Agora saia, por favor!

Nem que um meteoro tivesse caído sobre sua cabeça. Nunca vi ninguém tão desnortado.

O tempo passava, eu me roendo toda, estrangulada pela ansiedade. Mas cadê coragem para mandar a tal resposta? Imaginem, o bonitão da cidade preterido por uma pirralha normalzinha feito eu! Seu amor próprio tinha sido atingido em cheio.

O que era segredo ganhou as ruas. Os amigos dele, revoltados, e a Caixote, tramando. Exigindo justiça. Tinha que escurecer para o meu lado. E foi o que aconteceu.

Em pleno recreio, Maria Caixote se aproxima com sua turma. Diz que tem um recado para me dar. O clima é de guerra. Mesmo na divergência, ainda ressentida, minha turma continua me apoiando. Os dois pelotões firmes, prontos para o ataque.

– O recado é do Luiz (mais tesus ainda). Ele disse que você não precisa mandar nenhuma resposta, Marta. Aquilo foi pura gozação. Nunca pensou em te namorar. E mais, que você é baixinha, magricela, tem nariz comprido, é boba e muito metida. Entendeu!? Bora, gente!

Tinha sido curta e grossa, conforme sua figura. Veneno de cobra. Uma bofetada teria doído menos. Acertara em cheio, a cascavel. O nariz era meu ponto fraco. Fiquei em farrapos.

O tempo passou. Não cresci, mas ganhei uns quilinhos a mais, nos lugares certos. A autoconfiança aflorou. Até esqueci que tenho nariz. Conquistei alguns rapazes. Escolhi o meu.

Ostentava uma barriguinha de seis meses. Os hormônios, como nunca, conspiravam a meu favor. Seios rijos, cabelos sedosos, pele acetinada. Sentindo-me maravilhosamente mulher, era a criatura mais poderosa do mundo. Eu não andava, flutuava.

Um dia, em pleno centro da cidade, olha só quem me aparece pela frente: Maria Caixote, mais quadrada, mais pachorrenta, muito mais feia do que aquela de alguns anos atrás, no interior. Não tive dúvidas (devo ter sido instigada pelo diabo):

– Maria do Rosário, há quanto tempo! Você continua a mesma! Olha aqui minha barriga! Já é a terceira.

Pega de surpresa, a coitada fica sem saber onde colocar as mãos. Pergunta, para dizer alguma coisa:

– Terceiro filho, então?

– Terceiro. Já estou encerrando. E você?

– Tenho quatro. Estão todos ali.

Acompanhando a direção de seu dedo, vejo os filhos. No interior de uma caminhonete cabine dupla, quatro “caixotinhos” enfileirados e, ao volante... o Luiz!!!? Não posso acreditar!

A descoberta deixa-me paralisada.

– Rá, rá, rá, te peguei de novo!

Fiquei arrepiada. Aquela não era a voz da Caixote. Estava rouca, cavernosa. Metia medo. E ao me dar as costas, sem se despedir, percebi a mudança. O andar era o mesmo. Pesado, os joelhos exageradamente flexionados. A diferença era um rabo enorme, a ponta levantada, balançando pra lá e pra cá.

Em meu ventre a criança treme assustada.



## O VÍCIO DE ESCREVER

**M**inha dependência em relação à palavra escrita – sou viciada, é preciso admitir isso desde já – vem de longe. Por volta dos doze, ao mesmo tempo em que descobria as transformações que iam tomando conta do meu corpo, descobri também que sabia *escrever*. Não apenas bilhetes, cartas escolares: sabia inventar histórias, contar coisas com originalidade. As redações em aulas de Português eram o meu forte. E descobri mais: isso, que aos colegas custava esforço, para mim era fácil e natural como respirar. Era, além do mais, fonte de prazer. Em compensação, tinha pouca habilidade com as mãos e as aulas de trabalhos manuais, assim como as de matemática (cujos mistérios jamais consegui penetrar) eram o meu pesadelo. Ocorreu-me, então, estabelecer com meus colegas um sistema de trocas de tarefas. Dando vazão à minha habilidade de escritora nata, trocava bilhetes por problemas, narrativas por bordados, dissertações por crochê. Passamos a ser um grupo de escolares aliviadas e com notas garantidas, até uma professora colocar um ponto final nesse próspero negócio.

A descoberta do dom da escrita veio junto com a da literatura: escrever e ler tornaram-se, desde então, duas faces

de uma mesma moeda. Lia tudo, lia demais. Os livros didáticos ficavam esquecidos na prateleira, e eu, esquecida da vida, viajava na ficção. Lia e escrevia. Vieram concursos de redação, trazendo as primeiras oportunidades de ver meus textos impressos em alguns jornais dentro e fora do ambiente estudantil.

O casamento, em 1970, abriu um hiato de mais de vinte anos em minha incipiente carreira literária. Foi um período de latência e de preparação. Adormeceu a escritora dentro do casulo familiar, mas a leitora continuou ativa. Machado, Clarice, Lygia são escritores que homenageio em algumas de minhas histórias. Autores brasileiros, portugueses e hispano-americanos vêm povoando minha imaginação, encantando-me com sua ironia, sutileza, seus imprevistos, seu estilo personalíssimo – e ainda há tanto que ler!

Em 1994, com os filhos criados, senti que era hora de retomar o caminho interrompido. Era tempo de livrar-me do vazio, do desconforto interno de uma tarefa por realizar. Um recomeço difícil, eu me havia tornado mais exigente, mais crítica. A primeira publicação foi uma crônica de tintas feministas, “A mordaga”, na *Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia*. Começaram a surgir pequenas oportunidades, cursos, concursos, prêmios, o estímulo que me faltava para, finalmente, criar meus livros de ficção – contos e romances – compartilhando com o leitor o meu modo de ver o mundo. Este *Prisioneiros do vento sul* é meu terceiro livro publicado. Bem-vindo a ele, leitor!

Goiânia, abril de 2002  
Adelice da Silveira Barros

LIVROS PUBLICADOS:

- *Salada de Capitães* – livro de contos publicado em 1999.
- *Um jeito torto de vir ao mundo* – romance publicado em 2000.

PARTICIPAÇÃO EM COLETÂNEAS:

- *Antologia 1998* – III Concurso de Contos Professor Venerando de Freitas Borges, Goiânia.
- *Antologia Poética e Contos* – Sesi – Arte Criatividade 1997/1998, Goiânia.
- Coletânea *Estalidos* da Associação Artística e Literária *A palavra do Século XXI*, Cruz Alta-RS, 2001.
- *II Antologia 2001*, Prêmios Pórtico, publicado pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores. Rio de Janeiro, 2001.

Seu nome integra a obra *Literatura Goiana: Síntese Histórica*, de autoria de Geraldo Coelho Vaz.

---

Esta obra foi composta em Transit 511  
BT no ateliê da Cãnone Editorial; a  
impressão se fez sobre papel pólen soft  
80g, capa em cartão supremo 250g, na  
Gráfica Bandeirante, em abril de 2002.

---

